

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
COLÉGIO TÉCNICO INDUSTRIAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
MESTRADO ACADÊMICO

Shirley Bernardes Winter

**A POLÍTICA DE EJA EPT NO CTISM: UM ESTUDO SOBRE
AS TRANSFORMAÇÕES VIVENCIADAS NA E PARA ALÉM
DA PANDEMIA**

Santa Maria, RS, Brasil

2021

Shirley Bernardes Winter

**A POLÍTICA DE EJA EPT NO CTISM: UM ESTUDO SOBRE AS
TRANSFORMAÇÕES VIVENCIADAS NA E PARA ALÉM DA
PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Área de Concentração em Educação Profissional e Tecnológica, do Colégio Industrial de Santa Maria/Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação Profissional e Tecnológica**.

Orientador (a): Profa. Dra. Mariglei Severo Maraschin

Santa Maria, RS, Brasil.
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Winter, Shirley Bernardes
A POLÍTICA DE EJA EPT NO CTISM: UM ESTUDO SOBRE AS
TRANSFORMAÇÕES VIVENCIADAS NA E PARA ALÉM DA PANDEMIA /
Shirley Bernardes Winter.- 2021.
139 p.; 30 cm

Orientadora: Mariglei Severo Maraschin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Colégio Técnico Industrial, Programa de Pós
Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, RS, 2021

1. EJA EPT 2. Educação Profissional e Tecnológica 3.
Trabalho e Educação 4. CTISM 5. Políticas Públicas I.
Severo Maraschin, Mariglei II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, SHIRLEY BERNARDES WINTER, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Shirley Bernardes Winter


**A POLÍTICA DE EJA EPT NO CTISM: UM ESTUDO SOBRE AS
TRANSFORMAÇÕES VIVENCIADAS NA E PARA ALÉM DA PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado do Programa de Pós-
Graduação em Educação Profissional e
Tecnológica da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Educação Profissional e
Tecnológica.

Aprovado em 29 de setembro de 2021:



Marielei Seffro Maraschin, Dr. (UFSM)
(Presidente Orientador)



Simone Váldete dos Santos, Dr. (UFRGS)



Delvis Jhonés Garlet, Dr. (UFSM)



Eloisa Maria Wiebusch, Dr. (IPSUL/Campus Venâncio Aires)

**Santa Maria, RS
2021**

DEDICATÓRIA

Aos trabalhadores-estudantes da EJA EPT, porque acredito no poder de transformação e emancipação que a educação, por meio das pessoas, é capaz.
Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.
(Paulo Freire).

Agradecimentos

Ao pensar em agradecimentos, preciso manifestar que muitos foram os que colaboraram com essa etapa fundamental da minha vida.

Em primeiro lugar, a Deus e meus mentores espirituais por guiarem meu caminho mesmo em tempos tão turbulentos como esse que estamos vivenciando com a pandemia da Covid-19.

Aos meus pais, Solange e Carlos, por sempre me incentivarem a me transformar e buscar uma vida melhor, por estarem comigo nos momentos difíceis, pelo exemplo de caráter e valores e principalmente, pelo amor incondicional.

Agradeço a todos os meus familiares, em destaque à minha avó Ester, por entender muitos momentos de ausência, por me apoiar e principalmente, por todo amor a mim dedicado.

A minha orientadora Mariglei, professora e amiga, obrigada por me fazer acreditar que tudo é possível com dedicação e estudo, mais do que isso, por acreditar em mim muito mais do que eu, gratidão por te encontrar. És um exemplo de educadora, perseverante na luta por uma educação transformadora. Uma pessoa que só consigo descrever como incrível.

Aos membros da banca examinadora: Profa. Dra Simone Valdete dos Santos, Profa. A Dra Eloisa Maria Wiebusch e ao Dr. Deivis JhonesGarlet, pelo olhar atento, pelo tempo dedicado e pelas contribuições dadas a este trabalho.

A Leila, coordenadora do mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (PPGEPT), obrigada por ter me apresentado o programa de Mestrado e estar presente em vários momentos.

Aos Grupos Transformação e Kairós pelos estudos compartilhados e sobretudo, nesse momento de privação do convívio social, gratidão por mesmo online dividirmos angústias e risadas.

Aos meus colegas de mestrado PPGEPT/UFSM, em especial ao Leandro Lampe e ao César Robaina, sem o apoio de vocês minha caminhada seria muito mais difícil. E não poderia deixar de agradecer a querida Rozieli, teu olhar atento ao meu trabalho foi fundamental.

Ao casal que me recebeu em Santa Maria, Milene e Lucas, gratidão é pouco pela acolhida.

Finalmente, aos trabalhadores estudantes da EJA EPT no CTISM, que de sujeitos da pesquisa passaram a ser meus amigos, em especial a Maiara, Simone, Diosef, Meiriel e todos os demais que contribuíram e construíram comigo esse trabalho.

Epígrafe

*Gostaria de frisar que o CTISM em toda minha vida, de todos os lugares que eu tive, que estudei foi o lugar que mais apoiou e teve do lado do aluno, não lembro de, não desmerecendo os outros locais, mas o CTISM eu nunca tinha visto de o pessoal tá sempre disposto a amparar, ajudar, esclarecendo, enfim, tudo né que o alunoprecisa tem disponível no CTISM e agradecer portudo.
(E-GI, ago. 2021).*

RESUMO

A POLÍTICA DE EJA EPT NO CTISM: UM ESTUDO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES VIVENCIADAS NA E PARA ALÉM DA PANDEMIA

AUTORA: Shirley Bernardes Winter

ORIENTADORA: Profa. Dra. Mariglei Severo Maraschin

O presente trabalho, “A política de EJA EPT no CTISM: um estudo sobre as transformações vivenciadas na e para além da pandemia”, compõe dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria (CTISM-UFSM). Está vinculado à linha de pesquisa LP1: Políticas e Gestão em Educação Profissional e Tecnológica, no âmbito dos grupos de pesquisa Transformação - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Trabalho Pedagógico na Educação Profissional e Kairós - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Públicas. A pesquisa buscou analisar as transformações vivenciadas pelos trabalhadores-estudantes que acessam a política de EJA EPT no CTISM, no período de 2019-2021 e pelos trabalhadores-professores neste contexto e para além dele. Visando alcançar esse objetivo, foram definidos objetivos específicos, quais sejam: contextualizar a historicidade da política de EJA EPT no Brasil e no CTISM; acompanhar as relações de educação e trabalho dos trabalhadores-estudantes do curso Eletromecânica EJA EPT no período de 2019-2021; relatar as transformações dos trabalhadores estudantes do curso Eletromecânica no período 2019-2021, em relação aos desafios de acesso, permanência êxito, incluindo a vivência da pandemia Covid 19; problematizar o trabalho pedagógico e as transformações necessárias na vivência da pandemia. O estudo de caráter qualitativo e dialético teve como sujeitos da pesquisa os trabalhadores-estudantes e os trabalhadores-professores da EJA EPT do CTISM. A busca da resposta ao problema de pesquisa aconteceu por meio da utilização de técnicas de produção de dados bibliográficos, documentais e daqueles resultantes da pesquisa de campo, na qual foram utilizados questionários on-line para estudantes e professores, registros em diário de campo grupos de interlocução com estudantes das três turmas e professores que participaram da pesquisa, de modo a ressignificar os dados produzidos. Para análise dos dados tomamos como base as categorias do método dialético (historicidade, totalidade, contradição e práxis) imbricadas nas categorias de conteúdo (trabalho, estudantes, professores, trabalho pedagógico, pandemia, êxito e transformações). Os resultados desse estudo apontam que as transformações observadas pelos estudantes foram mais no sentido profissional, o que reafirma o que vínhamos defendendo desde o início da pesquisa, da grande influência que o mundo do trabalho opera na vida desses sujeitos. Já as transformações observadas pelos professores em relação aos estudantes foram em sua maioria no sentido pessoal. Portanto, no espaço-tempo da pesquisa foram muitas transformações, sejam no âmbito do mundo do trabalho, na educação e na vivência da pandemia que exigiu que professores e estudantes se autotransformassem para continuar promovendo/acessando os conhecimentos. Também observamos que a realidade pesquisada vem se constituindo como uma instituição que promove o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes por meio de um trabalho pedagógico engajado com a política de direito à educação de jovens e adultos integrada a Educação Profissional.

Palavras-chave: Política de EJA EPT. Transformações. Mundo do Trabalho. Pandemia.

ABSTRACT

THE POLICY OF EJA EPT IN CTISM: A STUDY ON THE TRANSFORMATIONS EXPERIENCED IN AND BEYOND THE PANDEMIC

AUTHOR: Shirley Bernardes Winter
ADVISOR: Mariglei Severo Maraschin

The present work, "The EPT EJA policy in CTISM: a study on the transformations experienced in and beyond the pandemic", composes the dissertation of the Academic Master's Degree in Vocational and Technological Education of the Industrial Technical College of the Federal University of Santa Maria (CTISM-UFSM). It is linked to the research line LP1: Policies and Management in Vocational and Technological Education, within the research groups Transformação - Study and Research Group on Public Policies and Pedagogical Work in Vocational Education and Kairós - Study and Research Group on Work, Education and Public Policies. The research sought to analyze the transformations experienced by student workers accessing the EJA EPT policy in CTISM in the period 2019-2021 and by teacher workers in this context and beyond. In order to achieve this goal, specific objectives were defined, namely: contextualize the historicity of the EJA EPT policy in Brazil and in CTISM; monitor the relations of education and work of the workers-students of the EJA EPT Electromechanics course in the period 2019-2021; report the transformations of the workers- students of the Electromechanics course in the period 2019-2021, in relation to the challenges of access, permanence success, including the experience of the Covid-19 pandemic; problematize the pedagogical work and the necessary transformations in the experience of the pandemic. The qualitative and dialectical study had as research subjects the student-workers and the teacher- workers of the EJA EPT of CTISM. The search for an answer to the research problem happened through the use of bibliographic and documental data production techniques and those resulting from the field research, in which online questionnaires were used for students and teachers, records in a field diary, dialogue groups with students from the three classes and teachers who participated in the research, in order to redefine the data produced. To analyze the data, we used the categories of the dialectical method (historicity, totality, contradiction, and praxis) imbricated in the content categories (work, students, teachers, pedagogical work, pandemic, success, and transformations). The results of this study point out that the transformations observed by the students were more in the professional sense, which reaffirms what we have been defending since the beginning of this research, of the great influence that the world of work has on the lives of these subjects. The changes observed by the teachers in relation to the students, on the other hand, were mostly personal. Therefore, in the space-time of the research there were many transformations, whether in the world of work, in education, or in the experience of the pandemic that required teachers and students to transform themselves to continue promoting/accessing knowledge. We also observed that the researched reality has constituted itself as an institution that promotes the access, permanence, and success of students through a pedagogical work engaged with the policy of the right to youth and adult education integrated to Professional Education.

Keywords: EPT EJA Policy. Transformations. World of Work. Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha do Tempo: Shirley	32
Figura 2 – Categorias do Método relacionadas com as categorias de análise	41
Figura 3 – Sujeitos da pesquisa	42
Figura 4 – Representação dos movimentos da pesquisa.....	44
Figura 5 – Sentido figurado para o trabalho alienado.....	53
Figura 6 – Estratégias de permanência e êxito	75
Figura 7 – Movimentos da EJA EPT no CTISM	77
Figura 8 – Princípios norteadores do curso de eletromecânica EJA EPT no CTISM	86
Figura 9 – Nuvem de palavras estudantes	94
Figura 10 – Nuvem de palavras professores.....	94
Figura 11 – Síntese dos principais desafios enfrentados pelos professores.....	105
Figura 12 – Síntese dos principais desafios enfrentados pelos estudantes	106
Figura 13 - "Sala de aula" improvisada EJA EPT no CTISM.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Transformações observadas pelos estudantes.....	63
Quadro 2 – Transformações nos estudantes observadas pelos professores	64
Quadro 3 – Síntese dos movimentos históricos da EJA e EJA EPT no Brasil,na rede federal da EPT	67
Quadro 4 – Caracterização dos Professores.....	92
Quadro 5 – Síntese das transformações observadas pelos professores.....	109
Quadro 6 – Síntese dos principais desafios observados pelos professores.....	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Situação de trabalho antes da pandemia.....	58
Gráfico 2 – Situação de trabalho atual.....	59
Gráfico 3 – Fase do curso	88
Gráfico 4 – Estrutura familiar.....	88
Gráfico 5 – Participação na renda familiar	89
Gráfico 6 – Renda mensal.....	90
Gráfico 7 – Tempo de Professor.....	91
Gráfico 8 – Motivação por escolher o CTISM	93
Gráfico 9 – Fatores que favorecem a permanência.....	95
Gráfico 10 – Importância do auxílio digital	96
Gráfico 11 – Facilidade em participar edital auxílio digital	97
Gráfico 12 – Necessidade de autotransformar-se	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
CTISM	Colégio Técnico Industrial de Santa Maria
EaD	EaD – Educação a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EJA EPT	Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica
EMI	Ensino Médio Integrado
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
GI	Grupo de Interlocução
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
P-GI	Professor Grupo de Interlocução
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
PNE	Plano Nacional de Educação
PPC	Projeto Político Pedagógico de Curso
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
TE-GI	Trabalhador-Estudante Grupo de Interlocução
TP	Trabalho Pedagógico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	31
2.1 DE ADMINISTRADORA À PESQUISADORA DA EJA-EPT	31
2.2 MOVIMENTOS E SUJEITOS DA PESQUISA.....	36
CAPÍTULO 3 – TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E AS RELAÇÕES QUE PERPASSAM A PANDEMIA DA COVID-19	49
3.1 RELAÇÕES DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO	49
3.1.1 Concepções acerca do Trabalho	50
3.1.2 As relações de trabalho na vida do trabalhador estudante	52
3.2 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO.....	56
3.3 O CONTEXTO DA PANDEMIA NO BRASIL E NO MUNDO.....	59
3.3.1 As transformações na realidade escolar pesquisada	62
CAPÍTULO 4 - A EDUCAÇÃO DOS JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NA EJA EPT: ACESSO, PERMANÊNCIA E ÊXITO	65
4.1 HISTORICIDADE E MARCOS LEGAIS DA EJA EPT NO BRASIL.....	66
4.1.1 Uma Política de Acesso, Permanência e Êxito.....	73
4.2 MOVIMENTOS DA EJA-EPT NO CTISM.....	76
4.2.1 Primeiro Movimento: Implantação do Proeja-CTISM	78
4.2.2 Segundo Movimento: A Continuidade do PROEJA-CTISM como Política Pública	81
4.2.3 Terceiro Movimento: EJA EPT-CTISM em Tempos de Pandemia	85
4.2.3.1 <i>Quem são os estudantes e professores da EJA EPT no CTISM?</i>	87
4.2.3.2 <i>As concepções de êxito para estudantes e professores</i>	92
CAPÍTULO 5 - TRABALHO PEDAGÓGICO AUTOTRANSFORMADOR: PARA ALÉM DA PANDEMIA DA COVID 19	99
5.1 TRABALHO PEDAGÓGICO: PRODUÇÕES E REFLEXÕES	99
5.2 TRABALHO PEDAGÓGICO AUTOTRANSFORMADOR	107
5.2.1 As transformações de uma política educacional na vida do trabalhador estudante	110
5.2.2 Olhar para si, para a política e reconstruir	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
APÊNDICE I – FORMULÁRIO ESTUDANTES 2021 PROEJA-CTISM .	133
APÊNDICE II – FORMULÁRIO PROFESSORES 2021 PROEJA-CTISM	137
APÊNDICE III – AUTORIZAÇÃO CTISM	139

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, “A política de EJA EPT no CTISM: um estudo sobre as transformações vivenciadas na e para além da pandemia”, compõe dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação Profissional e Tecnológica do Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria (CTISM-UFSM). Esse estudo está vinculado à Linha de Pesquisa LP1: Políticas e Gestão em Educação Profissional e Tecnológica, no âmbito dos grupos de pesquisa Transformação - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Trabalho Pedagógico na Educação Profissional e Kairós - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Públicas.

Nos últimos anos, o mundo do trabalho vem sofrendo transformações que têm afetado diretamente o sujeito, exigindo do mesmo um grau mais elevado de escolarização, bem como de qualificação profissional, com isso, as dimensões Trabalho e Educação precisam estar constantemente conectadas. As transformações observadas e vivenciadas no mundo do trabalho refletem diretamente a estrutura capitalista na qual estamos inseridos, estrutura que tem como ideologia dominante a acumulação. Corroborando nessa afirmação, David Harvey (1992) diz que uma das características centrais do capitalismo é sua orientação para o crescimento, porém, esse crescimento em valores reais está ancorado na exploração da força de trabalho. Nesse sentido, esta pesquisa busca investigar o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos – PROEJA¹, considerando as transformações dos trabalhadores-estudantes no percurso da EJA EPT, bem como as transformações no mundo do trabalho vivenciadas na e para além da pandemia.

O PROEJA foi criado pelo Decreto nº 5.478\2005, alterado pelo Decreto 5.840\2006, como uma proposta de inclusão, em um período de intensas transformações políticas, econômicas e sociais iniciadas na década de 90. A escolha desse Programa governamental (PROEJA) como objeto deste estudo deve-se à relevância do tema em termos de inclusão social, e também ao fato de ele estar diretamente relacionado às políticas públicas da linha de pesquisa. E, assim, tem-se a problematização: Quais as transformações vivenciadas pelos

¹ Adota-se neste estudo a nomenclatura PROEJA para referi-lo no passado e EJA EPT para referi-lo no presente conforme nomenclatura definida durante o 1º Encontro Nacional da Educação de Jovens e Adultos da Rede Federal, que se realizou de 21 a 23 de maio de 2018, no Instituto Federal de Goiás. No evento, convencionou-se que o PROEJA passa a ser chamado de EJA EPT. Disponível em: <<https://www.ifg.edu.br/component/content/article/130-ifg/campus/cidade-de-goias/noticias-campus-cidade-de-goias/8449-encontro-nacional-da-eja-aprova-proposicoes-para-efetivar-acesso-permanencia-e-exito-dos-estudantes.>> Acesso em: 01 ago. 2018.

trabalhadores estudantes que acessam a política de EJA EPT no CTISM, no período de 2019-2021 e pelos trabalhadores professores neste contexto e para além dele?

Definido o problema de pesquisa, o objetivo geral do trabalho constitui-se em: analisar as transformações vivenciadas pelos trabalhadores-estudantes que acessam a política de EJA EPT no CTISM, no período de 2019-2021 e pelos trabalhadores professores neste contexto e para além dele. Para alcançar esse objetivo, foram definidos objetivos específicos, quais sejam: acompanhar as relações de educação e trabalho dos trabalhadores-estudantes do curso Eletromecânica PROEJA, no período de 2019-2021; contextualizar a historicidade da política de EJA EPT no Brasil e no CTISM; relatar as transformações dos trabalhadores-estudantes do curso Eletromecânica no período 2019-2021, em relação aos desafios de acesso, permanência e êxito² incluindo a vivência da pandemia por Covid-19 e problematizar³ o trabalho pedagógico e as transformações necessárias na vivência da pandemia.

Diante disso, em busca das possíveis respostas para a problematização e para alcançar os objetivos propostos no presente estudo, foi realizado um estudo qualitativo, analisado sob a perspectiva dialética. Partimos da pesquisa documental em fontes como o Documento Base e o Relatório de Planejamento Estratégico do PROEJA/2007 e a Legislação, bem como da produção teórica de estudiosos dedicados ao tema, como Saviani (2007), Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012), Arroyo (2005), Manfredi (2016), Kuenzer (1995, 2002, 2005), Maraschin

(2015, 2020), Ferreira (2008, 2018, 2020), Vieira Pinto (1979), Antunes (2018), além da análise do caso concreto, a qual foi realizada por meio dos dados obtidos na pesquisa in loco. Esses dados foram produzidos pelos questionários on-line aplicados a estudantes e professores do curso e pelas observações registradas no diário de campo no período de 2019 a 2021. Após a sistematização e análise dos dados, foram organizados grupos de interlocução⁴, um com os estudantes das três turmas e outro com os professores que participaram da pesquisa, de modo a ressignificar os dados produzidos e criar mais um momento de interação e escuta entre pesquisador e pesquisados.

É necessário registrar que, na medida em que o Mestrado foi se consolidando através das disciplinas cursadas, das leituras de autores do campo da EJA EPT, do trabalho

² Considero fundamental destacar que a terminologia acesso, permanência e êxito bastante utilizados nos dispositivos legais que tratam sobre a política de EJA EPT, será melhor contextualizada no capítulo 3 deste trabalho.

³ Após a realização do grupo de interlocução, surgiu a necessidade de desenvolvermos mais um objetivo, a partir dos dados produzidos.

⁴ Grupo de interlocução é uma ferramenta capaz de ressignificar os resultados da pesquisa, é um momento de interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa a fim de socializar os resultados do estudo e discutir sobre estes dados e sobre questões que ainda necessitam ser ampliadas (FIORIN, 2012).

pedagógico e, principalmente, pelas transformações sociais enfrentadas no ano de 2020, a pesquisa foi sendo resignificada continuamente. Em março de 2020, ingressei como bolsista no projeto de ensino “Apoio pedagógico no CTISM: Ações de inclusão e sucesso escolar”, projeto que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2015 na instituição, e que tem procurado acompanhar a situação dos trabalhadores-estudantes, no sentido de diminuir os índices de evasão e reprovação. Acompanhamento, o qual, no ano de 2020, só foi possível de forma presencial por uma semana, devido aos impactos causados pela pandemia da Covid-19⁵. A proposta inicial de investigação era apenas com uma turma específica do PROEJA, turma que iniciou no ano de 2019 e concluiria em 2021, porém, como o acompanhamento através do projeto de apoio pedagógico ocorre com as três turmas, julgamos necessário incluir as três turmas e os professores como sujeitos da pesquisa.

Considerando o contexto, a problematização e os objetivos apresentados, buscamos encontrar elementos que fomentem a reflexão acerca da temática proposta, visto que a política de EJA nos últimos anos estava silenciada⁶, e em 2021 temos a publicação das Diretrizes⁷ Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento junto à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como a Educação de Jovens e Adultos a Distância, por meio da Resolução Nº 1, de 28 de maio de 2021, evidenciando um cenário de retrocessos e desmanche de tal política. Além disso, consideramos importante conhecer quem são esses sujeitos, como se comportam esses trabalhadores-estudantes, quais transformações vivenciam, não só em relação à devastadora pandemia, mas também considerando as relações sociais que estão inseridos.

Neste capítulo, este estudo inicia, com a apresentação do tema a ser pesquisado, a problematização e os objetivos geral e específicos. No Capítulo 2, fundamentamos a construção da pesquisa com um breve memorial, resgatando elementos como subsídio para a transformação de administradora à pesquisadora da EJA EPT. Em seguida, apresentamos os movimentos e os sujeitos da pesquisa. Optamos como aporte metodológico por um estudo qualitativo, que se realizou através do contato direto do pesquisador com os sujeitos pesquisados, obtendo informações sobre a realidade da escola e dos atores sociais em seus

⁵ De acordo com a Organização Mundial da Saúde COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁶ Conceito utilizado pela Dra. Maraschin (2015) para definir o descaso com a política da EJA.

⁷ As Diretrizes recém aprovadas trazem maior participação da iniciativa privada e um certo incentivo a EAD, que causam preocupação em relação à política pública de educação integral que defendemos.

próprios contextos. Acredita-se que tal pesquisa possibilitou a compreensão e a transformação do pesquisador e do fenômeno pesquisado em curso.

O capítulo 3, sob o título Transformações no mundo do trabalho e as relações que perpassam a pandemia da Covid-19, retrata a realidade dos estudantes durante o período de pandemia e com base nessa realidade, fomentamos reflexões acerca das relações de trabalho educação e escolarização, sobretudo as transformações no mundo do trabalho. O capítulo 4, denominado “a educação dos jovens e adultos trabalhadores na EJA EPT: acesso, permanência e êxito”, aborda conceitos relacionados à Historicidade e os marcos legais da EJA EPT no Brasil, dando enfoque à educação como direito de todos e dever do Estado, perpassando as fontes legais do PROEJA, desde o Decreto que o instituiu até os documentos oficiais que elaboram suas diretrizes de permanência, bem como os movimentos da EJA EPT no CTISM. Por fim, no capítulo 5, apresenta-se o Trabalho Pedagógico Autotransformador: para além da pandemia da Covid-19, em que buscamos analisar o trabalho pedagógico na EJA EPT, ou melhor, apresentamos algumas concepções pedagógicas, sob a perspectiva da inclusão social dos jovens e adultos trabalhadores, trazendo um olhar diferenciado em relação a esses trabalhadores-estudantes e os apontamentos sobre a vivência da pandemia no CTISM.

CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência. (Karl Marx, 1974).

Iniciamos esta seção contextualizando de que maneira me identifico com o objeto pesquisado, apresento o lócus, os movimentos da pesquisa, bem como os instrumentos que foram utilizados e os sujeitos participantes do estudo, que ocorreu de 2019 a 2021. Assim como na citação de Marx, que dá início a este capítulo, considero fundamental trazer aproximações sobre minha construção como ser social e a realidade pesquisada.

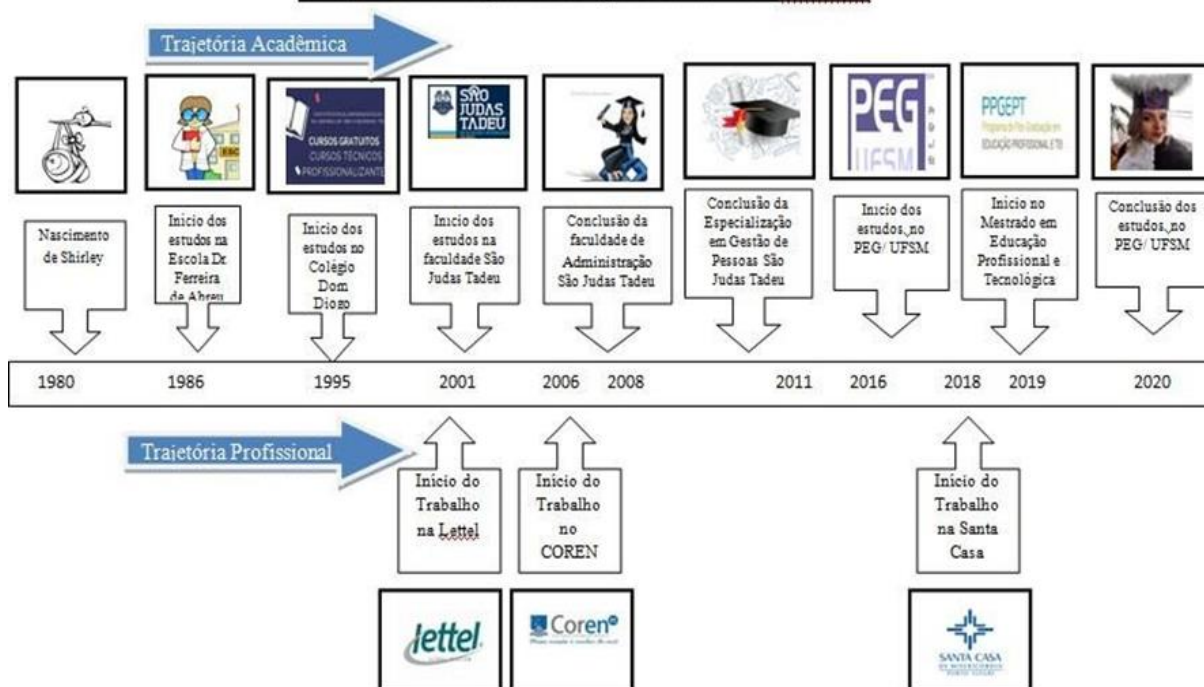
2.1 DE ADMINISTRADORA À PESQUISADORA DA EJA-EPT

Diante do tema proposto, não posso analisar os fenômenos de maneira isolada da minha trajetória de vida, do meu pertencimento a um contexto social e da minha inserção em certa temporalidade. Faço parte desta pesquisa⁸. Isso posto, o estudo se inicia com a apresentação de um memorial de experiências pessoais e profissionais que me motivaram a desenvolver este estudo⁹. A seguir, apresento a linha do tempo de minha trajetória:

⁸ Apresento o item: De administradora à pesquisadora da EJA-EPT, na primeira pessoa do singular, pois evidencio aqui meu lugar de fala, contextualizando a singularidade da qual parto. Ao longo deste estudo, foi empregada a primeira pessoa do plural, desenvolvendo um diálogo e criando assim a cumplicidade entre orientanda, orientadora, autores, professores, trabalhadores-estudantes do PROEJA-CTISM e demais pesquisadores que contribuíram para a construção do conhecimento.

⁹ Cabe destacar, que nos utilizamos de figuras ao longo do texto como forma de sistematizar as informações.

Figura 1 – Linha do Tempo: Shirley
Linha do Tempo Shirley Bernardes Winter



Fonte: Autora, 2020.

Antes de iniciar como surgiu a pesquisa, julguei necessário contextualizar meu surgimento e minha construção como um ser social. José Paulo Netto e Marcelo Braz (2006), no livro “Economia Política uma introdução crítica”, abordam o termo ser social relacionando o com o trabalho, e o trabalho é sempre uma atividade coletiva que perpassa a sociedade, que se chama de modos de existir do ser social. Ainda, segundo os autores,

O ser social constitui-se como um ser, dentre todos os tipos de ser, se particulariza porque é capaz de: 1. Realizar atividades teleologicamente orientadas; 2. Objetivar-se material e idealmente; 3. Comunicar-se e expressar-se pela linguagem articulada; 4. Tratar suas atividades e a si mesmo de modo reflexivo, consciente e autoconsciente; 5. Escolher entre alternativas concretas; 6. Universalizar-se; 7. Sociabilizar-se (NETTO e BRAZ, 2006, p. 41).

Ao refletir sobre as minhas experiências pessoais e profissionais, pensando nas contradições e contextos da realidade, vem à tona a motivação sobre essa pesquisa. Nasci na cidade de Porto Alegre/RS, no ano de 1980, filha única, meus pais cursaram apenas o Ensino Fundamental, pois logo cedo foi necessário inserirem-se no mundo do trabalho, impossibilitando assim a continuidade dos estudos. Cresci em um contexto modesto, meu pai é pintor de automóveis e minha mãe costureira, ambos autônomos e, desde muito nova, presenciei como trabalhavam pelo pão de cada dia. Minha formação no Ensino Fundamental aconteceu de forma simples, em uma escola do bairro onde nasci.

Concluída a primeira etapa do Ensino Fundamental, deparei-me com uma dúvida quanto à formação que iria cursar no Ensino Médio, pois como tive que mudar de escola, a anterior só ofertava o ensino fundamental, e a nova escola trazia a possibilidade de um ensino médio “básico” e um ensino médio profissionalizante. Como já citei anteriormente, cresci em um contexto modesto, descobri desde cedo a importância do trabalho na vida dos homens e mulheres como meio de subsistência. Na concepção de Marx, o trabalho é “[...] assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana” (MARX, 2013, p. 120). Naquele momento de transição entre o Ensino Fundamental e o Médio, não pensei duas vezes, pois em meu entendimento, uma formação que me possibilitasse a inserção imediata no mercado¹⁰ de trabalho era muito mais interessante em termos financeiros do que uma formação preparatória para o vestibular.

Ainda no contexto da minha escolarização, a universidade pública possivelmente não poderia cursar, visto que os horários disponíveis coincidiam com meus horários de trabalho e, naquele momento, para mim, o trabalho era o mais importante, sabendo que promovia minha subsistência, e era daquela forma que ajudava com as despesas da casa em que eu morava com meus pais. Konder (2000, p. 112) argumenta que “[...] não existe sociedade humana sem a presença do trabalho e da educação”. E, assim, estava imersa neste universo do trabalho e também da educação.

Assim, minha formação de Ensino Médio foi integrada à Educação Profissional. Tive uma formação Técnica em Administração com foco totalmente no mercado. Historicamente, a Educação, no Brasil, tem como característica a dualidade estrutural (KUENZER, 2007), uma educação voltada para a elite com ampla formação, e aquela voltada para classe trabalhadora, ancorada no trabalho, numa perspectiva de profissionalização, a qual eu cursei.

Naquele momento de decisão entre qual modalidade de ensino ingressar, não tinha o entendimento do trabalho como princípio educativo, promovido através da emancipação cidadã. Mas hoje, defendo e acredito cada vez mais na educação pública, inclusiva e integral.

Nesse sentido, Frigotto (2005) relaciona trabalho e educação, considerando o trabalho no sentido ontológico, como princípio educativo, atividade criadora imprescindível do homem, pois é pela ação consciente do trabalho que o homem cria e recria a sua própria existência.

¹⁰ O termo mercado de trabalho foi utilizado, pois naquele momento meu entendimento quanto ao tema era restrito ao local onde empregadores recrutam empregados.

Concluí os três anos de Ensino Médio e, no início dos anos 2000, prestei vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não obtendo aprovação. Nesse período, começaram a circular no âmbito educacional palavras como: qualidade total, modernização do ensino, adaptação às regras do mercado de trabalho, competitividade, eficácia e eficiência, palavras que remetiam à nova ideologia neoliberal. Surgia então a ideia de que, para “sobreviver à concorrência do mercado, para conseguir ou manter um emprego, para ser um cidadão do século XXI, seria preciso dominar os códigos da modernidade” (SHIROMA, et al., 2004, p. 54). Nesse contexto, optei pelo ingresso em uma faculdade particular, e o curso escolhido foi o de Administração, não que eu não me identificasse totalmente com o curso, mas certamente as infinitas possibilidades em termos de mercado de trabalho me atraíram.

A formação em nível superior se deu pela graduação em Administração de empresas, cursada em uma faculdade particular à noite, pois dessa forma era possível conciliar com o trabalho. O percurso da graduação foi longo, demorei oito anos para concluí-lo, pois como trabalhava para pagar a mensalidade, as disciplinas cursadas eram limitadas ao que meu salário podia pagar. Passei mais de dez anos inserida no mundo do trabalho exercendo funções administrativas e descobri, nesse período, uma afeição pela área de Gestão de Pessoas. Concluí uma especialização que me possibilitou um emprego na área de gestão de equipes e lideranças, surgindo, desta experiência, o desejo em me tornar professora.

A única certeza que eu tinha naquele momento era que o bacharelado em Administração não tinha me oportunizado conhecimentos pedagógicos suficientes para atuar como professora. Sabendo que o homem é um ser inacabado, capaz de aprender ao longo da vida, tomei conhecimento que a Universidade Federal de Santa Maria ofertava o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional, o PEG. E, em 2018, mudei-me para a cidade para cursá-lo e, por meio do curso, tomei conhecimento sobre o Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do CTISM, e vi uma boa oportunidade de ingressar na área de Educação. Em maio de 2019, me candidatei e fui selecionada para uma bolsa de iniciação científica, no projeto intitulado “Educação Profissional nos EUA: referências e experiências”, meu primeiro contato com a pesquisa, sob a coordenação da Professora Dra. Mariglei Severo Maraschin, atual coordenadora da EJA EPT no CTISM. E, naquele momento tive a oportunidade de me aproximar dos trabalhadores-estudantes dessa modalidade e também me reconheci como uma trabalhadora-estudante. A seguir, em agosto de 2019, participei do processo seletivo de Pós-Graduação, pelo edital 038/2019, escolhendo como orientadora em primeira e segunda opção a Professora e Doutora Mariglei Severo Maraschin, por já conhecer o trabalho que ela desenvolve junto aos

trabalhadores-estudantes da EJA, no CTISM, e sua luta em favor dessa política tão silenciada no atual cenário político do Brasil.

Com imensa alegria, fui aprovada para cursar o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. E a motivação que me levou até esta pesquisa foi a proximidade com esses sujeitos, pois como me reconheci através deles, surgiu também o interesse em conhecer melhor esse público de diversas identidades e esta política que é destinada as pessoas que tiveram seu direito a estudar na idade adequada negado, e que em seus princípios visa formar integralmente.

Em janeiro de 2020, tornei-me licenciada em Educação Profissional e Tecnológica pela UFSM e, com tantas descobertas no contexto educacional, provocadas pelas leituras e debates promovidos no decorrer do curso, cada vez mais me aproximava do contexto pesquisado. Lembro que, logo no início do curso, tive o primeiro contato com a obra do Professor Demerval Saviani, na disciplina de Trabalho e Educação. O texto introdutório que nos foi apresentado para debate foi “Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos” (2007, p. 154- 155), texto em que o Professor Saviani inicia contextualizando o processo do surgimento do homem, “no momento em que determinado ser natural se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida”, transformando a natureza e se transformando através dela, o que dá origem ao que chamamos de trabalho. O homem se constrói homem por meio do trabalho, “a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. Seguindo no texto, Professor Saviani argumenta que o crescimento da produção gerou a divisão do trabalho, “a apropriação privada da terra, então o principal meio de produção, gerou a divisão dos homens em classes”, a classe dos proprietários e a dos não-proprietários e essa divisão da sociedade acarretou na divisão também na Educação, a classe dos proprietários que tinha posse de uma educação centrada nas atividades intelectuais (Trabalho Intelectual) e a classe dos não proprietários que dispunha de uma educação voltada para o trabalho (Trabalho Manual) (SAVIANI, 2007, p. 154-155).

Professor Saviani trouxe importantíssimas considerações para o entendimento inicial sobre Trabalho e Educação através da história, considerações como a importância da indissociabilidade entre trabalho manual e trabalho intelectual, e várias outras questões tão distantes de mim, da minha formação inicial com base no mercado, na obtenção de lucro a qualquer custo. Mas lucro para quem? Pois até então, eu defendia o empresariado, até que me deparei com uma grande ruptura, me reconheci como membro da classe trabalhadora e percebi que por muito tempo fui uma “mão de obra” explorada pelos detentores dos meios de produção. Mesmo explorada, segui o pensamento do explorador e, por um bom tempo, me

submeti a um trabalho precarizado, por estar completamente envolvida na cadeia produtiva capitalista. O tema da precarização do trabalho é de grande relevância em nosso país, particularmente na atualidade, em que emerge uma nova realidade inserida na renovada complexidade do capitalismo. Nova realidade anunciada por Ricardo Antunes, em “O Privilégio da Servidão”:

Em pleno século XXI, mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver e encontram, cada vez mais, situações instáveis, precárias, ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego. Isto é, ao mesmo tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadora sem escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas, consequência da lógica destrutiva do capital que, conforme expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo (em sentido amplo), recria, nos mais distantes e longínquos espaços, novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, “flexível”, depauperando ainda mais os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando. (ANTUNES 2018, p. 30).

Ainda contextualizando o surgimento da pesquisa, nascia uma grande inquietação em conhecer esses sujeitos que podem se tornar sujeitos autônomos, donos de suas próprias vidas, tendo a educação como possibilidade de transformação para classe trabalhadora e como forma de resistência, considerando as profundas transformações capitalistas do mundo do trabalho no século XXI. A oportunidade de ingressar em um Mestrado em EPT me trouxe a certeza de que o tema da minha pesquisa de fato pode colaborar com a sociedade, pois dando visibilidade ao assunto que é possível evitar o abandono que essa política vem sofrendo ao longo do tempo.

2.2 MOVIMENTOS E SUJEITOS DA PESQUISA

*Não basta saber que se sabe, mas é preciso saber porque se sabe.
Vieira Pinto (1997)*

Iniciamos esta seção com a citação do Vieira Pinto, que evidencia a importância da totalidade, de entender o contexto inerente ao objeto de estudo como um todo e não apenas como partes fragmentadas. A pesquisa em educação precisa ser tratada como um processo

dialético e dinâmico, capaz de articular os elementos da realidade, a práxis¹¹ com a produção do conhecimento.

A priori, surge uma ideia (problematização), uma interpretação da realidade, a pesquisa científica é aplicada a esse contexto. Então, as ideias se multiplicam, e dessa forma, o conhecimento humano avança, por isso a pesquisa científica é tão importante no processo do conhecimento. Nesse sentido, Álvaro Vieira Pinto, em sua obra “Ciência e Existência”, define que,

A pesquisa Científica é um aspecto, na verdade o momento culminante, de um processo de extrema amplitude e complexidade pelo qual o homem realiza sua suprema possibilidade existencial, aquela que dá conteúdo a sua essência de animal que conquistou a racionalidade: a possibilidade de dominar a natureza transformá-la, adaptá-la às suas necessidades. Este processo chama-se “conhecimento”. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 13).

Ainda na mesma obra, Vieira Pinto afirma que,

O homem, sendo o animal que necessita dominar a natureza para se constituir com as qualidades específicas que possui e desenvolve, tem de conhecê-la, e para tanto está obrigado a pesquisá-la. A atividade investigadora acha-se, pois, na origem da relação do homem com o mundo, a qual não tem caráter passivo, como nos animais que formam e transmitem hereditariamente atos instintivos. O homem adapta-se ativamente a natureza, pelo ato de adaptá-la a ele, mas para tanto faz-se preciso conhecer as propriedades dos corpos que compõem o mundo, as leis que os regem; o sujeito deve apoderar-se em forma de ideia de tais dados objetivos para com eles organizar o projeto de transformação da realidade. (VIEIRA PINTO, 1979, p. 374).

Partindo da compreensão da pesquisa científica em Vieira Pinto, este estudo segue o viés dialético, ancorado nas concepções de Marx. No prefácio do *Capital* (1985) ele afirma que o mais importante não é a lei que rege os fenômenos ou a forma definida em cada período histórico, mas sim a lei da transformação, do movimento de uma condição para outra diferente. Encontramos em Marx, por meio da dialética, contradições, críticas ao capital e sua exploração com o trabalhador.

Ao optar pela análise dialética, buscamos uma melhor compreensão sobre os dados produzidos com a realidade observada na totalidade. Ela provoca o “[...] modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 2008, p. 7-8).

¹¹ A práxis aqui entendida no sentido defendido por Vázquez (2007), em que representa uma atividade material e transformadora, por representar movimento e articulação entre teoria e prática, no sentido de que a teoria por si só não pode ser concebida como práxis, pois a ela não corresponde uma prática de verificação de sua validade ou não, bem como uma prática sem fundamento teórico, é uma prática vazia de significado, e não poderá contribuir para o avanço do conhecimento.

Essa forma de análise considera o todo, e não somente as partes fragmentadas do todo, e este todo está em constantes transformações, em constantes contradições, o que possibilita enxergar problemas antes não vistos, como colabora Konder:

[...] o modo de pensar dialético – atento à infinitude do real à irreducibilidade do real ao saber – implica um esforço constante da consciência no sentido de ela se abrir para o reconhecimento do novo, do inédito, das contradições que irrompem no campo visual do sujeito e lhe revelam a existência de problemas que ele não estava enxergando (KONDER, 2009, p. 34).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos fundamental construir a análise dos dados ao longo do texto. Acácia Zeneida Kuenzer (1998), na obra “Desafios Teóricos- Metodológicos da Relação Trabalho-Educação e o papel social da escola” relata que desde que a área de Trabalho e Educação começou a se desenvolver de modo significativo, a partir da década de 80, muito se tem falado sobre a necessidade de trabalhar com categorias.

[...] nessa linha metodológica, os procedimentos vão sendo construídos na relação que se estabelece com o objeto, e, neste sentido, o "método de investigação" é caótico e desordenado, marcado por idas e vindas, decisões e negações, clareza e confusão, e, principalmente, porque são únicos para cada investigação (KUENZER, 1998, p. 62).

As categorias servem de critério de seleção e organização da teoria e dos fatos a serem investigados, a partir do objetivo da pesquisa, possibilitando-lhe o princípio de sistematização que vai lhe conferir sentido e importância. Pois, o pesquisador não é um “trapeiro” que sai por aí colhendo tudo que vê pela frente, porque “pode ser que sirva” (KUENZER, 1998, p. 62).

Ainda de acordo com Kuenzer (1998, p. 57), analisar as categorias do método possibilita uma melhor compreensão acerca da realidade injusta e excludente da sociedade capitalista, tomando a produção do conhecimento como práxis transformadora idealizamos uma sociedade mais justa. Para Kuenzer (1998, p. 57), “[...] o conhecimento produzido terá caráter prático, fornecendo os elementos necessários para a compreensão e intervenção da realidade”.

Inicialmente, definimos as categorias metodológicas que perpassam todos os movimentos desta pesquisa: a historicidade, a totalidade, a contradição e a práxis, que consideramos fios condutores da investigação, da análise e da exposição dos resultados.

Conhecer a historicidade do que está sendo pesquisado é fundamental para análise dos dados da pesquisa, dessa forma, consideramos como um importante movimento

contextualizar a história da EPT para entender o contexto social e político ao qual o tema está inserido. Nesse sentido, sinaliza Silveira que,

É a partir da historicidade que é possível compreender os fenômenos sociais com as suas dimensões históricas. Tendo como ponto de partida o conhecimento histórico, é possível fazer da pesquisa um espaço de luta, visto que o materialismo histórico está embasado na luta da classe trabalhadora (SILVEIRA, 2017 p. 39).

A categoria Totalidade precisa ser analisada tendo como parâmetro principal o ponto de partida e ponto de chegada na sociedade capitalista. De acordo com Kuenzer (1998, p. 57) implica no entendimento da realidade como um todo, “[...] do movimento e das relações que ocorrem das partes para o todo e do todo para as partes, dos fenômenos para a essência e vice-versa, da totalidade para a contradição”. Nessa pesquisa, a categoria da totalidade parte da visão do todo, que é a sociedade capitalista em plena pandemia para observar uma realidade específica, a política de EJA EPT no CTISM. Ainda sobre tal categoria, Cury aponta que:

Na totalidade, cada realidade e cada esfera dela são uma totalidade de determinações, de contradições atuais ou superadas. Cada esfera da realidade está aberta para todas as relações e dentro de uma ação recíproca com todas as esferas do real. Mas a totalidade sem contradições é vazia e inerte, exatamente porque a riqueza do real, isto é, sua contraditoriedade, é escamoteada, para só se levarem em conta aqueles fatos que se enquadram dentro de princípios estipulados a priori. A consideração da totalidade sem as contradições leva a colocar a coerência acima da contradição. Nesse caso, o objeto de conhecimento ganha em coesão e coerência, em detrimento, porém, do que há de conflituoso nele. E o privilegiamento da contradição revela a qualidade dialética da totalidade. (1985, p. 35).

A categoria da Contradição, no entendimento marxista, surge em razão dos fenômenos sociais que não se resolvem. Para Kuenzer (1998, p. 57) “a pesquisa deverá a todo o momento buscar o movimento, a ligação e unidade resultante da relação dos contrários”. A Categoria Trabalho exemplifica com maestria a contradição existente no mundo, pois o trabalho tanto pode ser entendido como forma de emancipação, tornando o sujeito com maior grau de criticidade, capaz de ter autonomia em a suas decisões, quanto em contradição pode também ser entendido como forma de alienação, de maneira a manter o sujeito em estado de ignorância da realidade. Neste sentido:

A contradição é destruidora, mas também criadora, já que se obriga à superação, pois a contradição é intolerável. Os contrários em luta e movimento buscam a superação da contradição, superando-se a si próprios. Na superação, a solução da contradição aparece enriquecida e reconquistada em nova unidade de nível superior. Cada coisa é uma totalidade de movimentos e de momentos e elementos provenientes de suas relações, de sua gênese e de sua abertura. (CURY, 1985, p. 30).

A categoria Práxis é compreendida como atividade social transformadora. Vazquez (1977, p. 185), afirma que “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”. Sobre esta categoria, Kuenzer (1998, p. 57) considera que “o conhecimento novo será produzido através do permanente e sempre crescente movimento do pensamento que vai do abstrato ao concreto pela mediação do empírico”. Para essa categoria, foram problematizadas as dificuldades em tempos de pandemia, relacionadas ao trabalho pedagógico e a realidade individual e coletiva dos professores e estudantes. Percebemos que o grande momento da práxis foi o grupo de interlocução, em que os sujeitos da política puderam olhar para si e suas trajetórias e ver o quanto transformaram-se nesse tempo de pandemia, seja mobilizando-se para acessarem o curso, como passando de um ano que denominaram “caos” para um certo engajamento no processo.

No âmbito de compreender como a sociedade se estrutura e como ocorrem as relações sociais em suas especificidades e possibilidades, o pesquisador descobre um espaço abundante de oportunidades para analisar a realidade em seu movimento histórico (MÉSZÁROS, 2011). Nesse contexto, Kuenzer resgata a importância de os estudos teóricos estarem diretamente imbricados à compreensão e à transformação da realidade. Ao citar Marx e Engels, Kuenzer (2012) ressalta como a práxis é construída.

São Marx e Engels que dão suporte a esta conclusão, quando afirmam ser a práxis o fundamento do conhecimento, posto que o homem só conhece aquilo que é objeto ou produto de sua atividade e porque atua praticamente, o que conferirá materialidade ao pensamento. A verdade objetiva, dizem os autores, enquanto concordância entre pensamento e realidade, não é um problema que se possa resolver teoricamente pelo confronto entre diferentes pensamentos; a verdade só se constituirá a partir da relação entre pensamento e realidade, e só assim será práxis (KUENZER, 2012, p. 58).

Sobretudo, as categorias metodológicas são universais, pois permitem investigar qualquer objeto em qualquer realidade, entre o universal e o concreto. Dessa forma, as categorias do método esvaziam-se quando seus sentidos não estão conectados à realidade e vinculados ao movimento. É impossível suprimir a mediação do particular, para descobri-lo será necessário investigar as relações, os conceitos, as formas de estruturação e organização em recortes particulares que Kuenzer (1998, p. 66) determina como "categorias de conteúdo", uma vez que sua definição se faz através da apropriação teórico-prática do conteúdo. Nesse sentido, trazendo do todo para a realidade pesquisada, as categorias de conteúdo foram definidas com base nos dados produzidos, após a aplicação dos questionários, com a

finalidade de dar conta dos objetivos e problematização proposta. Sendo elas, então: trabalho, estudantes, professores, trabalho pedagógico, pandemia, êxito e transformações.

Para construir a análise dos fenômenos existentes no meio social, tanto na relação do homem com a natureza, do homem com a sociedade, como do homem em relação à economia, tomamos como base as categorias do método (historicidade, totalidade, contradição e práxis) imbricadas nas categorias de conteúdo (trabalho, estudantes, professores, trabalho pedagógico, pandemia, êxito e transformações) que julgamos necessário analisar. Como ilustra a figura a seguir:

Figura 2 – Categorias do Método relacionadas com as categorias de análise



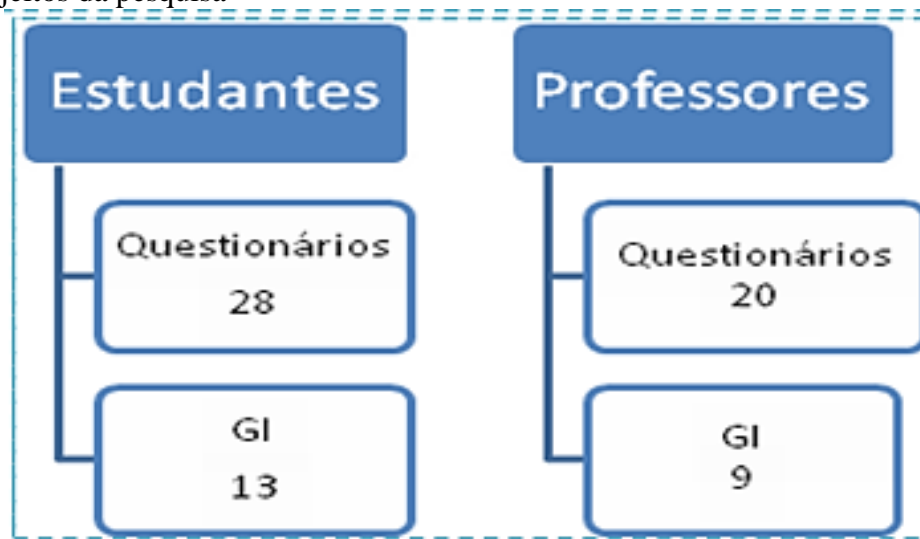
Fonte: Autora, 2021.

Os sujeitos desta pesquisa foram os trabalhadores-estudantes das três turmas: primeiro, segundo e terceiro anos, que cursavam o Curso Técnico em Eletromecânica integrado ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no CTISM-UFSM e os professores que ministravam aulas no referido curso. As informações apresentadas ao longo do texto sobre os sujeitos participantes desta pesquisa resultam de observações registradas no diário de campo, no dia a dia, de forma on-line, com os trabalhadores-estudantes e também pela análise das respostas dos questionários aplicados junto aos trabalhadores-estudantes e professores da EJA EPT do CTISM. Considerando um período de limitações em termos de

convívio social, optou-se, como citado anteriormente, pela aplicação de um questionário on-line com foco em conhecer a realidade dos estudantes que estavam cursando. Os questionários, tanto para os estudantes quanto para os professores foram enviados de forma on-line no mês de maio de 2021.

A amostra contou com a participação de vinte e oito estudantes matriculados e que se encontravam frequentando o ensino remoto e vinte professores que atuam no PROEJA do CTISM. Como forma de ressignificar os dados produzidos, no mês de agosto de 2021 foram elaborados os grupos de interlocução, em que foram convidados todos que responderam aos questionários, tanto os estudantes quanto os professores, para a técnica GI, a qual contou com a participação de treze estudantes e nove professores, como ilustra a figura abaixo:

Figura 3 – Sujeitos da pesquisa



Fonte: Autora, 2021.

Como estamos analisando trabalhadores-estudantes e professores no contexto da EJA EPT, cabe destacar que a categoria central dessa pesquisa é o trabalho, pois tal categoria é presença fundamental no cotidiano dos sujeitos dessa pesquisa e, assim, partir da análise macroestrutural para chegar a realidade pesquisada e compreender as transformações vivenciadas e sua relação com as políticas públicas educacionais.

A análise teve como base as relações das pessoas com o contexto das mudanças do mundo do trabalho situado no tempo e no espaço. Nesse sentido, necessário explanar a contribuição de Marx e Engels na citação a seguir, em que afirmam que o homem se destaca sendo o único animal capaz de produzir sua própria existência através do trabalho.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (MARX e ENGELS, 2007, p. 87).

As categorias do método foram sendo discutidas durante todos os movimentos do texto. As categorias de conteúdo foram relacionadas aos objetivos dessa pesquisa, da seguinte forma: Trabalho (Mundos do Trabalho e a precarização), estudantes e professores (categorização dos sujeitos da pesquisa), trabalho pedagógico (como foi organizado o conhecimento na pandemia), pandemia (dificuldades encontradas no ensino remoto), êxito (como os estudantes e professores identificam no curso) e transformações (quais foram as que estiveram presentes nesses dois anos relacionados ao mundo do trabalho e a escolarização). Com base nos fundamentos apresentados e as contradições existentes no mundo real, a busca da resposta do problema de pesquisa deste estudo desenvolve-se no contexto da pesquisa qualitativa, à medida que a compreensão da realidade acontece por meio da utilização de técnicas de produção de dados bibliográficas, documentais e daqueles resultantes da pesquisa de campo.

Flick (2009) descreve a pesquisa qualitativa como sendo uma análise de fenômenos concretos, relacionando com as particularidades de um determinado local e tempo. Segundo Gonçalves (2001), a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada, ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

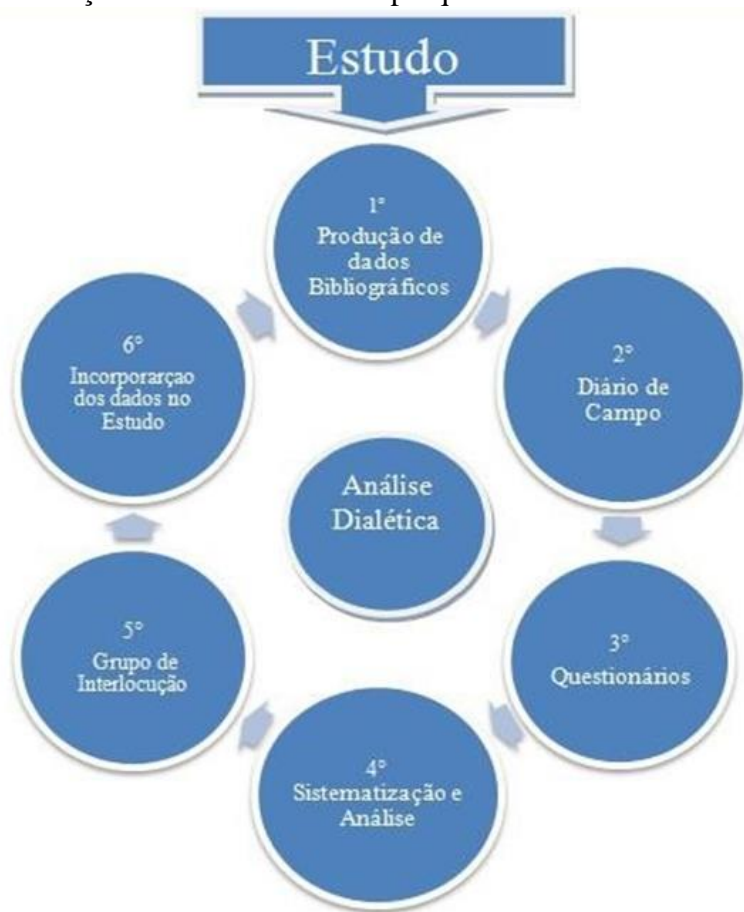
Ao considerar como objeto de estudo *as transformações vivenciadas pelos trabalhadores estudantes que acessam a política de EJA EPT no CTISM, no período de 2019-2021 e pelos trabalhadores professores neste contexto e para além dele*, acreditamos que um processo de investigação requer ação. Marx (1888), ao escrever “Teses Sobre Feuerbach”, destaca na segunda Tese que “[...] é na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento” (MARX, 1888, p. 1). Na terceira Tese, argumenta que: “[...] seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e que o educador tem ele próprio de ser educado” (MARX, 1888, p. 1).

Na Oitava tese, Marx justifica que: “[...] a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na práxis

humana e na compreensão desta práxis” (MARX, 1888, p. 1).Então, objetivando unir teoria e prática, a seguir apresentamos alguns referenciais como aportes teóricos para os instrumentos utilizados.

Para este estudo, utilizamos como instrumentos de produção de dados, dados bibliográficos, análise documental, diário de campo, questionários e grupo de interlocução, conforme ilustra a Figura 4.

Figura 4 – Representação dos movimentos da pesquisa



Fonte: Autora, 2021.

A figura acima apresenta os movimentos da pesquisa. Desse modo, o caminho metodológico que orienta este Estudo encontra-se desenhado em movimentos: o primeiro movimento foi à pesquisa bibliográfica em que Gil (2002, p. 44) define como sendo uma pesquisa desenvolvida “[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ao mesmo tempo, também utilizamos a pesquisa documental, que se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. (GIL, 2002, p. 45). A análise documental foi feita ancorada no Documento Base do Programa, no Relatório de

Planejamento Estratégico do PROEJA/2007 e na Legislação específica da EJA EPT, decretos, leis e demais bases legais disponibilizadas na *internet*.

O segundo movimento foi a criação de um diário de campo para acompanhar o contexto da EJA EPT no CTISM. O diário de campo, o qual permeou durante toda a pesquisa, foi construído na forma de uma planilha eletrônica no *drive*, com o nome de todos os estudantes e professores sujeitos da pesquisa. Assim, nessa planilha foram adicionadas informações de forma individual de acordo com a interação da pesquisadora com os sujeitos, bem como informações observadas e reflexões construídas no decorrer do tempo, em diálogos com a coordenação do curso, participação nos conselhos de classe, e eventos como diálogos PROEJA, Encontro Nacional na EJA e ANPED, tudo de forma online. Mesmo de forma não presencial, a pesquisadora esteve bastante presente no lócus de pesquisa, no dia a dia dos estudantes e dos professores da EJA EPT no CTISM. Cabe destacar que o diário de campo perpassou todos os movimentos da pesquisa, pois julgamos ser uma importante ferramenta para mantermos a proximidade com os sujeitos pesquisados. Triviños considera:

O diário de campo uma forma de complementação das informações sobre o cenário onde a pesquisa se desenvolve e onde estão envolvidos os sujeitos, a partir do registro de todas as informações que não sejam aquelas coletadas em contatos e entrevistas formais, em aplicação de questionários, formulários e na realização de grupos focais (TRIVIÑOS, 1987, p. 114).

O terceiro movimento metodológico foi a elaboração e aplicação de um questionário para conhecer quem são, os trabalhadores-estudantes (APÊNDICE I)¹² do curso Técnico em Eletromecânica EJA EPT no CTISM, nas três turmas matriculadas¹³ no ano de 2021. Concomitante a isso, foi elaborado e aplicado um questionário junto aos professores¹⁴ (APÊNDICE II)¹⁵ que atuam no PROEJA do CTISM nos anos de 2020 e 2021 a fim de caracterizar e apontar elementos importantes acerca das categorias de conteúdo que utilizamos para dar conta dos objetivos da pesquisa. Optamos por questionário *online*, pois, em virtude do distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19, nos pareceu um instrumento bem adequado.

¹² O questionário foi elaborado para os estudantes com questões abertas e fechadas, por meio do programa Google forms, disponível em: <<https://forms.gle/LaJwfEwTM426NnoG8>>, no primeiro semestre de 2021, com o link de acesso encaminhado via *WhatsApp* para todos os alunos matriculados no PROEJA que estavam participando do ensino remoto.

¹³ A amostra contou com a participação de 28 estudantes matriculados e que se encontravam frequentando o ensino remoto.

¹⁴ A amostra contou com a participação de 20 professores que atuam no PROEJA do CTISM.

¹⁵ O questionário foi elaborado para os professores com questões abertas e fechadas, por meio do programa Google forms, disponível em <<https://forms.gle/BB6ECQdPPgaN2Z8u7>>, no primeiro semestre de 2021, com o link de acesso encaminhado via e-mail para todos os professores atuantes no PROEJA.

Minayo (2004, p. 108) considera que o questionário pode combinar perguntas abertas e fechadas (estruturadas), em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

O quarto movimento da pesquisa foi a sistematização e análise dos dados produzidos, por meios dos instrumentos utilizados: diário de campo, questionários e grupo de interlocução. As respostas dos questionários foram agrupadas por categorias de acordo com sua semelhança e assim foram organizadas sínteses das categorias de conteúdo que também foram sistematizadas neste movimento. Os resultados obtidos ora foram apresentados em forma de gráficos, ora em forma de figuras, ora em forma de quadros, ora em forma de discursos. Fora realizada a organização dos dados dos questionários, os quais, após o grupo de interlocução, foram ressignificados.

A partir da análise dos dados produzidos, efetivou-se o quinto movimento, que foi a realização de dois grupos de interlocução com os sujeitos participantes da pesquisa, um com os estudantes e outro com os professores. O Grupo de Interlocução (GI), é entendido como uma técnica de produção de dados, mais do que isso, é um momento de apresentar, para os sujeitos participantes da pesquisa os resultados produzidos, de ressignificar com quem vivencia na práxis os dilemas do dia a dia. Correa e Ferreira apresentam que:

Na prática da técnica denominada Grupo de Interlocução, após serem produzidos os dados da pesquisa, o grupo se constitui pela diversidade dos sujeitos que, coletivamente, constroem a análise do trabalho realizado até então pelo pesquisador. Nesse coletivo, aquele que produz a pesquisa tem a oportunidade de propiciar um retorno daquilo que ele produziu, superando a ideia de que pesquisa é somente “coletar” dados sem que os sujeitos pesquisados tenham participação nos resultados dessa “coleta”. Sendo assim, a unidade dos dados é posta em diálogo com a diversidade do grupo e, cada sujeito, por meio da linguagem e do contexto que os agrega, expressa suas ponderações, não raramente, apresentando novos sentidos aos dados analisados (CORREA; FERREIRA, 2017, p. 7-8).

Os GI foram organizados de forma on-line, devido ao fato de ainda estarmos vivenciando a pandemia que nos impede do convívio social. Mesmo com a produção dos dados acontecendo de forma *online*, consideramos indispensável a realização da técnica grupo de interlocução, visto ser “[...] um momento de interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa a fim de socializar os resultados do estudo e discutir sobre estes dados e sobre questões que ainda necessitam ser ampliadas” (FIORIN, 2012, p. 10).

O planejamento da técnica partiu do convite¹⁶ enviado via *WhatsApp* para todos os estudantes participantes da pesquisa convidando-os a participarem do encontro, em que seriam apresentados os dados sistematizados na pesquisa. O encontro ocorreu no dia 27 de agosto de 2021, das 19h às 20h na sala virtual do Google Meet. Da mesma forma, os professores foram convidados por e-mail para participarem do encontro online que ocorreu no dia 01 de setembro de 2021, das 14h às 15h 30min na sala virtual do Google Meet. Mais do que grupos de discussão, os grupos de interlocução constituem-se em grupos de interação nos quais os participantes passam a se influenciar mutuamente, socializando suas experiências a partir da linguagem. Assim,

Os interlocutores da pesquisa podem (re)conhecer sentidos, questões e categorias explicitadas individualmente no grupo como sentidos, questões e categorias, mas que, em interlocução, são dados do coletivo, caracterizam esse coletivo e merecem ser analisados por todos (CORREA; FERREIRA, 2017, p. 8).

O GI foi organizado com base nos passos básicos descritos por FIORIN (2012, p. 20), adequados para realidade dessa pesquisa e ocorreu da seguinte forma, através da plataforma Google Meet:

1. exposição do significado da técnica para que todos tivessem conhecimento do que aconteceria;
2. apresentação de slides com o título da pesquisa, a problematização, o objetivo Geral e os objetivos específicos, como introdução da pesquisa;
3. apresentação de slides com os resultados da pesquisa, exposição de cada categoria de conteúdo analisada;
4. apresentação, pela pesquisadora, de questões que surgiram após as análises dos dados, para serem discutidas no grupo;
5. discussão sobre os resultados da pesquisa, com proposta de outras questões que não foram levantadas até então;
6. esclarecimentos de dúvidas, apontamentos e sistematização para as considerações finais.

Dessa forma, a ferramenta põe em evidência a importância dessa troca entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, pois uma crítica bem presente no mundo acadêmico

¹⁶ Boa tarde espero encontrar-lhes bem. Como sabe, minha pesquisa de Mestrado tem como foco o PROEJA do CTISM. Gostaria de convidá-lo a participar do grupo de interlocução que será um encontro em que vou apresentar as principais conclusões da minha pesquisa até aqui. Tua participação é muito importante para que possamos construir juntos as últimas conclusões sobre a pesquisa e propor melhorias. O encontro ocorrerá hoje 27/08 das 19h às 20h na sala do meet. Conto com a tua participação. Obrigada! <<http://meet.google.com/dod-fbdf-wyb>>.

está relacionada a falta de retorno do que é pesquisado, e essa é uma maneira tanto de oferecer esse retorno quanto de alinhar os resultados produzidos com o que foi dito através do grupo. Nesse sentido, “esses estudos criam novos espaços com os sujeitos, a fim de problematizar e ressignificar os resultados, fazendo emergir o que há de substancial e significativo daquilo que foi inicialmente encontrado” (CEZAR, et al., 2020, p. 8).

Durante a realização do GI, foi possível confirmar a importância de socializar o que foi produzido:

Como é bom a gente receber esse retorno de poder conhecer um pouco mais a realidade do estudante, de ver como os nossos colegas estão sentindo todo esse processo e essas experiências todas (P5-GI, set. 2021).

Eu acho que é bem importante a gente ter essa noção de como o PROEJA acontece dentro do CTISM, para nós professores é importante a gente ter essa visão se o nosso trabalho realmente tá cumprindo a função ao qual ele é destinado. O retorno que está nos dando é muito importante para nós (P6-GI, set. 2021).

A pesquisa fez a gente pensar um pouco naquilo que a gente evoluiu dentro do ano que a gente começou até agora que a gente tá nesse ensino remoto, eu tenho me esforçado ao máximo pra estar aqui (E2-GI, ago. 2021).

Neste relato, os sujeitos da pesquisa manifestaram como foi importante estarem recebendo o retorno da pesquisa, pois foi um momento de olhar para si em relação ao todo, de refletir sobre os desafios enfrentados, sobre a evolução de forma coletiva. Para a pesquisadora, foi uma possibilidade riquíssima de construção e troca de conhecimento, um momento emocionante e fundamental para ressignificar os dados produzidos.

O sexto e último movimento foi o momento de incorporar os dados no estudo. Após a análise, os dados foram incorporados no texto de forma dialética, construindo ligações entre teoria e prática, criando aproximações entre as análises produzidas, as categorias do método e a teoria utilizada na pesquisa.

No próximo capítulo, abordaremos as transformações no mundo do trabalho e as relações que perpassam a pandemia da Covid-19. Nesse sentido, questiona-se sobre a contradição existente na categoria Trabalho, mais do que isso, os retrocessos no mundo do trabalho.

CAPÍTULO 3 – TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E AS RELAÇÕES QUE PERPASSAM A PANDEMIA DA COVID-19

Se o mundo atual nos oferece como horizonte imediato o privilégio da servidão, seu combate e seu impedimento efetivos, então, só serão possíveis se a humanidade conseguir recuperar o desafio da emancipação. (ANTUNES, 2018, p. 340)

Compreendemos o trabalho como condição para humanização, apesar dos fatores de precarização e alienação que perpassam o mundo do trabalho através do tempo e espaço. E este é uma categoria central neste estudo, sendo que o objetivo deste capítulo é refletir sobre as transformações no mundo do trabalho, na educação e na realidade pesquisada, inserindo como a pandemia influenciou estas relações. Partimos da discussão das relações de Trabalho, Educação e Escolarização, buscando as concepções da categoria trabalho, seguimos explorando as condições de trabalho, inerentes ao modo de produção capitalista e a pandemia.

Entendemos que essas questões são fundamentais para pensar a política de EJA na atualidade, pois como apresentamos anteriormente, tem-se no contexto nacional a descontinuidade da política e na realidade estudada uma pandemia em curso: o que podemos então aprender com a análise da realidade? Iniciamos com a discussão ampla do mundo do trabalho e os retrocessos no sentido do trabalho. Ressaltamos que, pela formação da pesquisadora, essas perspectivas já estiveram presentes, mas só agora conseguimos fazer relações críticas nas dimensões trabalho e educação.

3.1 RELAÇÕES DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Com o avanço cada vez mais acelerado do capitalismo em nível mundial por meio do neoliberalismo, no Brasil, a EJA e EJA EPT se consolida para milhões de jovens e adultos como uma oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Visto o cenário global, fica evidente que a educação está subsumida aos interesses do capital, e não o contrário, o que seria perfeito quando se defende uma educação que liberta e emancipa as classes populares (FREIRE, 1987). Todavia, existe uma grande distância entre o que seria ideal e a práxis que se efetiva no dia a dia. Analisando a afirmação posta no Documento Base “[...] uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa” (PROEJA DOCUMENTO BASE, 2006, p. 10).

Será que essa educação emancipadora tem se efetivado na prática social e sobretudo, será que tem produzido, de fato, transformações na vida dos jovens e adultos brasileiros no que se relaciona à sua participação no mundo do trabalho? O que se sabe é que o processo de escolarização constitui um espaço importante de sentido, que revela desigualdades e oportunidades limitadas que marcam a vida de jovens e adultos.

O trabalho moderno organicamente se une à escola quando consegue inspirar neste seu espírito de laboriosidade, seu método disciplinar produtivo e de precisão, sua ética de solidariedade universal com os interesses objetivos de todos, sua lógica produtiva de organização de muitos para um só fim. Esse fim, obviamente, deverá ser diferente, pois escolas produzem algo diferente nas fábricas, como, aliás, também estas não produzem todas a mesma coisa. A escola produz fundamentalmente trabalho intelectual; a fábrica, trabalho material. Ou seja, a organicidade entre fábrica e escola ocorre (deve ocorrer) a nível de método (no sentido mais amplo) e não a nível de técnicas ou de fim imediato. Em outras palavras, a escola se inspira no trabalho industrial moderno como seu princípio pedagógico, não certamente deixando de ser escola (nem parcialmente) e sim concretizando-se como uma escola historicamente moderna, isto é, tendencialmente socialista, centrando-se na ideia de atuar a liberdade concreta e universal do homem (NOSELLA, 1992, p. 37).

A educação, para EJA EPT, representa uma possibilidade de inserção no mundo do trabalho, sobretudo, possivelmente a escolarização contribua para que ele tenha acesso ao saber historicamente acumulado e tenha melhores condições de ler o mundo, ainda assim, no sistema capitalista ele precisará vender sua força de trabalho, talvez por um salário melhor.

3.1.1 Concepções acerca do Trabalho

As concepções acerca do trabalho são fundamentais para essa pesquisa, pois através das transformações da sociedade e a influência do modo de produção capitalista, o trabalho assume um caráter central. Buscamos destacar as relações construídas pelo homem enquanto transformador da natureza e motivador dos processos sociais. É por meio do trabalho que o homem transforma a natureza, se transforma através dela e por meio dessa transformação tem sua realização. Nesse sentido, Marx afirma que:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele

desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2013. p. 188).

Demerval Saviani (2007), autor tão conceituado com suas considerações acerca do tema, apresenta o seguinte entendimento:

Ora, o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. **O que o homem é, é-o pelo trabalho.** A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico. (SAVIANI, 2007. p. 3, grifo nosso).

A concepção de Maria Ciavatta (2008), acerca do tema, enfatiza a capacidade de o trabalho acontecer como forma de emancipação, de maneira prazerosa como produção de existência humana:

O trabalho é parte fundamental da ontologia do ser social. A aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação do homem sobre a natureza. **O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é apenas uma forma histórica do trabalho em sociedade, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa.** O trabalho é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção histórica. (CIAVATTA, 2008. p. 83, grifo nosso).

Já para Antunes (2008), no contexto Marxiano ao qual nos debruçamos nesse estudo, sob o bojo da sociedade capitalista, o trabalho é visto como forma de alienação, dessa maneira a força de trabalho se subordina ao capital, na forma de trabalho estranhado.

O que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização no e pelo trabalho – é pervertido e depauperado. O processo de trabalho se converte em meio de subsistência. A força de trabalho torna-se, como tudo, uma mercadoria, cuja finalidade vem a ser de produção de mercadorias. **O que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído.** (ANTUNES, 2011, p. 145, grifo nosso).

No contexto da sociedade capitalista as relações de trabalho acontecem em torno da acumulação, corroborando para um sistema desigual, que propicia a expansão do desemprego estrutural em escala mundial. Essa limitada dimensão do trabalho nos leva a pensar, com base na concepção de Antunes (2011), que as relações sociais se transformaram em relações não entre pessoas, e sim de coisificação do indivíduo, limitando o estado natural do homem, gerando um estranhamento dos homens no processo de satisfação de suas necessidades.

Estranho frente ao produto do seu trabalho e frente ao próprio ato de produção da vida material, **o ser social torna-se um estranho frente a ele mesmo**: o homem estranha o próprio homem. Torna-se estranho em relação ao gênero humano. O homem se converte em um simples meio pra outro homem; um meio para satisfação de seus fins privados, de sua avidez. (ANTUNES, 2011. p. 146, grifo nosso).

No Brasil, de acordo com dados do IBGE, o desemprego alcançou a marca de 14,7 milhões de brasileiros no segundo semestre de 2021. O trabalhador desempregado perambulando em meio a milhões de outros sujeitos nas mesmas condições, para suprir suas necessidades básicas, visto o fator agravante, a pandemia em curso, se submetem às mais diversas condições de trabalho informais, sujeitos a aceitar quaisquer ofertas a ele oferecida.

No processo de trabalho, portanto, a atividade do homem, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma. O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia sob a forma do movimento, agora se manifesta, do lado do produto, como qualidade imóvel, na formado ser (MARX, 2013. p. 190).

As transformações sociais e econômicas em sua totalidade afetam diretamente o mundo do trabalho, exigindo sujeitos com grau cada vez mais elevado de escolarização, bem como de qualificação profissional. O desemprego, característica tão marcante nesse cenário, em certa medida, está associado às inovações organizacionais como a inclusão das tecnologias, e também sofrendo a influência dos impactos causados pela pandemia da Covid-19. Infelizmente a escolarização no Brasil é isso, a gente tem que lutar por uma melhoria sempre né, nós enquanto educadores, trabalhadores da educação a gente tem que sonhar, eu já faz tempo que venho sonhando, mas vamos lá, continuar trabalhando e manter os vínculos que a gente tem. (P8-GI, set. 2021).

3.1.2 As relações de trabalho na vida do trabalhador estudante

No contexto das contradições entre Trabalho e Educação, trazer uma concepção de escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva democrática e de justiça social é um processo que exige refletir sobre várias dimensões. Acácia Kuenzer (1985), em sua obra “Pedagogia da Fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador”, buscou compreender, no âmbito da própria fábrica, organizada sob a égide do capital, de que maneira

acontecem as relações de Trabalho e Educação, de que forma a empresa capitalista educa o trabalhador. De acordo com a autora, o trabalhador é educado para um tipo de trabalho alienado, de maneira a produzir o maior valor possível. A questão principal, em sua análise então, é entender como o trabalhador, por meio das relações de trabalho, pode se educar para superar as relações de exploração do capitalismo (KUENZER, 1985).

A autora destaca a importância da conexão entre trabalho intelectual e trabalho manual, defende a necessidade do domínio do trabalho como um todo, planejamento e ação (KUENZER, 1985). Se a classe trabalhadora não participa do processo produtivo como um todo e somente desempenha sua função de maneira fragmentada, seu trabalho se torna um trabalho alienado, como ilustra a figura abaixo.

Figura 5 – Sentido figurado para o trabalho alienado



Fonte: Disponível em: <<https://www.profwilliam.com/2011/12/o-trabalho-alienadoestranhado.html>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

A autora sinaliza ainda que as estratégias gerenciais adotadas pela empresa têm, mesmo que de maneira contraditória, ensinado o trabalhador a desempenhar seus direitos de cidadão, respeitando seus direitos fundamentais (Kuenzer, 1985). No contexto da empresa, conhecimento corresponde a controle nas tarefas em que o trabalhador tem mais conhecimento, conseqüentemente, tem mais controle. Ao vivenciar o contexto da escola, as relações de trabalho e educação se configuram em uma perspectiva crítica, o conhecimento corresponde à emancipação, quanto mais conhecimentos mais autonomia o estudante adquire.

O trabalho não é sinônimo de emprego, apesar do senso comum considerar como sendo. O trabalho é muito mais do que isso, está diretamente relacionado ao crescimento pessoal de homens e mulheres e pode ser remunerado ou não, e o emprego é uma atividade que se realiza com o objetivo de se obter renda. Manfredi (2016), na obra “Educação Profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história” destaca algumas relevantes

considerações sobre trabalho, emprego e qualificação para o trabalho, pertinentes para pensarmos essas relações dentro do curso de EJA EPT:

- Conceitualmente, existe uma diferença entre “trabalho e emprego”; - A natureza e os tipos de trabalho, bem como as condições de emprego, dependem muito de mecanismos estruturais que de processos educativos, sejam eles intencionais ou não, escolarizados ou não; - A educação, como processo social, não gera trabalho nem emprego. Novos postos de trabalho e o aumento do número de empregos dependem, por um lado, de processos estruturais de organização da produção, da estrutura do mercado de trabalho, da estrutura operacional e dos mecanismos macroeconômicos e políticos que regulam o funcionamento das economias capitalistas nos âmbitos nacional e internacional; - Nesta linha de argumentação, a Educação Profissional, como prática social, é uma realidade condicionada, determinada e não condicionante de qualificação social para o trabalho e para o emprego (MANFREDI, 2016, p. 34-35).

As notáveis transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas no contexto global vêm deixando consideráveis marcas desde o final do século XX. A globalização da economia, a competitividade, a tecnologia avançando a passos largos, a flexibilização do trabalho, e, por conseguinte, um trabalho precarizado, estão refletindo na sociedade, no mundo do trabalho e nos trabalhadores. Novas formas e significados construídos, ao longo do tempo, que impactam diretamente o mundo do trabalho, novas formas com velhos sentidos. No mesmo sentido, Gaudêncio Frigotto (2010) em sua obra “A produtividade da escola improdutiva”, ressalta que a relação existente entre o homem e a natureza que resulta em trabalho é contraditória, pois assim como o trabalho pode ser visto como emancipador e transformador também pode se tornar um mecanismo de alienação, aprisionamento e degradação.

Configura-se, então, historicamente, um modo de produção onde as relações sociais de produção são marcadas por uma cisão fundamental: proprietários dos meios e instrumentos de produção e assalariados, não proprietários, que dispõem, para a troca, unicamente de sua força de trabalho, criadora do valor, agora transfigurada em uma mercadoria, para o capitalista, igual a qualquer outra. Esta cisão delineia as classes fundamentais do modo de produção capitalista e o eixo para entender as relações sociais de produção e prática educacional que se dá no seu interior (FRIGOTTO, 2010, p. 91).

A história da educação é marcada por movimentos contraditórios entre escola e trabalho, pois a tecnologia evolui, mas, em contrapartida, o aumento do desemprego também é crescente, dessa forma, possibilidades como empregos informais, terceirizados e precarizados tornam-se a única forma de subsistência.

O tema da precarização do trabalho é de extrema importância em nosso contexto social, especialmente nos dias atuais, em que emerge uma nova configuração do capitalismo.

Ricardo Antunes (2018), na recente obra “O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital” resgata importantes contextos sobre os sistemas produtivos que perpassaram o tempo. Nesse sentido, Antunes (2018, p. 30) afirma que “[...] há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais”. No dia a dia da escola de EJA, vemos na prática a importância que o emprego tem na vida desses trabalhadores-estudantes, mesmo que, muitas vezes, tenham empregos precários, mas que proporcionam o sustento de suas famílias e o acesso a questões básicas como alimentação.

Neste sentido, o discurso a seguir é de um trabalhador-estudante, registrado no diário de campo e mostra na práxis a realidade desses sujeitos.

Não tá fácil não! Questões de estudos eu estou zerado, meus objetivos são trabalhar pra poder me manter e pagar minhas contas que só estão acumulando assim como a de muitos. Por mim poderiam trancar o semestre e recuperamos depois. Entendo os professores em querer dar matéria, mas entendo também que ele tem salário fixo, mas nós vivemos na luta aqui fora!! Então não estou desenvolvendo minhas atividades acadêmicas em EAD (Diário de Campo, mai/2021).

A relação do trabalho com o tempo, assim como a fragmentação do trabalho, propostas desde o taylorismo, se manifesta fortemente nos dias de hoje. A terceirização vem se tornando a modalidade de gestão cada vez mais em relevo no mundo do trabalho, visto que, minimiza os custos para as grandes empresas, criando “parcerias” entre as grandes empresas e as pequenas terceirizadas.

Em um universo em que a economia está sob comando e hegemonia do capital financeiro, as empresas buscam garantir seus altos lucros exigindo e transferindo aos trabalhadores e trabalhadoras a pressão pela maximização do tempo, pelas altas taxas de produtividade, pela redução dos custos, como os relativos à força de trabalho, além de exigir a “flexibilização” crescente dos contratos de trabalho (ANTUNES, 2018, p. 37).

A terceirização deixa subentendida a relação trabalhador empregador, justamente, por não existir um vínculo empregatício, acaba gerando situações instáveis, precárias e até mesmo o desemprego. Ainda de acordo com Antunes:

Com salários menores, jornadas de trabalho prolongadas, vicissitudes cotidianas que decorrem da burla da legislação social protetora do trabalho, a terceirização assume cada vez mais relevo, tanto no processo de corrosão do trabalho e de seus direitos como no incremento e na expansão de novas formas de trabalho produtivo geradoras de valor (ANTUNES, 2018, p. 37).

Outra forma de Capital Flexível que tem apresentado gigantesca expansão, mesmo que seguindo os modelos de precarização, é o fenômeno da “Uberização”. Antunes (2018) argumenta que:

A Uber é outro exemplo mais do que emblemático: trabalhadores e trabalhadoras com seus automóveis, isto é, com seus instrumentos de trabalho, arcam com suas despesas de seguridade, com os gastos de manutenção dos veículos, de alimentação, limpeza etc., enquanto o “aplicativo” – na verdade, uma empresa privada global de assalariamento disfarçado sob a forma de trabalho desregulamentado – apropria-se do valor gerado pelo serviço dos motoristas, sem preocupações com deveres trabalhistas historicamente conquistados pela classe trabalhadora (ANTUNES, 2018, p. 40).

A política econômica nacional opera sob o bojo do capitalismo mundial, sendo que, uma das principais características do sistema capitalista de produção é a acumulação. Desde a inserção da industrialização na sociedade até os dias atuais, muitas foram as transformações na relação capital-trabalho com direta influência na relação trabalho-educação, porém a exploração do capital, pelos sistemas produtivos, exerce sobre o trabalho como forma de acumulação continua a mesma, o que se modifica é a variação sobre o mesmo tema.

3.2 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

A humanidade vivenciou e vivencia um constante processo de transformações no mundo do trabalho decorrentes da forma de organização social que se originou sob o modo de produção capitalista. Da mudança do sistema feudal para o processo de industrialização, da era do trabalho manual à era da informatização, cada momento representa importantes transformações na vida dos trabalhadores e nas formas ocupadas pela exploração e acumulação no modo de produção capitalista.

As estratégias de organização e controle do trabalho já vinham sendo pensadas, nas últimas décadas do século XIX, por alguns autores da economia clássica, porém foi Frederick Winslow Taylor que desenvolveu as primeiras ideias da gerência científica, no intuito de aplicar ciência junto à produção, objetivando o controle, a criação de regras e procedimentos padrões para a execução do trabalho. Regras criadas na direção de uma melhor relação possível entre tempo e movimento.

A característica fundamental da gerência científica desenvolvida por Taylor era a privação do saber do trabalhador, surgindo então, a divisão entre execução e concepção. Taylor (1987) diz:

O uso prático dos dados científicos requer uma sala em que são guardados os livros, notações dos rendimentos máximos e uma mesa para o planejador das tarefas. Assim, todo o trabalho feito pelo operário no sistema antigo, como resultado de sua experiência pessoal, deve ser necessariamente aplicado pela direção no novo sistema, de acordo com as leis da ciência, porquanto o trabalhador, ainda que bem habilitado na organização e uso dos dados científicos, estaria materialmente impossibilitado de trabalhar, ao mesmo tempo, na máquina e na mesa de planejamento. **Está claro, então, na maioria dos casos, que um tipo de homem é necessário para planejar e outro tipo diferente para executar o trabalho.** (TAYLOR, 1987, p. 35, grifo nosso).

Taylor percebe que o conhecimento que o trabalhador domina sobre o processo de trabalho, em razão de estar diretamente envolvido na produção, é muito maior que o da gerência. Nesse sentido, cria essa divisão entre elaboração e execução, o que tira do trabalhador sua principal característica enquanto humano, a sua capacidade de concepção. A perspectiva de Taylor (1987) sobre a qualidade do trabalho está diretamente ligada à noção do tempo, “[...] em uma palavra, o máximo de prosperidade somente pode existir como o máximo de produção” (TAYLOR, 1987, p. 20). Fica claro que Taylor entende o trabalho como um simples instrumento para o crescimento capitalista.

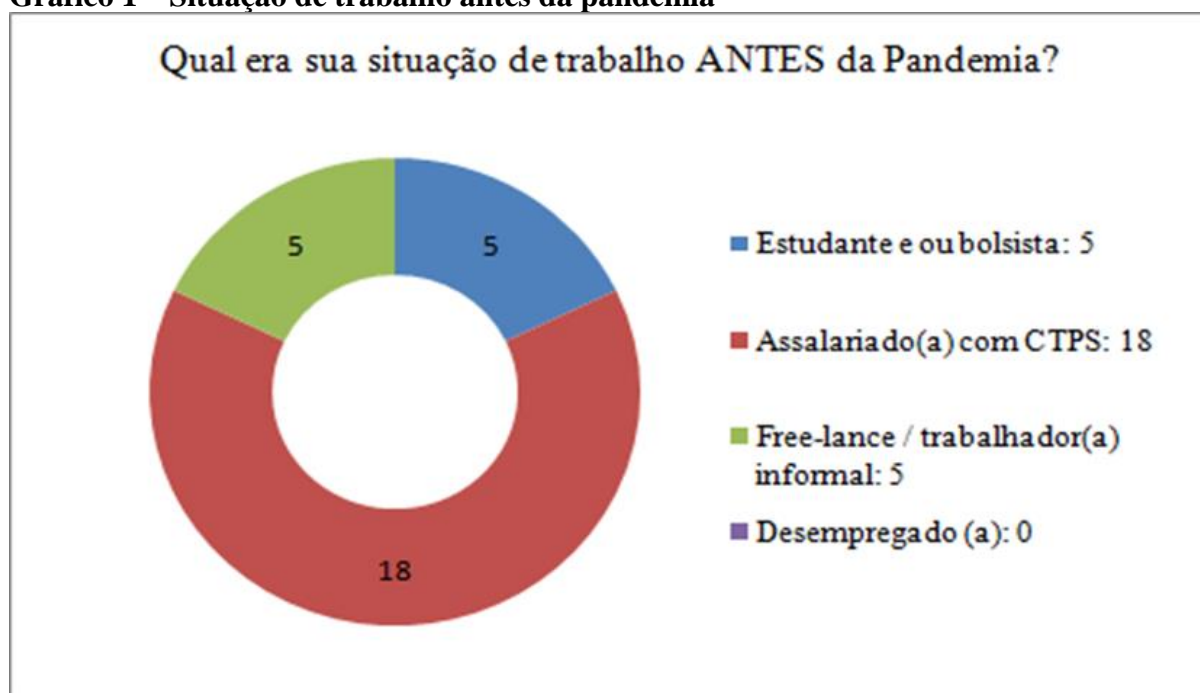
Com a implantação do fordismo, intensificou-se o processo de controle da força de trabalho, uma grande inovação foi à introdução de uma esteira rolante no chão de fábrica, possibilitando uma produção e consumo em massa, o que gerou aumento na produtividade, visto que, o trabalhador não mais precisava se locomover para desempenhar suas atividades. Exatamente como ilustrou a charge da figura 5, um trabalho alienado. Veio a automatização e a mecanização no ritmo de trabalho, entretanto, em contrapartida, gerou um processo de trabalho ainda mais exaustivo para os trabalhadores.

Com a implantação do toyotismo permaneceu o processo de controle da força de trabalho, principalmente, quanto ao tempo, à dinâmica de organização direcionada para uma produção sem interrupções, com a inserção de processos como Just-in-time, que se constitui como uma produção no tempo certo, reduzindo estoques. O Kanban que se estabelece como um controle de produção e os círculos de controle de qualidade e destacam também como característica do toyotismo - o trabalho em equipe. O toyotismo ou modelo de acumulação flexível, acaba por agregar, em sua dinâmica, especificidades tanto do fordismo quanto do taylorismo. O controle sobre o tempo manifesta-se como uma das principais aproximações entre os padrões de produção. Outra semelhança é a separação entre execução e concepção. Essas realidades influenciadas pelo fordismo e depois o toyotismo, passaram a comandar a realidade do mundo do trabalho e, por consequência, passaram a influenciar também as

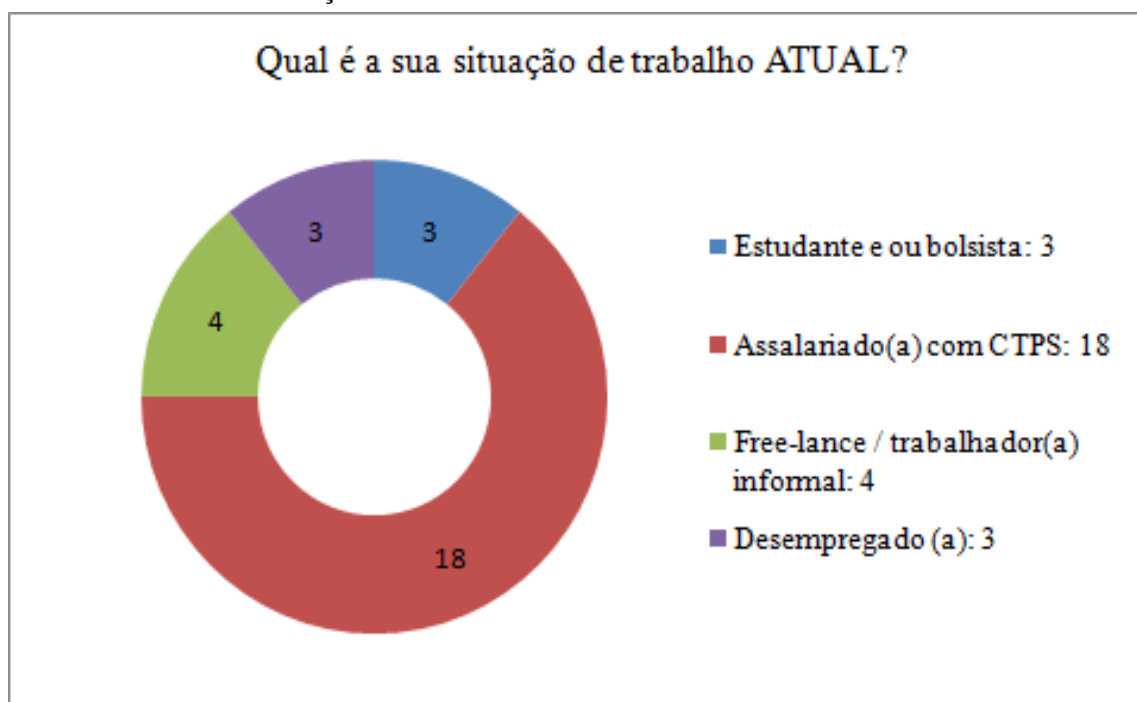
relações na educação e as políticas públicas educacionais. Defendemos ser fundamental perceber essas relações quando pesquisamos a Educação Profissional. É preciso estar atento ao modo descuidado em que o Estado vem tratando das políticas educacionais, os sistemas de ensino da iniciativa privada vêm cada vez mais ganhando destaque, “[...] as estratégias adotadas por esses sistemas geralmente agridem os mais básicos critérios da boa pedagogia, buscando taylorizar o trabalho do professor e ultrapassando as raias do tolerável em termos de desqualificação” (PARO, 2015 p. 68).

Retomando os retrocessos no mundo do trabalho e trazendo para realidade investigada, por meio do questionário aplicado junto aos estudantes, conforme os dados apresentados nos gráficos 1 e 2. Observou-se que: não houve uma mudança significativa em termos de condições de trabalho antes da pandemia e nos dias atuais, pois os mesmos dezoito trabalhadores- estudantes que estavam trabalhando com carteira assinada antes da pandemia, permaneceram nos dias atuais. Porém, um dado que nos chamou bastante atenção foi que três estudantes responderam que ficaram desempregados atualmente, com a pandemia em curso.

Gráfico 1 – Situação de trabalho antes da pandemia



Fonte: Autora, 2021.

Gráfico 2 – Situação de trabalho atual

Fonte: Autora, 2021.

Diante de um cenário de crise, testemunhamos mais uma contradição em relação a categoria trabalho. Na condição de bolsista do apoio pedagógico a pesquisadora dispunha de muitas informações tanto do dia a dia dos estudantes, quanto da gestão, do departamento de ensino e do departamento de estágios, assim como, da oferta de vagas de trabalho que as empresas parceiras divulgavam e solicitavam indicação de estudantes do colégio. Ora, se o mundo do trabalho ofertava vagas de trabalho para nossos estudantes, porque mesmo assim nossos estudantes continuam desempregados, como demonstra o gráfico 2 no período atual com a pandemia em curso? Essa é uma questão bastante delicada que precisa ser pensada, será que nossos estudantes estão qualificados para o mundo do trabalho em constantes transformações, ou estão de maneira restrita preparados para o mercado de trabalho?

Isso posto, consideramos necessário contextualizar alguns aspectos vivenciados no contexto da pandemia no Brasil e no mundo e relacionar como estas questões influenciam na vida escolar e profissional dos trabalhadores estudantes.

3.3 O CONTEXTO DA PANDEMIA NO BRASIL E NO MUNDO

Tal qual 2008, o ano de 2020 revela um padrão estrutural de crise da valorização do valor no capitalismo mundial. A crise do capital financeiro especulativo já vinha, nos primeiros

meses de 2020, se pronunciando de modo a afetar amplos setores da economia pelo mundo. No entanto, para além de 2008, desta vez à crise econômica soma-se o impacto direto, na vivência imediata da sociabilidade, da pandemia. (MASCARO, 2020, p. 15).

Anteriormente ao inimigo invisível, o Covid-19, já tínhamos os inimigos visíveis como um sistema que valoriza a exploração da mão de obra barata e o acúmulo de renda. Segundo os dados da Oxfam¹⁸, um exemplo da desigualdade vivenciada é como a Pandemia afetou diretamente as pequenas empresas no Brasil. Cerca de 10 milhões de pequenas empresas tiveram que interromper suas atividades temporariamente, impactando diretamente no número de desemprego, que atingiu a marca de mais de 14 milhões de brasileiros, de acordo com dados mencionados anteriormente (IBGE), e o índice ainda pode piorar, visto que a Pandemia não acabou.

No entanto, enquanto a classe trabalhadora perde seus empregos, grandes corporações têm lucrado bilhões. No dia 10 de setembro de 2020, a Oxfam¹⁷ lançou o relatório “Poder, Lucros e Pandemia” mostrando como os 25 maiores bilionários do mundo aumentaram sua riqueza em U\$ 255 bilhões nos três primeiros meses da pandemia (de março a maio de 2020). As grandes corporações do mundo estão priorizando lucros em detrimento da segurança dos trabalhador e se do enfrentamento ao corona vírus, as estratégias utilizadas incluem cortar custos e empregos e apostar na influência política a seu favor.

Em tempos de pandemia da Covid-19, em que as medidas de isolamento e distanciamento social impedem a busca por empregos e dificultam o trabalho dos informais, quase 50% da força de trabalho brasileira estão bastante fragilizadas pela ausência de renda mínima para subsistência (IBGE, 2020). A pandemia fomenta ainda mais a exclusão social, pois amplia o desemprego. Boaventura Santos (2020), em sua recente obra “A Cruel Pedagogia do Vírus”, destaca que:

As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga. É evidente que são menos discriminatórias que outras violências cometidas na nossa sociedade contra trabalhadores empobrecidos, mulheres, trabalhadores precários, negros, indígenas, imigrantes, refugiados, sem abrigo, camponeses, idosos, etc. Mas discriminam tanto no que respeita à sua prevenção, como à sua expansão e mitigação. Grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde para nos defendermos do vírus

¹⁷ Oxfam Brasil é uma organização da sociedade civil brasileira criada em 2014 para a construção de um Brasil mais justo, sustentável e solidário, eliminando as causas da pobreza, as injustiças sociais e as desigualdades. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/historia/#:~:text=A%20Oxfam%20Brasil%20%C3%A9%20uma,e%20Justi%C3%A7a%20Social%20e%20Econ%C3%B4mica>>. Acesso em 05 mai. 2020.

porque vive em espaços exíguos ou altamente poluídos, porque são obrigados a trabalhar em condições de risco (SANTOS, 2020, p. 23).

No Brasil, de acordo com Antunes (2020), vivenciamos, desde sempre, formas intensas de exploração do trabalho e de precarização ilimitada, as consequências são ainda mais perversas do ponto de vista social. Nesse sentido, Antunes (2020) complementa que:

Entre outras consequências devastadoras para a humanidade, podemos citar o desemprego monumental, a destruição ambiental, a “mercadorização” da vida e o incentivo diário a novas guerras e conflitos armados. Isso tudo nos trouxe a um quadro pandêmico que amplifica ainda mais o sentido letal do sistema de capital. (ANTUNES, 2020, p. 10).

Neste novo cenário vivido mundialmente, o site do IBGE disponibiliza um canal *online* com informações relevantes acerca dos impactos da pandemia; uma dessas temáticas é a Pesquisa Pulso Empresa¹⁸, que objetiva investigar os impactos da pandemia na economia brasileira, tendo como base de investigação empresas não financeiras representativas das atividades de Indústria, Construção, Comércio e Serviços. A pesquisa acontece por meio de entrevista via telefone e tem abrangência nacional, aborda a situação operacional das empresas e seu ambiente de negócio. São investigadas questões sobre o comportamento da demanda sobre produtos e serviços; a capacidade de oferta/produção de produtos e serviços; o acesso a insumos ou matérias-primas; a capacidade da empresa de realizar pagamentos de rotina; o número de pessoas ocupadas; e as principais medidas de reação adotadas pelas empresas e a existência de apoio governamental às iniciativas empresariais.

Assim, sabemos que as perdas e os índices são imensuráveis ainda, e o número de vidas perdidas¹⁹, 4,55 milhões no mundo e 586 mil no Brasil, é apenas um dado das inúmeras outras perdas e problemas que advém da pandemia.

Neste capítulo, problematizamos questões importantes para o mundo do trabalho ou mundos do trabalho, como optamos por denominar. Questões fundamentais que gestores, professores e pesquisadores da EPT precisam analisar. E, neste caso, ao vivermos (o que estamos nos propondo) a política de EJA EPT necessitamos de fundamentos teóricos aliados à prática em busca da práxis.

¹⁸ Essa pesquisa apresenta dados preliminares experimentais, pois são estatísticas novas que ainda estão em fase de teste e sob avaliação. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 11 set. 2021.

¹⁹ Número de vidas perdidas para o Covid-19, até a data de 11 de set. 2021. disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 11 set. 2021.

3.3.1 As transformações na realidade escolar pesquisada

Nesta seção, buscamos analisar as transformações que a política de EJA EPT possibilita aos estudantes que acessam o curso. Pretendíamos viver e observar estas junto a realidade escolar, mas a pandemia impossibilitou esta presença física. E nossas interações passaram a ser como outras tantas realidades por meio da tecnologia: plataformas de ensino, plataformas de comunicação, contato via celular ou computador.

Entendemos que a escola reproduz a sociedade, então o papel transformador da escola é definido pelo processo de mediação cultural entre o que é produzido na escola e a sociedade. A escola é um importante pilar de formação do cidadão, mas seu alcance em termos de transformação é limitado pelas condições do meio ao qual está inserido, isso é, sofre constantes influências do ambiente econômico, político e social. As transformações que buscamos acompanhar são transformações, sobretudo em termos de aspectos humanitários, de esperança de uma vida melhor.

Reconhecer o trabalho como formador nos obriga a aprofundar no não trabalho, no trabalho instável, precarizado como de-formador. A procura de milhares de adolescentes, jovens e adultos, por uma nova tentativa de educação revela, de um lado, que suas experiências de desemprego e subemprego roubam-lhes a humanidade. De outro lado, revelam-lhes a esperança de recuperar sua humanidade roubada em itinerários pela educação, por uma vida justa (ARROYO, 2017, p. 65).

O papel da educação é soberano, tanto para elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a autotransformação consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente. É isso que se quer dizer com a concebida “sociedade de produtores livremente associados”. Portanto, não é surpreendente que na concepção marxista a “efetiva transcendência da auto alienação do trabalho” seja caracterizada como uma tarefa inevitavelmente educacional (MÉSZÁROS 2008, p. 65). Acreditamos que a escola tem papel fundamental na transformação, pois, somente por meio da educação concebida como a autoeducação radical dos indivíduos sociais, no curso de sua “alteração que só pode ter lugar em um movimento prático, em uma revolução”, somente nesse processo podem os indivíduos sociais tornar-se simultaneamente educadores e educados.

Procuramos trabalhar as transformações que partem da totalidade, que é o sistema capitalista, perpassamos as transformações no mundo do trabalho, consideramos a pandemia, que ainda não conseguimos mensurar as inúmeras mudanças ocorridas não só referente ao isolamento social, mas como estas se materializam na vida, no trabalho e nos processos

educativos. Para organizar o que entendemos por transformações, organizamos como sendo mudanças em três eixos que interagem entre si: **no pessoal**, referente às características relacionais de si no e com o grupo; **no profissional**, referente ao processo de envolvimento com o curso e interesse aos novos conhecimentos; **no ser estudante**, referente ao desenvolvimento da autonomia, criticidade e do convencimento a continuidade dos estudos.

Através dos questionários aplicados, perguntamos aos estudantes quais transformações observavam em si e aos professores quais observavam nos estudantes, como podemos ver o resultado nos quadros a seguir:

Quadro 1 – Transformações observadas pelos estudantes

Pergunta: Quais as transformações que você teve desde que começou a cursar o PROEJA no CTISM? Você pode escolher mais de uma alternativa.	
Resposta	Quantidade
Pessoal, referente às características individuais e de relacionamento com as outras pessoas Sou alguém diferente e com novas habilidades pessoais;	14
Profissional, referente às questões de trabalho. Sou alguém confiante tecnicamente e aberto a novas aprendizagens no mundo do trabalho;	17
No ser estudante, referente ao desenvolvimento da autonomia de estudar, criticidade e do convencimento à continuidade dos estudos;	8
Outras transformações;	5
Não notei transformações.	2

Fonte: Autora, 2021.

As transformações observadas pelos estudantes foram mais no sentido profissional, o que comprova o que vimos defendendo desde o início da pesquisa, da grande influência que o mundo do trabalho opera na vida desses sujeitos. *Porque voltam educando a fazer-refazer percursos escolares? Pela garantia de seu direito ao conhecimento* (ARROYO 2017, p. 14). Sobretudo, Arroyo afirma:

Disputam o direito a conhecimentos ausentes, sobre o seu sobreviver, seu resistir. Saberes de outra história social, racial e de classe que vivenciam e que tem direito a saber para entender-se. Disputam o direito a que os saberes dessa outra história de segregação e de emancipação sejam incorporados como seu direito ao conhecimento (ARROYO 2017, p. 14).

Isso posto, julgamos necessário conhecer também o olhar dos professores quanto às transformações vivenciadas. Através do questionário aplicado, perguntamos aos professores

quais transformações foram observadas nos estudantes, como podemos ver o resultado no quadro a seguir:

Quadro 2 – Transformações nos estudantes observadas pelos professores

Pergunta: Quais as transformações que você identifica nos estudantes desde que começou a atuar no PROEJA no CTISM? Você pode assinalar mais de uma alternativa.	
Respostas	Quantidade
Pessoal, referente às características individuais e de relacionamento com as outras pessoas Sou alguém diferente e com novas habilidades pessoais;	15
Profissional, referente às questões de trabalho. Sou alguém confiante tecnicamente e aberto a novas aprendizagens no mundo do trabalho;	13
No ser estudante, referente ao desenvolvimento da autonomia de estudar, criticidade e do convencimento à continuidade dos estudos;	13
Outras transformações	5
Não notei transformações	3

Fonte: Autora, 2021.

As transformações observadas pelos professores em relação aos estudantes foram em sua maioria no sentido pessoal, como a EJA é vista como uma possibilidade de transformação, é possível que os professores tenham identificado o papel emancipatório e libertador da educação (FREIRE 1987).

Possivelmente, as transformações não foram observadas em sua totalidade, visto as dificuldades enfrentadas em tempos de privação do convívio social provocado pela pandemia. No próximo capítulo, abordamos a educação de jovens e adultos trabalhadores na EJA EPT: acesso, permanência e êxito. Nesse sentido, parte-se da historicidade da política de forma ampla, contextualizando os marcos legais, até o contexto da realidade pesquisada, de maneira que a totalidade seja ponto de partida e ponto de chegada.

APÍTULO 4 - A EDUCAÇÃO DOS JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES NA EJA EPT: ACESSO, PERMANÊNCIA E ÊXITO

Sabendo que na escola convivem sujeitos totais e não mentes sem história, sem corpo, sem identidade, também são equacionadas como conteúdos da docência formar a curiosidade, a paixão de aprender, a emoção e vontade de conhecer, de indagar a realidade que vivem, sua condição de classe, raça, gênero, sua idade, corporeidade, memória, sua diversidade cultural e social (ARROYO, 2004, p. 120).

Iniciamos este capítulo com a citação de Arroyo (2004, p.120), em sua obra *Ofício de mestre: imagem e autoimagem*, no sentido de trazer uma reflexão acerca do contexto da educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, cabe destacar que, quando o professor adquire um entendimento sobre o processo de ensino e aprendizagem e passa a relacionar as matérias curriculares com a realidade vivenciada por esses sujeitos, o processo de aprender fica mais claro. Este capítulo tem o objetivo de contextualizar a historicidade da política de EJA EPT no Brasil, a partir dos marcos legais e dos movimentos da EJA EPT no CTISM. Nem toda Para melhor entendimento sobre a política direcionada ao público da EJA, faz-se necessário destacar o papel do Estado na sociedade, visto que, neste contexto, é imprescindível para interpretar a criação e implementação de uma política pública. Consideramos necessário destacar que as reflexões apresentadas, neste estudo, inserem-se no contexto de Estado Capitalista. Na concepção de Ramos (2012, p. 12), o Estado é uma instituição com vínculo de classe, uma forma de organização que a burguesia necessariamente adota para fins internos e externos, para a garantia mútua de sua propriedade e de seus interesses.

O Estado cria e implementa uma política pública²⁰ que subordina a classe trabalhadora a uma escolarização engendrada nas necessidades de produção, com objetivo de atender aos interesses do capital e, em contrapartida, promove um ensino embasado no trabalho intelectual, reforçando a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Nesse sentido, Ramos (2012, p. 87), argumenta que, no Brasil, o dualismo das classes sociais se enraíza no tecido social no decorrer de séculos de escravismo e de discriminação do trabalho manual. Isso posto, o capítulo foi organizado em duas seções, a primeira descreve a historicidade²¹, o marco legal da EJA EPT e a segunda aborda os movimentos da EJA EPT no

²⁰ Entendo política pública como uma mudança social. Secchi (2015, p. 2), de forma bastante objetiva, apresenta a política pública como “uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público”.

²¹ De acordo com Ciavatta (2014 p. 53) “A compreensão da historicidade da educação Profissional em uma concepção dialética do espaço-tempo trata dos fenômenos sociais da vida humana na sua temporalidade

CTISM. Assim, pretendemos construir reflexões sobre a política de EJA e o processo de acesso, permanência e êxito dos trabalhadores-estudantes da EJA EPT.

4.1 HISTORICIDADE E MARCOS LEGAIS DA EJA EPT NO BRASIL

Ao pesquisar a educação brasileira através dos séculos, observamos a inerente relação existente entre a escola e as exigências postas pelo sistema capitalista. Na história da educação brasileira, uma questão que se destaca nas discussões se refere à formação acadêmica versus formação para o trabalho. A primeira é representada pelos estudos tradicionais, a formação básica, e a segunda é representada pelo ensino destinado a formar para o trabalho, a formação profissional. Uma das principais particularidades da educação no Brasil é a eminente distinção entre a educação destinada à classe trabalhadora e àquela voltada para a burguesia: o que se denomina dualidade estrutural (KUENZER, 2007).

Neste sentido, a formação de trabalhadores e cidadãos no Brasil constituiu-se historicamente a partir da categoria dualidade estrutural, uma vez que havia uma nítida demarcação da trajetória educacional dos que iriam desempenhar as funções intelectuais ou instrumentais, em uma sociedade cujo desenvolvimento das forças produtivas delimitava claramente a divisão entre capital e trabalho (KUENZER, 2007, p. 27).

Em sua origem, o sistema educacional elitizava o Ensino Superior e oferecia para grande parte da população, os filhos dos trabalhadores, uma formação voltada a produzir mão de obra para atender as exigências do mercado. Observamos que a educação detém a tarefa de formar a elite para os cargos de liderança e, em contrapartida, formar os pertencentes à grande massa menos favorecida economicamente para tornarem-se trabalhadores especializados numa específica função, desconhecendo o todo, tendo conhecimento somente da sua parte. Salienta Manfredi (2002) que a política educacional favoreceu os interesses dos setores privados e os currículos foram redefinidos em ciclos, ramos e graus.

A formação do trabalhador no Brasil começou a consolidar-se desde os tempos mais remotos da colonização, tendo como os primeiros aprendizes de ofícios os índios e os escravos, e “habitou-se o povo de nossa terra a ver aquela forma de ensino como destinada somente a elementos das mais baixas categorias sociais” (FONSECA, 1961, p. 68). Logo, com a utilização do ouro em Minas Gerais foram criadas as casas de fundição e de moeda e

complexa”. Nosso entendimento acerca do tema vai ao encontro da compreensão de Ciavatta, compreendemos a historicidade como uma dinâmica de acontecimentos relacionados no tempo e espaço.

com elas a necessidade de um ensino mais especializado, o qual destinava-se aos filhos de homens brancos. Ainda nessa época, foram criados os Centros de Aprendizagem de Ofícios nos Arsenais da Marinha no Brasil, os quais traziam operários especializados de Portugal para qualificar as pessoas.

Com base na historicidade das políticas públicas em Educação Profissional no Brasil, observamos que “[...] há uma disputa inerente a toda a história da educação no Brasil, e que adquire diferentes formas de acordo com aqueles que relatam a história que fazem as políticas e implementam as ações relativas a essas políticas” (CIAVATTA, 2014, p. 55). A seguir, o Quadro 3 apresenta uma síntese dos movimentos da Educação Profissional no Brasil.

Quadro 3 – Síntese dos movimentos históricos da EJA e EJA EPT no Brasil, na rede federal da EPT

(continua)

Movimentos Históricos da Educação Profissional no Brasil	
1909	Em 1909, Nilo Peçanha assume a Presidência do Brasil e assina, em 23 de setembro de 1909, o Decreto nº 7.566, criando, inicialmente em diferentes unidades federativas, sob a jurisdição do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, dezenove “ <i>Escolas de Aprendizizes Artífices</i> ”, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito.
1937	Em 1937 a Constituição brasileira foi a primeira a tratar especificamente de ensino técnico, profissional e industrial, estabelecendo no artigo 129: “ <i>O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais</i> ”. “ <i>É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo poder público</i> ”. No mesmo ano as Escolas de Aprendizizes e Artífices foram transformadas em Liceus Industriais.
1940	Em 1940 inicia o período de industrialização no Brasil.
1942	Em 1942 o ministro da Educação e Saúde no Brasil, Gustavo Capanema, então, promove uma grande transformação na estrutura educacional brasileira onde equiparou o ensino profissionalizante e técnico ao nível médio e os Liceus Industriais passaram a ser chamados de Escolas Industriais e Técnicas.
1959	No ano de 1959, as Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais. As instituições ganham autonomia didática e de gestão.
1971	Em 1971 a Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, torna, de maneira compulsória, técnico-profissional, todo currículo do segundo grau.
1978	Em 1978, com a Lei nº 6.545, três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica – CEFETs com objetivo de formar engenheiros de operação e tecnólogos.
1982	Lei nº 7.044 de 18 de Outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Promove o fim da obrigatoriedade da educação profissionalizante no ensino de segundo grau.
1988	Em 1988 ano em que foi promulgada a Constituição Federal, um importante marco legal para a educação, artigo 205 “ <i>A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho</i> ”.

1994	Em 1994 a Lei nº 8.948, de 8 de dezembro dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando, gradativamente, as Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (continuação)
1996	Em 20 de novembro de 1996 foi sancionada a Lei 9.394 considerada como a segunda LDB, que dispõe sobre a Educação Profissional num capítulo separado da Educação Básica, superando enfoques de assistencialismo e de preconceito social contido nas primeiras legislações de educação profissional do país, fazendo uma intervenção social crítica e qualificada para tornar-se um mecanismo para favorecer a inclusão social e democratização dos bens sociais de uma sociedade. Além disso, define o sistema de certificação profissional que permite o reconhecimento das competências adquiridas fora do sistema escolar.
1997	O Decreto 2.208/1997 regulamenta a educação profissional e cria o Programa de Expansão da Educação Profissional - PROEP.
2004	Em 2004, o Decreto 5.154/2004 permite a integração do ensino técnico de nível médio ao ensino médio.
2005	Em 2005, com a publicação da Lei 11.195, ocorre o lançamento da primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de 64 novas unidades de ensino.
2005	O Proeja foi criado inicialmente pelo Decreto nº. 5.478, de 24/06/2005 e denominado como Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos.
2006	Em 2006, por meio do Decreto nº. 5.840, de 13 de julho de 2006, o Proeja é ampliado em termos de abrangência e aprofundado em seus princípios pedagógicos, passando a se chamar Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja).
2007	Em 2007 acontece o lançamento da segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tendo como meta entregar à população mais 150 novas unidades.
2008	Em 2008 o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos entra em vigência ainda no primeiro semestre de 2008, como importante instrumento de divulgação e regulação da oferta de Cursos Técnicos por todo o Brasil.
2008	Ainda em 2008, o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva sanciona a Lei nº 11.892/08, criando 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.
2011	A partir da Lei nº 12.513 de 26 de outubro, sob o governo da Presidenta Dilma Rousseff, institui-se o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).
2012	Resolução CNE/CEB Nº 6, DE 20 DE SETEMBRO DE 2012 Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.
2013	Lei nº 13.415, altera as Leis 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à implementação de escolas de Ensino Médio em tempo integral.
2014	Lei nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. É aprovado o Plano Nacional de Educação - PNE, com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal.
2018	Lei nº 13.632, DE 6 DE MARÇO DE 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida.
2019	Criação do Programa Novos Caminhos, programa que, de acordo com o MEC, abre novas oportunidades e novos cursos com foco nas demandas do mercado e nas profissões do futuro. O objetivo da iniciativa, lançada em outubro de 2019, é potencializar a educação profissional e tecnológica com incremento de 80% nas matrículas subindo de 1,9 milhão para 3,4 milhões até 2023.
2021	Resolução CNE/CP Nº 1, DE 5 DE JANEIRO DE 2021, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Resolução Nº 1, de 28 de maio de 2021, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos

aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância.

Fonte: Autora, 2021, Adaptado do histórico da Educação Profissional do MEC. Disponível em: <portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf> e documentos legais. Acesso em: 07 jan. 2021.

Sobre o quadro anterior (3), podemos observar que a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica está ancorada numa história que está sendo construída há mais de 100 anos, de maneira que suas atividades iniciais eram mecanismos de uma política voltada para as “classes desprovidas” e hoje se fundamenta como indispensável estrutura, para que maiores números de pessoas tenham acesso às conquistas científicas e tecnológicas. Nesse sentido, é importante destacar o papel que a Educação Profissional e Tecnológica estabelece com a ciência e a tecnologia, o desenvolvimento regional e local e com o mundo do trabalho edos desejos de transformação dos atores nela envolvidos (Documento Oficial Histórico da Educação Profissional – MEC 2009, p. 7). Cabe salientar que somente em 2005 a EJA se entrelaça de fato legalmente a EPT, e sobretudo, esses movimentos históricos não acontecem de forma linear, mas sim na forma de avanços e retrocessos ao longo da história.

A aprovação da LDB, Lei n. ° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, fortaleceu ainda mais a dualidade estrutural da educação brasileira, visto que no âmbito da Educação Profissional, intensificaram-se os interesses de instituições privadas e também do sistema S, a uma visão do trabalho minimalista de “preparação básica para o trabalho”, atendendo aos interesses do sistema capitalista (MOURA, 2010). Ainda no âmbito da Educação Profissional, a nova LDB destinou quatro artigos, nos quais a falta de compromisso público ficou evidente, de acordo com o texto legal de 1996, são eles:

Art. 39. A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente **desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva**. Parágrafo único. O aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como o trabalhador em geral, jovem ou adulto, contará com a possibilidade de acesso à educação profissional. Art. 40. A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho. Art. 41. O conhecimento adquirido na educação profissional, inclusive no trabalho, poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos. Parágrafo único. Os diplomas de cursos de educação profissional de nível médio, quando registrados, terão validade nacional. Art. 42. As escolas técnicas e profissionais, além dos seus cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, condicionada a matrícula à capacidade de aproveitamento e não necessariamente ao nível de escolaridade. (BRASIL, 1996, grifo nosso).

Analisando o texto legal, parece-nos que a Educação Profissional fica limitada ao

“desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” trazendo como irrelevante o sentido do trabalho, da emancipação cidadã. E, ainda, o Art. 40 evidencia que a Educação Profissional deve ser ofertada em instituições especializadas ou mais surpreendente ainda, no ambiente de trabalho, de acordo com as regras da empresa.

O Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) foi criado pelo governo federal, em 2005, por meio do Decreto n.º 5.478/2005, apresentando então uma possibilidade de inserção e inclusão de jovens e adultos que tiveram seu acesso à educação negado em idade regular. Diante das fragilidades eminentes no Decreto n.º 5.478/2005, em 2006 foi revogado pelo Decreto n.º 5.840/2006, e o Proeja é ampliado em termos de abrangência e aprofundado em seus princípios pedagógicos, passando a se chamar Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O Documento Base foi elaborado por um grupo de professores ligados a EPT para contextualizar e fundamentar o decreto de criação do PROEJA e tornou-se o principal instrumento regulador do PROEJA. O Decreto n.º 5.840/2006 possibilitou almejar uma formação com autonomia intelectual, ética, política e humana, qualificando o jovem e o adulto não somente para o mercado de trabalho, mas muito mais do que isso, promovendo uma formação comprometida com o processo crítico e emancipador de homens e mulheres (BRASIL, 2007). O Documento Base apresenta seis princípios fundamentais que contribuem para a profissionalização e a integração sociolaboral, de forma crítica e emancipadora.

1. O primeiro princípio se refere ao papel e compromisso que entidades integrantes dos sistemas educacionais têm com a inclusão da população em suas ofertas educacionais;
2. Inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos sistemas educacionais públicos;
3. Ampliação do direito à educação básica, pela universalização do ensino médio;
4. O trabalho como princípio educativo.
5. Pesquisa como fundamento da formação do sujeito contemplado nessa política;
6. Reconhecimento das condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais (BRASIL, 2007 p. 37- 38).

O Documento Base apresenta algumas orientações acerca da implantação do programa. Ao longo do documento, é possível verificar a importância de que não seja uma proposta somente teórica, mas sim que acompanhe a contemporaneidade dos fatos sociais, principalmente, que perpassa os programas de governo. O fracasso nas campanhas no âmbito da educação, acontece, pois, de acordo com Machado, [...] estas iniciativas governamentais possuem, entre suas características principais, **a marca da descontinuidade**. À medida que

há alterações nos quadros do governo, novos rumos são propostos para a Educação como um todo e, conseqüentemente, para Educação de Adultos (MACHADO, 1997, p. 29, grifo nosso).

Diante de um contexto de eminente exclusão social, desemprego em massa, baixa escolaridade, o governo pelo Documento Base afirmou, naquele momento, que:

É fundamental que essa política de educação profissional e tecnológica, nos moldes aqui tratados, também seja destinada, com o mesmo padrão de qualidade e de forma pública, gratuita, igualitária e universal, aos jovens e adultos que foram excluídos do sistema educacional ou a ele não tiveram acesso nas faixas etárias denominadas regulares, sendo esse o objetivo central desse documento base – uma política educacional para proporcionar o acesso do público de EJA ao ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio. (BRASIL, 2009, p. 33).

Em 2014, foi aprovado o novo Plano Nacional da Educação, tendo como vigência até 2024, decretado pela Lei nº 13.005/2014. Cabe destacar que duas metas estão diretamente relacionadas à Educação Profissional e Tecnológica, a Meta 10 e a Meta 11, então, conforme define a Lei:

Meta 10: oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional. Meta 11: triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público (BRASIL, 2014).

Na Meta 10, pode ser observada a tentativa de aumentar a integração entre a formação inicial e continuada de jovens e adultos com a educação profissional, bem como, a preocupação pelo acesso e permanência de jovens e adultos. Prevê articulação entre a formação básica e o mundo do trabalho. Previstas na Meta 11 estão a elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos técnicos de nível médio, para 90% e o aumento da relação professor aluno. As duas metas descritas evidenciavam que a EPT possivelmente fosse um dos objetivos das políticas públicas para os próximos anos.

Todavia, já se passaram quatorze anos de criação do PROEJA, que inicialmente foi chamado de programa, mas considerando sua importância, não só como um programa de governo, mas no âmbito de uma política pública, e já transcorridos sete anos da criação das metas 10 e 11, não se vê fomento por meio do MEC. Mas sabemos que o PROEJA continua firme em muitas instituições²² como forma de resistência e levado como bandeira de educação pública e de direito de formação integral por muitos movimentos e profissionais.

²² De acordo com a Plataforma Nilo Peçanha, são 350 cursos, distribuídos em 221 instituições que ofertam o PROEJA, totalizando 17.756 matrículas. Conforme dados de 2020. Disponível em: <<http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>> Acesso em: 10 jul. 2021.

As políticas de educação e em particular as políticas de EJA e EJA EPT precisam de um olhar cuidadoso no atual contexto, seja para disputar espaços de direito, seja para denunciar “interesses” e retrocessos. Entendemos que as políticas de EJA e de EJA EPT configuram-se em um contexto de dialética das disputas (MARASCHIN, 2019) ora avançando, ora sofrendo inúmeros retrocessos.

Como avanços se destacam, principalmente, o Decreto nº 5.478/05, que criou o PROEJA Médio, o Documento Base PROEJA implantado no ano de 2007, que ampliou a abrangência da política para toda a Educação Básica, a Carta Convite nº 40/09, que abriu a possibilidade de oferta do PROEJA FIC, e a Portaria Interministerial nº 1.082/10, criando a Rede CERTIFIC, conferindo certificação aos saberes dos trabalhadores. Quanto aos retrocessos, destaca-se o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), cuja proposta formativa centrava-se na formação profissional superficial e aligeirada, na contramão da proposta de formação integral dos trabalhadores desenvolvida pela EJA EPT. (MARASCHIN et al., 2020, p. 15).

Após a instituição do PRONATEC e PRONATEC EJA não vimos políticas direcionadas à EJA e observou-se o desmantelamento da secretaria que cuidava dessa política - a SECADI. A extinção ocorreu por meio do Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019 e marcou um retrocesso no âmbito dos direitos educacionais e apresenta-se como uma medida contraditória com vista ao fortalecimento da equidade no processo educativo. Mesmo anterior ao fechamento da SECADI, em 2018 a resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018 já privilegiava 80% da oferta dos cursos na modalidade EaD, o que consideramos total desvalorização da política.

Nas discussões e versões da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), houve a ausência absoluta de qualquer ponto referente à EJA, até mesmo na última versão lançada em 2018 permanece a completa inexistência da modalidade, o que reforça o lugar marginal da Educação de Jovens e Adultos no país. Tal descaso é preocupante visto a importância de se discutir o currículo para um público que apresenta uma diversidade de sujeitos com suas especificidades e principalmente, seus anseios pessoais.

O silenciamento da modalidade EJA, em certa medida, encobre fatos preocupantes que vem ocorrendo na rede pública de ensino brasileira, o possível fechamento de turmas e a falta de investimentos por parte do governo têm contribuído para a aceleração destes fatos. O público da EJA é composto por sujeitos que já tiveram seu direito à educação negado em idade regular e buscam tal modalidade com interesses diversos, dito isso, como um currículo comum pode dar conta de toda essa diversidade?

De acordo com Maria Clara Di Pierro:

O recuo na procura pelos cursos é atribuído pelos analistas, sobretudo, à precariedade e inadequação da oferta – considerada pouco atrativa e relevante, devido à abordagem estritamente setorial, ao despreparo dos docentes, aos rígidos modelos de organização do tempo e espaço escolar, e à desconexão dos currículos com as necessidades de aprendizagem dos jovens, adultos e idosos. (DI PIERRO, 2017, p. 10).

O significativo retrocesso e apagamento da EJA foram agravados por inúmeras denúncias de fechamento de turmas antes e agora, durante o período da pandemia, configurando o não lugar da política até o ano de 2020. A partir desse ano, surgem legislações que colocam a EJA em certo destaque, sendo elas: Resolução CNE/CP N° 1 de 05 de janeiro de 2021, a qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional e Tecnológica e a Resolução N° 1, de 28 de maio de 2021 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância.

A análise do documento nos leva a sinalizar alguns perigos: O primeiro o crescimento do ensino privado, a segunda abertura e o crescimento da EJA na forma EaD. Outras preocupações e perigos dizem respeito à legislação, enfatizando cargas horárias e várias possibilidades de articulação da EJA (EJA Combinada, EJA Direcionada, EJA Multietapas, EJA Vinculada). Mais uma vez observa-se a dialética das disputas (MARASCHIN, 2015), principalmente entre o público e o privado. Em nenhum momento enfatiza-se o crescimento da educação pública, garantida no último PNE. Entendemos que é a consolidação dos "vouchers" para os pobres e trabalhadores comprarem a educação privada e uma proposta (nem vamos chamar de política) que não privilegia a educação pública, gratuita, inclusiva de fato e de qualidade com uma política séria de acesso, permanência e êxito.

4.1.1 Uma Política de Acesso, Permanência e Êxito

Cumprindo as etapas acesso, permanência e êxito, que são tão caras para a Política da EJA, é possível alcançar o que é almejado para cada trabalhador-estudante em uma perspectiva de educação integral, emancipatória e transformadora. Frigotto (2010), afirma que uma maior escolarização contribui diretamente em direção à melhoria na qualidade de vida dos sujeitos, em razão do aumento de renda, consequência de estar mais qualificado para o mundo do trabalho.

Uma política de acesso, permanência e êxito é direito de homens e mulheres ao longo da vida. Esses termos estão presentes, nas políticas de EPT; por isso, consideramos importante esclarecer o que entendemos sobre cada um deles e como eles se configuram com o estudo que estamos nos propondo.

Por ACESSO, entendemos os estudantes que procuram e matriculam-se no curso. Por isso, é importante uma boa divulgação acerca da oferta de vagas e de como funciona o processo seletivo, para que um maior número de pessoas tenha acesso à modalidade. Nesse caso, o acesso é o número de estudantes que procuram anualmente o curso no CTISM.

Por PERMANÊNCIA, entendemos como a não interrupção nos estudos; dessa forma, é fundamental que ocorra um processo contínuo de acompanhamento individual dos estudantes, identificando suas dificuldades, para que não ocorra a evasão. Nesse sentido, Carvalho e Domit, argumentam que:

A evasão é um fenômeno que afeta o sistema de ensino, e ocorre tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância. Cada modalidade tem as suas especificidades em relação aos seus determinantes. No entanto, é consenso a importância do acompanhamento dos estudantes, buscando garantir o sucesso nos estudos, durante todo o processo de ensino e aprendizagem (CARVALHO E DOMIT, 2019, p. 10).

O ÊXITO é mais subjetivo, envolve a não evasão, a conclusão do curso no tempo proposto, o sucesso escolar, no sentido de contemplar também as inúmeras transformações questão vivenciadas na trajetória da EJA. Êxito no percurso escolar é êxito na apreensão de conhecimentos em sua relação com os modos de existência nas diversas formas societárias humanas. Todavia, na maior parte das vezes o termo é utilizado como sinônimo de sucesso apenas em aprendizagem de conteúdos curriculares. Esse aspecto é importante, mas não é o único tradutor de sucesso escolar (GATTI 2010). Ao longo do tempo, a instituição escolar vem se tornando um local de exclusão, em que os estudantes são pressionados a alcançarem o sucesso como um processo mecânico, sucesso apenas em termos de competências cognitivas. Nesse sentido, Arroyo esclarece:

O processo ensino-aprendizagem passou a ser avaliado como qualquer processo de produção: o produto escolar estaria condicionado pelos materiais empregados e pelos recursos utilizados: os alunos, suas aptidões, suas deficiências; e os recursos didáticos, os conteúdos, as competências dos mestres, a eficiência das técnicas. Se os materiais e recursos forem de boa qualidade, teremos sucesso escolar. Se forem de baixa qualidade, teremos fracasso escolar. (ARROYO 1992, p. 48).

Arroyo (1992) argumenta que a escola é uma instituição sociocultural pautada por

valores, concepções e expectativas e não um processo mecânico, então o sucesso acontece na trajetória, nas transformações ao longo do caminho e perpassa a aprovação escolar.

O relatório de Planejamento Estratégico do PROEJA 2007, aponta consideráveis estratégias para permanência:

Para que o PROEJA possa ser consolidado ao mesmo tempo em que se vai transformando em política pública é fundamental adotar algumas estratégias que potencializem essa transformação. Podem-se sintetizar as seguintes estratégias com vista a viabilizar a materialização desse Programa: de atendimento; pedagógicas; de formação inicial e continuada de docentes; de financiamento; de divulgação; da revisão de marcos legais; e de infra-estrutura (PROEJA; SETEC/MEC, 2007, p. 9).

Consideramos necessário complementar as considerações feitas até aqui, acerca dos sentidos de acesso, permanência e êxito, não como conceitos estanques, mas como princípios esclarecedores deste estudo. Então, com base nas estratégias definidas no Planejamento Estratégico do PROEJA-2007, elencamos, na figura 7, de que forma essas estratégias podem ser aplicadas na prática da escola:

Figura 6 – Estratégias de permanência e êxito



Fonte: Autora (2020). Adaptado planejamento estratégico do PROEJA-2007.

Assim, procuramos contextualizar a historicidade da EJA EPT no Brasil, percebendo que avançou em um determinado período, mas atualmente não identificamos mais fomento por parte do governo. A grande pergunta que fica é: o Programa se transformou hoje em uma política pública? A política efetivou-se como uma política de acesso, permanência e êxito? Passamos agora contextualizar a historicidade da política de EJA EPT no CTISM, para depois acompanhar as relações entre ingresso, permanência e êxito dos trabalhadores-estudantes do curso.

4.2 MOVIMENTOS DA EJA-EPT NO CTISM

O PROEJA-CTISM mudou minha vida, recuperou um sonho que já estava perdido, de concluir os estudos e estudar em uma universidade. Obrigada por tudo. (Diário de Campo, Maio, 2021)

O discurso do trabalhador estudante, ao referir-se ao CTISM, ressalta que pelo menos nesta realidade a EJA EPT é uma política consolidada, que consegue promover acesso, permanência e êxito, inclusive em tempos de pandemia. Sabemos que muitos desafios afetam a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. O estudante da EJA EPT é um sujeito diferenciado em termos de idade e principalmente, tendo como principal característica o fato de ser trabalhador; é um trabalhador-estudante, com um nível de aprendizagem formado na prática social. No entendimento de Álvaro Vieira Pinto “a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses” (VIEIRA PINTO, 2007, p. 17).

No livro “Sete Lições Sobre Educação de Adultos” Álvaro Vieira Pinto (2007) considera que a educação é a formação do homem através da sociedade. Neste ambiente educacional, encontram-se diversos sujeitos, que pertencem a diferentes contextos de vida, que trazem sua historicidade a partir de várias vivências e experiências sociais. É muito importante considerar que a aprendizagem varia de pessoa para pessoa, cada um tem seu tempo de aprender e aprende de acordo com suas percepções acerca do mundo. A educação de adultos é ou deveria ser diferenciada, como já foi dito neste trabalho. O adulto carrega sua identidade de trabalhador, um trabalhador-estudante e, com isso, um conjunto de saberes que “[...] pressupõe ser o membro da sociedade ao qual cabe a produção social, a direção da sociedade e a reprodução da espécie”. (VIEIRA PINTO, 2007, p. 57).

Ainda de acordo com o entendimento de Álvaro Vieira Pinto, a formação de educadores é de extrema importância e deve ser abordada em todo programa de expansão pedagógica, sempre tendo como foco o desenvolvimento da consciência crítica, pois a função do educador é social. Com isso, a Educação Profissional tem caráter estratégico e educativo justamente por promover a cidadania, e a instituição que promove a EJA EPT vinculada ao mundo do trabalho necessita ser construída numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social com os sujeitos que a compõem.

Assim, esta seção tem como objetivo contextualizar o locus de pesquisa, o Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria, especificamente, o curso PROEJA em Eletromecânica. Organizamos a historicidade em três movimentos: o movimento de implantação, o movimento de continuidade como política pública e o movimento atual. Para tal objetivo, será empregado como aporte a contribuição de trabalhos progressos (RORATTO, 2012; SARI, 2013; ROHDE, 2019) e de documentos institucionais.

A seguir, elaboramos uma figura ilustrativa dos movimentos do curso desde a implantação, passando os desafios da continuidade como política pública até o período atual.

Figura 7 – Movimentos da EJA EPT no CTISM



Fonte: Autora, 2020.

Como forma de articular os movimentos da EJA EPT no CTISM, apresentamos como primeiro movimento a implantação do PROEJA, utilizando como aporte teórico a tese de João

Manoel Roratto, intitulada *Programa educacional de inclusão social para o mundo do trabalho e para a vida, direcionado aos jovens e adultos: avaliação do programa PROEJA na UFSM como parte de uma política pública de educação em execução*.

4.2.1 Primeiro Movimento: Implantação do Proeja-CTISM

De acordo com o espaço virtual de memórias, disponível de forma online, o colégio desenvolveu um memorial²³ com informações muito caras sobre a historicidade da instituição. Na década de 60 a Universidade Federal de Santa Maria implantou escolas técnicas de nível médio objetivando maior qualificação profissional dos operários. Essa medida foi tomada em função da crescente industrialização que o país vinha enfrentando. Nesse contexto, o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria CTISM, vinculado a UFSM tornou-se uma escola técnica na área industrial localizada na área central do Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Maria/RS. O colégio teve desde sua origem por objetivo a oferta de Educação Profissional e Tecnológica de forma a articular as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

O CTISM iniciou suas atividades de formação profissional em nível de Ensino Médio no ano de 1967, com a criação dos Cursos Técnicos de Nível Médio em Eletrotécnica e Mecânica. Esses cursos eram ofertados no turno do dia, vinculados ao Ensino Médio, num período de duração de três anos, mais o estágio obrigatório em empresas. O CTISM apresenta em sua estrutura quatro Departamentos – o Departamento Administrativo, o de Ensino, o Técnico e o Departamento de Relações Empresariais e Comunitárias (DREC). O DREC é o departamento que faz a ligação entre a escola (CTISM), empresas, indústrias e os estudantes. Foi criado para facilitar a inserção dos estudantes no mundo do trabalho.

Ainda de acordo com o memorial, no decorrer de mais de meio século, o CTISM ampliou os cursos e expandiu seu espaço físico. Atualmente, são ofertados cursos de formação inicial e de formação continuada, de Educação Profissional técnica de nível médio e de Educação Profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação. Os cursos de Educação Profissional técnica de nível médio integrados são: Eletrotécnica, Informática para Internet e Mecânica. Também é ofertado o curso integrado em Eletromecânica, na modalidade EJA. Os cursos técnicos subsequentes são: Automação Industrial, Eletromecânica, Eletrotécnica, Eletrônica, Mecânica, Segurança do Trabalho e Soldagem. Os cursos de Educação Profissional tecnológica de graduação são: Eletrônica Industrial, Fabricação

²³ Memorial da instituição disponível no site: <<https://intranet.ctism.ufsm.br/memorial/>>

Mecânica e Rede de Computadores e a pós-graduação em Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica.

Como aporte teórico base para a compreensão deste movimento de implantação do PROEJA/CTISM, utilizamos um recorte de elementos referentes à implantação do curso até a conclusão da primeira turma de formandos do PROEJA/CTISM, com base na tese de João Manoel Roratto, Programa educacional de inclusão social para o mundo do trabalho e para a vida, direcionado aos jovens e adultos: avaliação do programa PROEJA na UFSM como parte de uma Política Pública de Educação em Execução.

O PROEJA não é uma modalidade de ensino ofertada apenas pelo CTISM²⁴, mas sim foi criado para atender ao Decreto nº 5.478\2005, revogado pelo Decreto 5.840\2006, que diz: “Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências.” Um programa significativo de integração curricular que apresenta alguns desafios em articular essa integração. Esse programa salienta, dentre outros componentes igualmente relevantes, a Gestão educacional participativa e o trabalho docente bem articulado e integrado, componentes imprescindíveis para o sucesso no desempenho da proposta. O contexto da EJA exige uma articulação que busca a integração curricular e o trabalho como princípio educativo, para assim promover a emancipação desses estudantes que, muitas vezes, já estão inseridos no mundo do trabalho e necessitam de uma formação autônoma capaz de desenvolver sua cidadania.

De acordo com Roratto (2012), a implantação do curso começou a ser articulada ainda em 2006, mas se efetivou em outubro de 2007, quando se estruturou o Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Instalação e Manutenção Industrial, na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, mais tarde, redefinido como Curso Técnico em Eletromecânica, na modalidade PROEJA. Para atender as exigências dispostas no Decreto nº 5.840/2006, o CTISM criou trinta e quatro novas vagas para o primeiro curso nessa modalidade.

As aulas do Curso Técnico em Eletromecânica, na Modalidade PROEJA, eram ministradas no turno da noite, sendo 80% da carga horária presencial e 20% por meio de EAD. Em sua implantação, a carga horária total do curso era de 3.000 horas, sendo 1.200 horas para as disciplinas propedêuticas, 1.200 horas para as disciplinas técnicas e 600 horas

²⁴ De acordo com a plataforma Nilo Peçanha, tendo como base o ano de 2019, no Brasil, foram ofertados 350 cursos na modalidade PROEJA em 224 instituições da Rede Federal, obtendo um total de 18.184 matrículas. No ano de 2020, no Brasil, foram ofertados 350 cursos na modalidade PROEJA em 221 instituições da Rede Federal, obtendo um total de 17.756 matrículas. Disponível em: <<http://plataformanilopeçanha.mec.gov.br/>> Acesso em: 05 ago. 2021.

para o estágio profissional obrigatório. O curso iniciou com duração de três anos, de forma que são ofertadas as disciplinas de formação propedêutica e de formação técnica, complementado por um período destinado ao estágio profissional supervisionado. (RORATTO 2012, com base no PPP de 2008).

Conforme relatado por Roratto (2012), a proposta do Programa PROEJA, no CTISM, foi de formar um profissional técnico capaz de atuar no setor industrial e de serviços, visando prepará-lo para a vida produtiva e social de cidadão. De acordo com o que consta do PPP de 2008, o Curso Técnico em Eletromecânica na Modalidade PROEJA tem por objetivos:

- Oportunizar aos futuros profissionais a aquisição de conhecimentos especializados para realizar atividades ligadas à manutenção e melhoria de equipamentos eletromecânicos e eletrônicos;
- Desenvolver potencialidades e atitudes no aluno em relação à sua atuação como indivíduo, cidadão e profissional no desempenho de suas atividades, considerando o contexto social para atender direitos fundamentais do cidadão, especialmente o direito à educação e o direito ao trabalho;
- Articular a Educação Profissional às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia;
- Desenvolver o espírito crítico e a capacidade de adaptar-se com flexibilidade às novas condições de ocupações;
- Levar ao aluno, uma nova visão de mundo, mais verdadeira, mais ética e mais humana (PPP CURSO TÉCNICO EM ELETROMECAÂNICA, CTISM, 2008).

Diante da realidade brasileira, a experiência histórica evidencia que não existe desenvolvimento econômico sem desenvolvimento social e cultural. De acordo com o Documento Base do Proeja de 2007, a Educação é, nesse sentido, o processo de criação, produção, socialização e apropriação da cultura e do conhecimento produzidos pela humanidade por meio de seu trabalho. O PROEJA é um programa que promove relevantes transformações na vida dos sujeitos, discute e constrói valores éticos de cidadania, buscando construir um posicionamento crítico-reflexivo em seus trabalhadores/estudantes. Roratto (2012), em sua investigação acerca da implantação do PROEJA no CTISM, salienta em suas conclusões que,

A pesquisa realizada com gestores, professores e alunos formandos na primeira turma do Programa PROEJA no CTISM mostrou que o Colégio desenvolveu ações educativas e de gestão inovadoras para atingir os objetivos do Decreto nº 5840/2006, de inclusão social e profissional de jovens e adultos. Como resultado, os alunos apresentaram mudanças significativas na condição educacional, profissional e pessoal, com a elevação do nível socioeconômico da maioria. (RORATTO, 2012, p. 301).

Por meio de sua fala, percebemos que desde sua implantação, o PROEJA no CTISM cumpre com a função de formação humana, de fortalecer saberes proporcionando o conjunto de conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos pela interação com a sociedade, sob o

viés de uma formação integral que possibilita ao trabalhador-estudante compreender o mundo e nele atuar na busca da melhoria da sua condição de vida. A realidade se apresenta contraditória e isso quer dizer que coexistem interesses, lutas, embates e a essa perspectiva de formação humana do PROEJA no CTISM, mostra um movimento de resistência frente aos silenciamentos. Mas que também não é um movimento uniforme, há momentos de avanços e momentos de retrocessos.

4.2.2 Segundo Movimento: A Continuidade do PROEJA-CTISM como Política Pública

Como aporte teórico base para a compreensão deste segundo movimento de continuidade do programa PROEJA/CTISM, sendo uma política pública, foi utilizado um recorte dos trabalhos pregressos, o trabalho de monografia da Vanessa Lago Sari (2013), *A Gestão no PROEJA: experiências e desafios de uma escola técnica federal* e o trabalho da Olga Rodhe (2019), *Educação Postural: um estudo de suas contribuições para a saúde do trabalhador-estudante do PROEJA*.

Apresentamos, inicialmente, algumas contribuições do trabalho de Monografia de Especialização da Vanessa Lago Sari (2013), que objetivou mostrar a importância da Gestão de uma Escola Técnica Federal na implantação e na manutenção de uma política pública educacional – PROEJA.

Devido às fortes mudanças que a sociedade vem enfrentando, a necessidade de uma gestão escolar mais forte e mais competente se consolidou. Pois, ela faz a manutenção de controle sobre um determinado grupo, uma situação ou organização, de forma a atingir melhores resultados. Com todas as mudanças presentes na sociedade, a obtenção de uma gestão escolar continua a se consolidar, sendo indispensável, para que o verdadeiro trabalho das instituições seja alcançado (SARI, 2013, p. 15).

O trabalho foi estruturado, utilizando como instrumento de produção de dados entrevista semiestruturada com o diretor da instituição, o vice-diretor, o diretor de ensino e o coordenador do PROEJA. Com base nos relatos, foi possível observar alguns fatores importantes que, nas palavras dos entrevistados podem levar ao sucesso ou ao fracasso do programa. Um fator determinante nesse processo é a presença de uma gestão forte e participativa, que precisa ter um cuidado especial, visto que o público do PROEJA enfrenta questões sociais bastante delicadas, muitas vezes, os estudantes trocam o curso por uma oportunidade financeira, “[...] manteresse público engajado com os estudos somente é

possível se conseguirem ver o curso como um projeto de vida” (SARI, 2013 p. 36).

Ainda de acordo com Sari (2013), manter o PROEJA é também um desafio político, pois, com o passar do tempo, devido ao seu alto nível de evasão, o programa tem sido substituído por outras políticas e até mesmo esquecido. A questão do currículo também é um fator de permanência, pois um currículo integrado desenvolve um maior diálogo entre as disciplinas. A questão da avaliação precisa ser feita para além dos conteúdos, pois esse público já carrega uma formação com base na prática social, é necessário considerar também o desempenho, o interesse e a evolução com o passar dos semestres. Após ouvir os relatos dos gestores entrevistados, a autora destacou que “[...] o motivo pelo qual o PROEJA tenha dado certo nesta instituição, foi pelo fato de possuir uma gestão própria, que permite dar maior atenção aos alunos e também aos professores envolvidos com o programa” (SARI, 2013, p. 35).

A dissertação de mestrado acadêmico da Olga Rodhe (2019), em que foi realizado um estudo das contribuições da educação postural para o bem-estar do trabalhador-estudante com o foco de construir a relação intrínseca entre trabalho, saúde e educação concluiu:

Os trabalhadores-estudantes precisam vencer as dificuldades de aprendizagem que fazem parte do cotidiano escolar, após um longo dia de trabalho para prover o sustento familiar, ações que exigem empenho, dedicação e superação. Ao serem questionados sobre quais as mudanças que o PROEJA proporcionou em suas vidas como trabalhadores-estudantes, notou-se a importância dada ao ganho de conhecimento, aprendizagem, mudanças no comportamento, expectativa de crescimento e valorização na empresa onde trabalham por voltarem a estudar e, ter um ganho na formação profissional. Isto se reflete em um aumento de qualidade de vida dos trabalhadores-estudantes (RODHE, 2019, p. 37).

Esse estudo procurou desenvolver um programa postural educativo no viés de um trabalho pedagógico aos trabalhadores-estudantes do PROEJA e responder à seguinte problematização: Quais as contribuições de uma educação postural na formação profissional do trabalhador-estudante do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM)?

Utilizou-se de uma metodologia de pesquisa-ação, que seguiu as fases de diagnóstico, ação, avaliação, e reflexão, e foram utilizados como instrumentos de produção de dados o questionário de Qualidade de Vida Short-Form Health Survey (SF-36), Instrumento de Avaliação da Postura Corporal e Dor nas Costas (BackPEI), diário de campo, entrevista intensiva com professor-gestor, grupo focal e de interlocução com os trabalhadores-estudantes (RODHE, 2019).

A partir da análise dos dados quantitativos, verificou-se que nos trabalhadores-estudantes do PROEJA/CTISM é prevalente a dor nas costas, pelo menos uma vez por semana, de forma moderada ou intensa, mas que não impede de realizar as atividades, assim como índices altos de posturas sentadas inadequadas. Após a conclusão do estudo o programa postural educativo no viés de um trabalho pedagógico foi excelente, pois o PROEJA é um campo rico de pesquisas e com essa multidisciplinaridade é possível contribuir e proporcionar a integração entre as áreas de educação, trabalho e promoção à saúde (RODHE, 2019).

Com base nos trabalhos anteriores que tiveram o PROEJA CTISM como foco, observamos a importância de considerar as especificidades desse público que já foi excluído dos bancos escolares no passado e que constantemente é assediado pelo “mercado de trabalho” com oportunidades de trabalho precarizado, mas que convencem nossos jovens e adultos que já sobrevivem em situação de vulnerabilidade, provocando muitas vezes, a evasão do curso. Observamos, pela leitura dos trabalhos progressos, um fator de sucesso indicado pelas pesquisas, para a permanência do Programa PROEJA no CTISM, uma gestão e assessoria pedagógica em permanente atenção junto aos trabalhadores-estudantes, promovendo apoio na busca de soluções de problemas e proporcionando ações motivacionais, o que, como aponta Roratto (2012) contribui para a continuidade no Programa.

Além de todos os desafios enfrentados pela EJA em âmbito da política e no dia a dia das instituições, em janeiro de 2020, o Sindicato dos Professores no Distrito Federal já anunciava que a Educação de Jovens e Adultos está com os dias contados. Na oportunidade foi noticiado que o orçamento federal para 2020 registrava o pior investimento dos últimos anos. Além da falta de investimento, a EJA, no governo Bolsonaro, passou por uma profunda desarticulação quando foi extinta a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), que era responsável por fomentar políticas para o setor em estados e municípios. É preocupante, pois, enquanto o atual governo quer extinguir uma das principais políticas públicas de inclusão educacional, mais da metade dos brasileiros com mais de 25 anos não têm Ensino Médio completo, número que corresponde a 52,6% da população, conforme dados do IBGE.

Em meio a esse triste cenário de desmonte da educação, Maraschin e Ferreira, no artigo *A Política de Educação de Adultos integrada à Educação Profissional no Brasil: das Políticas às Práticas*, publicado no primeiro semestre de 2020 pela revista *Holos*, argumentam sobre a importância da política de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e em contrapartida à falta de fomento pelo governo federal.

A política de Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional constituiu-se, ao longo da história da educação, em uma grande luta no Brasil. Observa-se que, na Rede Federal, houve um grande investimento por parte do governo nos anos de 2007 a 2010, mas atualmente, apesar de legislações que a garantam, esta não vem sendo fomentada. Dessa forma, parece ser necessário que, mais uma vez, os movimentos sociais e os fóruns de EJA retomem a organização para demandar investimentos e construção de uma política para escolarização e formação profissional de jovens e adultos (MARASCHIN e FERREIRA 2020 p. 12).

Uma importante forma de resistência para combater os retrocessos é trazer o assunto da política de jovens e adultos à tona, em relação às pesquisas no campo da EJA EPT, é importante destacar que durante a 34ª Reunião da ANPED/2011, a pedido do GT 18: “Educação de Pessoas Jovens e Adultas”, a professora Maria Margarida Machado realizou uma pesquisa no banco de dissertações e teses da CAPES para apresentar o trabalho “Avaliação da produção das pesquisas sobre PROEJA: impactos da implementação do programa”, em que teve como conclusão: “ao analisar a produção de teses e dissertações concluídas sobre a temática do PROEJA, de 2008 a 2011, apresenta 32 pesquisas, sendo trinta de mestrado e duas de doutorado” (MACHADO, 2013, p. 60). Andrighetto (2019), em sua dissertação “Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional e Tecnológica: movimentos e dialeticidade do Trabalho Pedagógico”, também realizou uma pesquisa no banco de dissertações e teses da CAPES com o descritor PROEJA e encontrou 513 pesquisas. Observamos um aumento considerável no número de pesquisas voltadas a esta modalidade. De fato, “a defesa do direito à educação de todos, em especial, os trabalhadores é uma luta bastante árdua na sociedade em geral” (MACHADO, 2013, p. 74). Mas constatamos que muito se fala sobre a temática EJA EPT, mas pouco se avança em termos de políticas públicas e financiamento.

Neste segundo movimento e a partir da análise de trabalhos que tiveram como foco a política de EJA EPT no CTISM, identificamos que a política traz significativas transformações na vida dos estudantes que ingressam, permanecem e concluem o curso: tanto em relação aos aspectos educacional, profissional e pessoal, com a elevação do nível socioeconômico da maioria dos trabalhadores estudantes, que a gestão da política em nível institucional é fundamental, que os ganhos do curso possibilitam melhoria da qualidade de vida dos estudantes que concluem o curso. E, por isso, a política de EJA EPT necessita de olhares do governo, da gestão, dos movimentos sociais para que tenha continuidade e sucesso.

Vimos com bastante preocupação a publicação das novas Diretrizes operacionais da EJA, em especial a Resolução N° 1, de 28 de maio de 2021 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento

à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância, pois em uma análise inicial percebemos que a ênfase será em educação privada, à distância e com prevalência de cursos de formação continuada. E, mais uma vez, ressaltamos que defendemos uma educação pública, gratuita, integral, inclusiva e de qualidade como direito de acesso, permanência e êxito, a exemplo da que vem desenvolvendo-se no CTISM há quatorze anos.

4.2.3 Terceiro Movimento: EJA EPT-CTISM em Tempos de Pandemia

Tendo em vista a importância do PROEJA, não apenas como um programa de governo planejado pelo Ministério da Educação, mas como uma política pública de importante destaque no cenário educacional, principalmente, por se tratar do ensino e aprendizagem de jovens e adultos excluídos da escola na idade tida como regular, este item se fundamenta com o objetivo de apresentar o cenário do PROEJA no CTISM, principalmente em tempos de pandemia.

O primeiro projeto político e pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Eletromecânica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos foi construído em 2007²⁵ com o objetivo de definir as diretrizes do curso, bem como promover a inclusão sócio laboral. Em 2011, formou-se a segunda turma surgindo a necessidade de reformulação do Projeto Pedagógico em razão de tornar o curso mais adequado às necessidades dos estudantes.

Na reformulação de 2011, propôs-se uma delimitação curricular mais atual, e adequada às necessidades dos alunos e também ao mundo de trabalho. Com o passar do tempo, surgiu a necessidade de uma nova reformulação, após várias reuniões com estudantes, professores, egressos, empresas que compõem o mundo do trabalho na região, em 2018, iniciou essa nova reformulação.

No ano de 2019, foram retomadas as discussões por áreas e redefinida a matriz curricular, com o projeto integrador constando uma carga horária de 2400 horas de aulas, 400 horas de estágio, compreendendo uma nova carga horária total de 2800 horas, e reformulações na avaliação. Destacamos as principais mudanças nessa atual versão do Projeto Pedagógico: mais aulas práticas, construção de uma base de leitura, escrita e matemática, e o desenvolvimento de um projeto integrador (PPC do curso técnico de eletromecânica na

²⁵ Recorri às informações apresentadas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição, atualização de 2020.

modalidade EJA EPT, 2020). No novo projeto, foram organizados princípios pedagógicos do curso de eletromecânica, na modalidade PROEJA, tendo como suporte o Documento Base do Programa (2007):

Figura 8 – Princípios norteadores do curso de eletromecânica EJA EPT no CTISM



Fonte: Autora, 2020. Adaptado PPC do curso de eletromecânica EJA EPT CTISM (2020).

A política da EJA EPT vem sofrendo inúmeros retrocessos, no decorrer dos anos, recebe cada vez menos investimentos e, com a pandemia, a situação se agravou ainda mais. Entendemos a política de Educação de Jovens e Adultos intrinsecamente relacionada ao mundo do trabalho e nesse sentido, Antunes (2020) apresenta elementos importantes para pensar os sentidos do trabalho, desemprego e o contexto da pandemia:

Só para dar alguns exemplos, antes da pandemia, mais de 40% da classe trabalhadora brasileira encontrava-se na informalidade ao final de 2019. No mesmo período, uma massa em constante expansão de mais de 5 milhões de trabalhadores/as experimentava as condições de uberização do trabalho, propiciadas por aplicativos e plataformas digitais, o que até recentemente era saudado como parte do “maravilhoso” mundo do trabalho digital, com suas “novas modalidades” de trabalho on-line que felicitava os novos “empreendedores”. Sem falar da enormidade do desemprego e da crescente massa subutilizada, terceirizada, intermitente e precarizada em praticamente todos os espaços de trabalho (ANTUNES, 2020, p. 7).

A EJA precisa ser vista não apenas como um direito a educação, mas como o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, que vai se impondo cada vez mais nesses tempos de grandes transformações e inovações nos processos produtivos. (BRASIL, 2007). No próximo item, contextualizamos quem são os estudantes e professores da EJA EPT no CTISM.

4.2.3.1 *Quem são os estudantes e professores da EJA EPT no CTISM?*

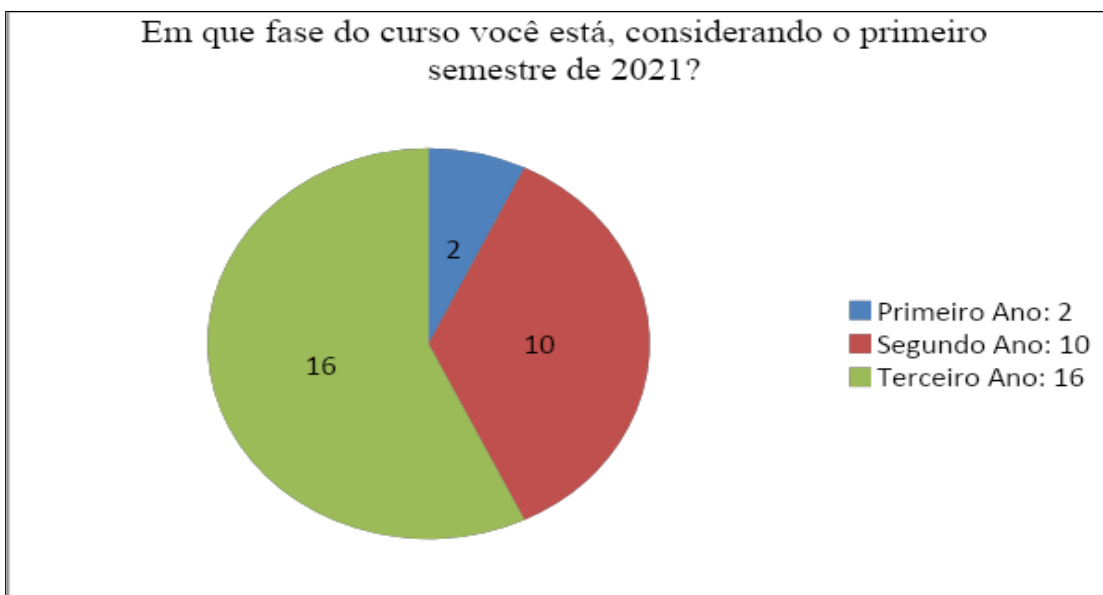
Assim como a pandemia trouxe transformações em vários segmentos, a educação também vivencia grandes mudanças. Os professores precisaram se adaptar muito rapidamente ao trabalho pedagógico mediado pelas tecnologias de modo a darem conta de levar o conhecimento pedagógico aos estudantes, que por sua vez, também precisavam modificar sua forma de aprender.

Estudantes

Diante de um ano tão atípico em função da pandemia e visto o contexto de vulnerabilidade que os trabalhadores-estudantes da EJA EPT enfrentam, o panorama de 2020 foi o seguinte: a turma do primeiro ano que ingressou em 2020, iniciou com 35 estudantes matriculados, no decorrer do ano, 2 estudantes desistiram do curso por motivos pessoais, 20 estudantes não aderiram ao sistema de aulas remotas e 13 estudantes aderiram; a turma do segundo ano iniciou 2020, com 20 matriculados, 2 estudantes desistiram por motivos pessoais, 8 estudantes não aderiram ao sistema de aulas remotas e 12 estão acompanhando de forma *online*; a turma do terceiro ano iniciou 2020 com 15 matriculados, até o momento, nenhum estudante desistiu, 7 estudantes não se adaptaram as atividades online e 8 estão acompanhando. No ano de 2021, o panorama do primeiro semestre letivo, foi o seguinte: a turma do primeiro ano contou com 22 estudantes matriculados e 15 concluíram o semestre, a turma do segundo ano iniciou com 19 estudantes e 17 concluíram e a turma do terceiro ano também iniciou com 22 estudantes matriculados e 15 concluíram. Diante dos dados apresentados, observamos um resultado bastante positivo em relação aos ingressantes e concluintes do semestre, nos parece, principalmente por meio das falas do grupo de interlocução, que nesse segundo ano de pandemia tanto estudantes quanto professores conseguiram se adaptar melhor ao ensino remoto.

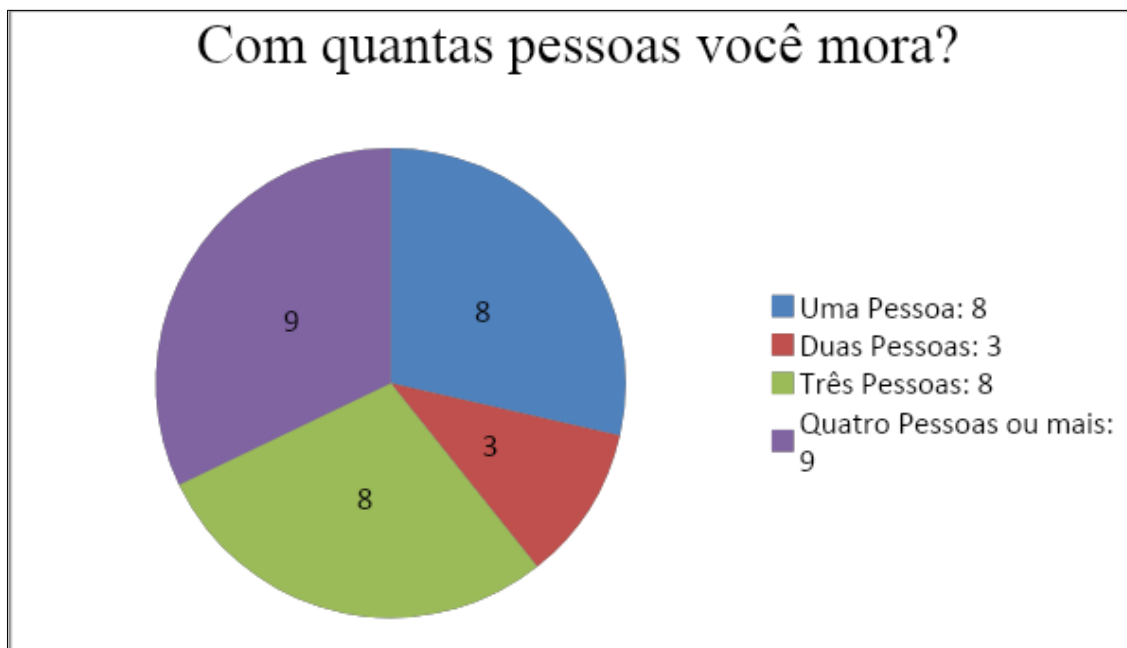
Inicialmente, em relação aos aspectos gerais, de quem são esses trabalhadores estudantes na pandemia, analisou-se em que fase do curso o trabalhador-estudante se encontrava (Gráfico 3). Constatou-se que 16 estudantes registraram que estavam no terceiro ano, enquanto 10 indicaram estar no segundo ano e 2 responderam estar no primeiro ano²⁶.

²⁶ Foram enviados os questionários para os estudantes que já cursavam em 2020. Os que ingressaram em 2021 foram excluídos da amostra.

Gráfico 3 – Fase do curso

Fonte: Autora, 2021.

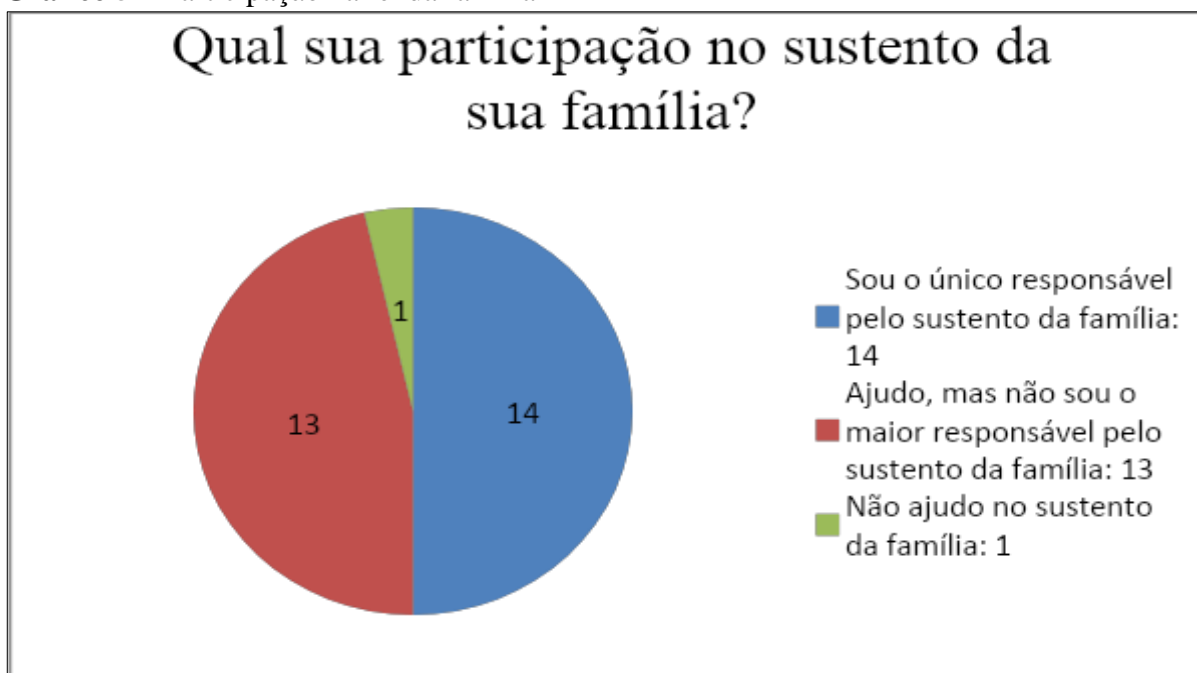
Em relação a estrutura familiar, conforme ilustra o Gráfico 2, verifica-se um público de 9 estudantes que divide a residência com 4 pessoas ou mais, 8 que residem com 3 pessoas ou mais, 8 estudantes responderam que moram com uma pessoa e por fim, 3 residem com duas pessoas.

Gráfico 4 – Estrutura familiar

Fonte: Autora, 2021.

Outro fator que consideramos fundamental para caracterizar os estudantes foi a estruturafinanceira. O próximo gráfico sinaliza a participação no sustento da sua família em que se observou que 14 estudantes responderam que são os únicos responsáveis pelo sustento da família, outros 13 responderam que ajudam, mas não são os maiores responsáveis pelo sustentoda família e apenas 1 respondeu que não ajuda no sustento da família.

Gráfico 5 – Participação na renda familiar



Fonte: Autora, 2021.

Em relação à participação financeira na estrutura familiar, os dados comprovam o que defendemos, que antes de serem estudantes são trabalhadores, são trabalhadores estudantes que dependem do trabalho para sua sobrevivência e de sua família. No Texto “Reinventando a EJA: Projeto de Educação de Trabalhadores”, Miguel Arroyo (2017, p. 43-44) confirma tal afirmação por meio da seguinte citação:

Ver os jovens-adultos como trabalhadores exige não vê-los apenas como estudantes em percursos escolares truncados a serem supridos nem sequer vê-los como estudantes que trabalham. Ser trabalhador não é um acidente a mais na sua condição de estudantes. Como ser pobre e lutar pela sobrevivência em trabalhos formais ou informais não é um acidente dos jovens-adultos estudantes na EJA (ARROYO, 2017, p. 44).

Em relação a renda mensal, conforme ilustra o gráfico 6, verifica-se que uma grande parcela da amostra representando 15 estudantes recebem mensalmente um valor entre R\$ 1.045,01 E R\$ 2.090,00, 8 estudantes recebem até 1.045,00, 3 recebem mais de 3.000,00 e 2

não possuem renda própria.

Gráfico 6 – Renda mensal



Fonte: Autora, 2021.

Durante os Grupos de Interlocução, tanto dos estudantes quanto dos professores, observou-se na práxis a influência do mundo do trabalho no contexto dos estudantes da EJA EPT. Tal afirmação se sustenta na manifestação dos estudantes, ao participarem do GI.

[...] tem algumas pessoas que estão desempregadas, muitas vezes até os próprios patrões se aproveitam da pandemia fazendo que o empregado passe a trabalhar mais para poder garantir seu serviço, outros acabam ficando desempregados porque o patrão bota pra rua. [...] no meio da pandemia minha esposa perdeu o emprego dela e eu tive que dobrar minha carga de trabalho. [...] a gente tem as dificuldades da pandemia né, a estabilidade no caso de quem trabalha de carteira assinada né tanto como eu informal também dos altos e baixos né, às vezes dá às vezes não dá né (TE-GI, ago. 2021).

E também foi possível, identificar a influência do mundo do trabalho pela manifestação dos professores, ao participarem do GI.

[...] a gente sabe que eles têm muita dificuldade agora nesse período, dificuldades maiores em relação a questões financeiras, questões de recursos, muitos não têm computador, muitos tem um celular que mal dá pra assistir uma aula ali, mas enfim, então a gente sabe que a situação deles é bastante complicada e eu acho que a gente tem que considerar tudo isso. A gente sabe que o PROEJA tem todas essas condições sociais que eles vivem, que uma boa parte tem sérios problemas financeiros. [...] uma coisa que me marcou muito assim, foi essa possibilidade da gente entrar na casa do nosso estudante, então de ver os filhos, como acontece conosco também né, os filhos durante a aula conversando, gritando, de repente outros problemas acontecendo, não só de conexão. Eu tive alunos que foram pra

rua, assistir aula na rua, no frio porque combinaram com o vizinho de pegar a senha então tinham que ficar na frente da casa do vizinho, essa realidade tá sendo bem cruel assim, as questões familiares para mim foram muito marcantes, tudo que eles vivenciaram e coisas que a gente acabava observando até mesmo no momento da aula, e como é importante que o profeja tenha essa preocupação com o estudante de conhecer a realidade dele o que ele tá vivenciando (P-GI, set. 2021).

Professores

Como forma de caracterização da categoria professor, também sujeitos desta pesquisa, apresentaremos dados produzidos através do questionário. Inicialmente, referente aos aspectos gerais, analisamos o tempo em que é professor (Gráfico 7). Constatou-se que 9 dos professores responderam que são professores a um tempo de até 10 anos, enquanto 8 indicaram que são professores a um tempo de até 25 anos e por fim 3 sinalizaram que são professores a mais de 26 anos. Observou-se então, que é bem variado o tempo de atuação como professor, variando de um ano e meio a 32 anos.

Gráfico 7 – Tempo de Professor



Fonte: Autora, 2021.

Em relação ao nível de escolaridade, área de formação e tipo de vínculo, foi elaborado um quadro que ilustra tais informações (Quadro 4), observa-se que onze professores estão em nível de mestrado, outros sete em nível de doutorado, um respondeu que está em nível de graduação e um em nível de pós-doutorado. E quanto à área de formação, estão divididos em Engenharia, Sociologia, Química, Geografia, Física, Letras, Pedagogia e Biologia. E, ainda, sobre o tipo de vínculo: dezessete docentes responderam que fazem parte do quadro efetivo e três docentes que no momento da aplicação do questionário estavam como substitutos-temporários.

Quadro 4 – Caracterização dos Professores

Titulação							
Graduação	1	Mestrado	11	Doutorado	7	Pós-Doutorado	1
Tipo de vínculo							
Efetivo		17		Temporários		3	
Áreas de Formação							
Engenharia	Sociologia	Química	Geografia /Física	Letras	Pedagogia	Biologia	
11	1	2	1	3	1	1	

Fonte: Autora, 2021.

Portanto, em relação a caracterização dos professores, a partir dos dados produzidos, observou-se que é bem variado o tempo de atuação como professor, variando de um ano e meio a trinta e dois anos. Em sua maioria com titulação de mestres e doutores, com vínculo efetivo, em grande parte da área da engenharia, mas também com formação em Sociologia, Química, Geografia Física, Letras, Pedagogia e Biologia. Outra consideração acerca da caracterização dos professores é que nove professores ministram aulas de disciplinas de formação geral e onze ministram aulas de disciplinas técnicas.

É neste terceiro movimento que este estudo se situa no âmbito de mapear como tal política desenvolvida no CTISM transforma a trajetória dos estudantes e como acontece a permanência e o êxito desses trabalhadores estudantes da EJA EPT, que carregam uma condição histórica de excluídos e que enfrentam esses retrocessos em termos de políticas públicas. E, para agravar a situação, a pandemia acentua a vulnerabilidade social inerente a esse público, apresentando crescentes números de desemprego.

4.2.3.2 As concepções de êxito para estudantes e professores

Partindo da totalidade da política, perpassando os movimentos do PROEJA no CTISM, e chegando nos dias atuais de pandemia em curso, consideramos fundamental apresentar também o entendimento de êxito no curso, para os sujeitos da nossa pesquisa, tanto para os estudantes quanto para os professores. Trazer na práxis como se configura tal categoria. Para construir esse entendimento, buscamos respostas nos questionários aplicados.

Referente ao tema, inicialmente, foi perguntado aos estudantes: por que você escolheu o curso PROEJA de Eletromecânica do CTISM? A grande maioria dos estudantes respondeu ter escolhido o PROEJA no CTISM para concluir o Ensino Médio ou para adquirir uma profissão, sendo assim, os fatores de êxito estão diretamente relacionados ao mundo do trabalho. Conforme ilustra o gráfico abaixo.

Gráfico 8 – Motivação por escolher o CTISM



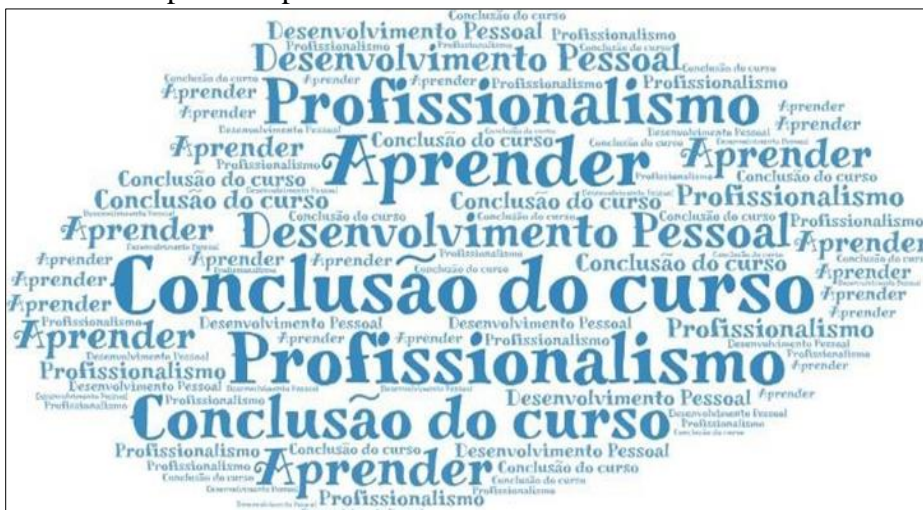
Fonte: Autora, 2021.

Outra questão abordada foi diretamente em relação ao entendimento acerca do termo êxito, foi perguntado aos estudantes, por meio de uma pergunta aberta “O que você considera ter êxito no curso?” Observamos que, a questão do Êxito é bem subjetiva, porém, como forma de sistematizar os dados produzidos separamos as respostas em grupos de acordo com suas semelhanças, tendo como respostas, em sua maioria, conclusão do curso, profissionalismo, aula prática, atingir boas notas, superação e não ser reprovado, conforme mostra a nuvem de palavras na figura 9, elaborada para ilustrar tais afirmações.

Figura 9 – Nuvem de palavras estudantes

Fonte: Autora, 2021. Produzido com: <<https://wordart.com/nwl5dq0aletg/nuvem-de-palavras>>.

Julgamos necessário conhecer também o entendimento dos professores em relação ao êxito dos estudantes que acessam a política EJA EPT e foi perguntado no questionário dos professores “O que você considera ter êxito no curso, para um estudante de PROEJA?” E da mesma forma sintetizamos as respostas em grupos de acordo com suas semelhanças, tendo como respostas, em sua maioria, conclusão do curso, profissionalismo, desenvolvimento pessoal e aprender, conforme mostra a nuvem de palavras elaborada para ilustrar tais respostas.

Figura 10 – Nuvem de palavras professores

Fonte: Autora, 2021. Produzido com: <<https://wordart.com/nwl5dq0aletg/nuvem-de-palavras>>.

A conclusão do curso é um fator presente na política e nos discursos, tanto dos estudantes quanto dos professores, considerando, de acordo com o gráfico 9 abaixo, em que dezoito estudantes responderam que já pensaram em desistir do curso e esse é um dado

significativo pois representa que mais da metade da amostra já pensou em desistir do curso. É muito importante pensar estratégias de permanência, principalmente nesse período de aumento das desigualdades em razão da pandemia.

Considerando que dezoito estudantes, um número expressivo dentro de nossa amostra de vinte e oito, responderam já ter pensado em desistir do curso, é necessário dar uma maior atenção aos possíveis fatores de permanência, foi então, perguntado aos estudantes: Quais fatores favorecem sua permanência no curso? Cabe destacar que poderiam escolher mais de uma alternativa. Observou-se que quase toda a amostra, mais especificamente, vinte e quatro estudantes responderam para satisfação pessoal e profissional, dezoito estudantes responderam para melhora na vida financeira que o curso pode proporcionar, quinze estudantes destacaram o acolhimento recebido no CTISM, nove estudantes responderam que o apoio pedagógico é um fator que favorece a permanência, sete para conseguir trabalho, cinco sinalizou ser uma exigência do local de trabalho e três destacaram o benefício em dinheiro recebido, conforme mostra o gráfico 9 a seguir.

Gráfico 9 – Fatores que favorecem a permanência



Fonte: Autora, 2021.

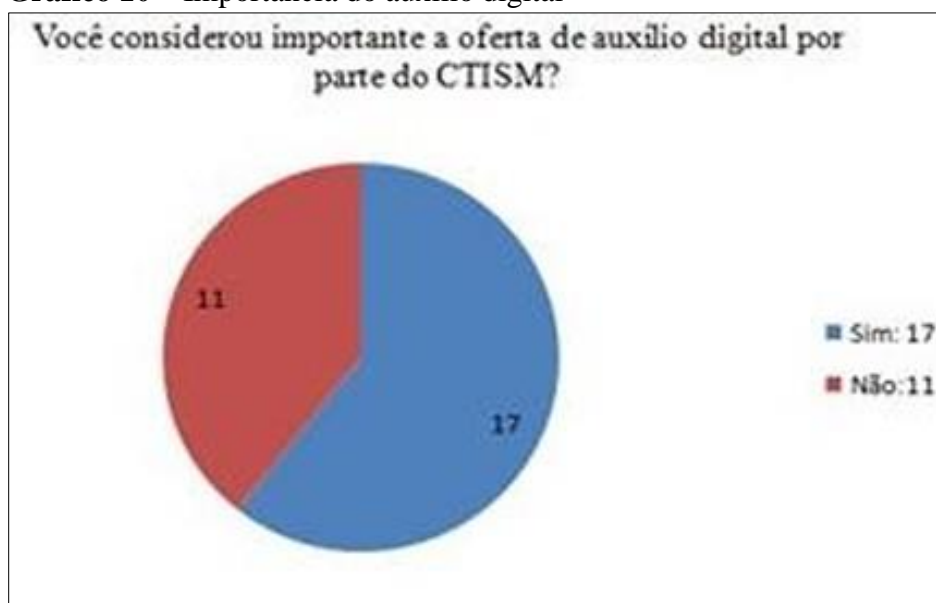
Compreendendo a política de EJA EPT como inclusiva e emancipatória é de fundamental importância para ofertar estratégias de formação a jovens e adultos na pandemia e fora dela que defende-se que esta política caminhe junto com políticas de assistência estudantil como forma de promover o acesso a permanência e o sucesso desta política. Entendemos, nesse processo, que precisa haver políticas interligadas de assistência estudantil para o público dessa modalidade. E esta foi uma ação pensada junto a implantação da política.

No documento base do programa (2007) havia a previsão de financiamento, e um dos itens financiáveis era o “[...] o auxílio à permanência dos alunos na instituição (transporte, alimentação, vestimenta, bolsas de trabalho, material didático, etc.)” (BRASIL, 2009, p. 62).

No início do programa, por fomento do Ministério da Educação, cada estudante matriculado recebia R\$100,00 como auxílio permanência. Valor que após a implantação da política de assistência estudantil pelo Decreto n. 7.234/2010 que lançou o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, passou a ser normatizado pelas instituições federais de ensino. Na realidade desta pesquisa, o valor da bolsa é de R\$250,00 mensais, disponibilizados para os estudantes matriculados e que frequentam as aulas, no momento por meio do ensino remoto.

Entendemos a assistência estudantil como uma pauta de relevante e necessário debate, sendo ele fundamental para que possamos de fato garantir o acesso e permanência dos estudantes das instituições de ensino e especificamente, dos estudantes jovens e adultos, oportunizando a educação para os diferentes em percursos sociais e humanos e uma segunda oportunidade de estudo e (re)colocação no mundo do trabalho (Arroyo, 2017). Para ilustrar a importância de pensarmos a garantia de direitos do público da modalidade educação de jovens e adultos, trouxemos para a pesquisa, a questão do edital Edital 042/2020 de Auxílio Inclusão CTISM. Com base no edital foram elaboradas duas perguntas do questionário, uma delas foi: “Você considerou importante a oferta de auxílio digital por parte do CTISM? Sim ou não e por quê?” No gráfico a seguir são apresentados os resultados:

Gráfico 10 – Importância do auxílio digital



Fonte: Autora, 2021.

Mesmo o edital sendo lançado pelo colégio com oito meses de pandemia, observou-se através do gráfico que, dezessete estudantes consideraram importante, enquanto onze não consideraram. Os discursos a seguir são de estudantes sujeitos da pesquisa, nomeados aqui, pela pesquisadora como Estudante 1, Estudante 2 e Estudante 3.

Estudante 1 Sim, o auxílio digital foi importante porque algumas pessoas não têm condições de ter um computador ou celular adequado e até mesmo uma internet boa. Estudante 2 Sim, pra mim foi bem útil pois meu telefone tinha estragado e não tinhamais aparelho para assistir às aulas com o auxílio pude comprar um tablet para participar das aulas. Estudante 3 Sim, importantíssimo, pois foi um momento de dificuldade para todos e aqueles que não possuíam os itens necessários para acompanhamento on-line puderam adquirir. (Diário de Campo, mai. 2021).

Apesar das falas positivas dos estudantes, observou-se também que, em contrapartida, a maioria, quinze dos vinte e oito sujeitos da amostra, responderam que não tiveram facilidade de participar do edital, revelando que grande parcela dos estudantes da EJA EPT no CTISM não conseguiram participar, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 11 – Facilidade em participar edital auxílio digital



Fonte: Autora, 2021.

Os discursos abaixo são de estudantes sujeitos da pesquisa, nomeados aqui, pela pesquisadora como Estudante 4, Estudante 5 e Estudante 6, que responderam não ter tido facilidade em participar do edital.

Estudante 4 Não tive facilidade em participar, muita burocracia referente a documentos exigidos. Estudante 5 Não tive facilidade, mas recebi ajuda da Shirley

de como organizar e enviar a documentação. Estudante 6 Não tive facilidade, não consegui encaminhar documentação (Diário de Campo, mai 2021).

No próximo capítulo, abordamos o trabalho pedagógico autotransformador: para além da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, passamos a analisar aspectos fundamentais e pedagógicos da política que perpassam a pandemia na busca de um trabalho pedagógico capaz de transformar a si e ao contexto ao qual está inserido.

CAPÍTULO 5 - TRABALHO PEDAGÓGICO AUTOTRANSFORMADOR: PARA ALÉM DA PANDEMIA DA COVID 19

Os grupos Transformação e Kairós da UFSM, grupos de estudos e pesquisa, tem buscado acompanhar as políticas de EPT e discutir o trabalho pedagógico neste contexto. A pandemia, como já discutido anteriormente em relação ao sentido do trabalho, amplia essa necessidade. Por isso, neste capítulo, buscamos analisar o trabalho pedagógico na EJA EPT, ou melhor, apresentamos algumas produções e reflexões sobre trabalho pedagógico, assim como as concepções de trabalho pedagógico para os professores do CTISM. Encerramos, defendendo o trabalho pedagógico autotransformador, que entendemos como indispensável nesse momento de transformação, ter um olhar para si e dessa forma se reconstruir, na pandemia e para além da mesma.

5.1 TRABALHO PEDAGÓGICO: PRODUÇÕES E REFLEXÕES

O Trabalho Pedagógico é entendido como produção do conhecimento, uma ação que perpassa os muros da escola e vai muito além do trabalho do professor. (Ferreira e Maraschin (2020). Compreende um movimento dialético que parte do individual para o coletivo, entre o que os professores definem em seus projetos pedagógicos individuais, e o que a escola estabeleceu em seu projeto pedagógico institucional em consonância com o contexto histórico, social, político e econômico.

Detalhadamente, estabeleceu-se que trabalho pedagógico seria a produção do conhecimento em aula, tanto dos professores, quanto dos estudantes. Mas vai além. Considera-se, ainda, que a produção do conhecimento pressupõe envolvimento e participação política em todos os momentos escolares, além de intenso imbricamento, comprometimento e responsabilidade com o projeto pedagógico institucional (FERREIRA, 2018, p. 594).

Considera-se que o trabalho pedagógico é trabalho, e que trabalho é uma manifestação humana à medida que põe o humano em movimento de modo planejado e sistemático e, ao fazê-lo, produz historicidade e constitui-se esse humano, distinguindo-o dos demais seres vivos (FERREIRA, 2018, p. 595). Neste estudo, não tínhamos como categoria central o trabalho pedagógico, mas, após a realização do grupo de interlocução ele assumiu um sentido fundamental, tanto para entender a política como uma necessidade que advém da pandemia. Importante ressaltar que o trabalho era uma categoria central e, portanto, o trabalho pedagógico também estava ali, mas não como centralidade. Este movimento dialético de

construir/reconstruir uma pesquisa permitiu observar que somente o homem “é o sujeito, o agente real de toda pesquisa concreta, e cuja realidade e modo de existir não podem estar ausentes do conceito da pesquisa científica” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 446).

Assim, os homens, sujeitos da pesquisa, sendo eles estudantes (que eram inicialmente os principais sujeitos), os professores e por que não dizer as pesquisadoras passaram a assumir um papel coletivo da pesquisa. Não há como pensar os estudantes, sem pensar os professores, não há como olhar para estes sujeitos, sem olhar a historicidade dos pesquisadores. E concluímos que não é possível pensar o trabalho sem olhar o trabalho pedagógico. Nesse sentido, consideramos necessário buscar um sentido para o pedagógico, que mais se aproxime do contexto investigado.

Entende-se que pedagógico é, via de regra, uma decorrência de Pedagogia. Assim, cabe esclarecer também o entendimento de Pedagogia para continuidade da argumentação. Em todo o lugar onde houver convivência e interação entre sujeitos, estão sendo elaborados saberes. Entretanto, historicamente, coube à escola ser o lugar onde esses saberes, socializados e em interação, na mediação pedagógica em que se configura a aula, produzem-se como conhecimento. Nessa perspectiva, a Pedagogia é uma forma de compreender a educação para além das paredes do prédio escolar, e o aprender é um processo que acontece sob a forma de relações em espaços diferentes, nos quais o sujeito estabelece conexões entre sua subjetividade e o ambiente, produzindo, assim, conhecimentos com base nesses saberes. A Pedagogia, portanto, não é somente uma possibilidade de reflexão acerca do processo educativo nas suas dimensões sociais, históricas, filosóficas e instrumentais. Ademais, não é um método, porque vai além dele, contextualizando-o e teorizando-o (FERREIRA, 2018, p. 13).

Portanto, o trabalho realizado na política de EJA EPT é pedagógico, e é realizado pelos professores do curso em comunhão com os estudantes. Ferreira e Maraschin (2019, p. 28) no texto “Trabalho Pedagógico na EJA/EPT na perspectiva do currículo integrado” acreditam que “seja no trabalho pedagógico que o currículo integrado se efetiva”, afirmando ainda que, como eixo do trabalho pedagógico, os professores da EJA/EPT precisam ter o foco no trabalho. Com base na afirmação das autoras, entendemos o currículo integrado como parte de um trabalho pedagógico sólido e planejado.

Compreender a concepção de Currículo Integrado no contexto da Educação Profissional Integrada com a Educação Básica na modalidade EJA significa valorizar a formação humana e a formação profissional no Ensino Médio. É um grande desafio construir um currículo que envolva a integração do valor humano, do conhecimento científico, tecnológico e cultural para a formação de jovens e adultos que já foram excluídos da escolarização em idade regular. Nesse sentido,

É possível afirmar que, em relação ao trabalho pedagógico e escolar, sua finalidade prioritária é o disciplinamento para a vida social e produtiva subordinando os sujeitos à esfera de produção, no qual o professorado se insere na “linha de montagem” educacional. O tempo de aprendizagem não tem valor por si mesmo, tornando-se preparação para a “verdadeira” vida, ou seja, o trabalho capitalista fora da escola, ao passo que, comparativamente, a escolarização é dispendiosa, improdutiva ou, quando muito, reprodutiva (FRIZZO; RIBAS; FERREIRA, 2013, p. 559).

Na concepção de Ferreira e Maraschin (2019, p. 30), “[...] é a partir do trabalho, em sua realização cotidiana, prática, que o ser social se distingue de todas as formas pré-humanas”. Nesse contexto, as autoras citam quatro sentidos para o trabalho: o primeiro sentido do trabalho é “atividade ontocriativa”, isto é, por meio do trabalho o ser humano existe como um ser social. O segundo sentido “é o do trabalho em suas formas alienadas” no sentido negativo do trabalho do aprisionamento, degradação e precarização da atividade produtiva. Outro sentido que se destaca é “o trabalho como práxis” e finalmente o “trabalho como princípio educativo” (FERREIRA e MARASCHIN, 2019, p. 30-32).

Então, a partir do defendido pelas autoras que a tecnologia e o trabalho são eixos fundamentais para EPT, julgamos necessário trazer para essa discussão os sentidos da tecnologia²⁷, partindo da premissa que “a ação do ser humano é a capacidade de projetar” (FERREIRA e MARASCHIN, 2019, p. 34). Nesse sentido, para Vieira Pinto, no volume I do livro “Conceito de tecnologia”, a palavra tecnologia tem quatro significados principais, quais sejam:

1º Sentido etimológico – logos ou tratado da técnica: Significado etimológico – tem de ser a teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa. Este é necessariamente o sentido primordial, cuja interpretação se abrirá a compreensão dos demais. A tecnologia aparece com o valor fundamental e exato de “logos da técnica” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 219).

2º Sinônimo de técnica ou de Know-how: Equivale pura e simplesmente à técnica. Indiscutivelmente constitui este o sentido mais frequente e popular da palavra, o usado na palavra corrente, quando não se exige precisão maior. As duas palavras mostram-se, assim, intercambiáveis no discurso habitual, coloquial e sem rigor. Como sinônimo, aparece ainda a variante americana, de curso geral entre nós, o chamado knowhow. A confusão gerada por esta equivalência será fonte de perigosos enganos no julgamento de problemas sociológicos e filosóficos suscitados pelo intento de compreender a tecnologia (Ibidem, p. 219-220).

3º Conjunto de técnicas de que dispõe uma sociedade: Estreitamente ligado à significação anterior, encontra-se o conceito de tecnologia, entendido como conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento. Em tal caso, aplica-se tanto às civilizações do passado quanto às condições vigentes modernamente em qualquer grupo social. A importância dessa acepção reside em ser a ela que se costuma fazer menção, quando

²⁷ Entendemos que a tecnologia é um aspecto fundamental a ser refletido na EPT. Ainda mais nas concepções de Vieira Pinto. Porém, devido ao tempo não aprofundaremos, ficando para estudos posteriores.

se procura referir ou medir o grau de avanço do processo das forças produtivas de uma sociedade (Ibidem, p. 220).

4º Ideologia da técnica: A ideologização da técnica. Condensadamente, pode-se dizer que, neste caso, a palavra tecnologia menciona a ideologia da técnica (Ibidem, p. 220).

Assim como o trabalho e a tecnologia em grande medida se colocam a serviço do capital, o trabalho pedagógico por ser trabalho, também pode ser entendido por esse viés, como afirma Acácia Kuenzer (2002, p. 5), em seu texto “Exclusão Includente e a Inclusão Excludente”, a finalidade do trabalho pedagógico, articulado ao processo de trabalho capitalista é o disciplinamento para a vida social e produtiva, em conformidade com as especificidades que os processos de produção vão assumindo, em função das forças produtivas.

Ainda de acordo com Kuenzer (2002), no paradigma taylorista/fordista acontecem vários tipos de fragmentação no trabalho pedagógico, que formam a divisão entre classes sociais no capitalismo, que seriam a “[...] dualidade estrutural, a fragmentação curricular, as estratégias taylorizadas de formação de professores, o plano de cargos e salários e a fragmentação do trabalho dos pedagogos” (KUENZER, 2002, p 7-8).

Seguindo nessa perspectiva da Kuenzer (2002), essa fragmentação do trabalho pedagógico assumiu ao longo do tempo as ações de disciplinamento do mundo do trabalho capitalista ordenado de acordo com os valores do taylorismo/fordismo, em três dimensões: técnico, político e comportamental.

Ora, se o trabalho pedagógico, escolar e não escolar, ocorre nas e através das relações sociais e produtivas, ele não está imune às mesmas determinações. Ou seja, **enquanto não for historicamente superada a divisão entre capital e trabalho**, o que produz relações sociais e produtivas que têm a finalidade precípua de valorização do capital, **não há possibilidade de existência de práticas pedagógicas autônomas; apenas contraditórias, cuja direção depende das opções políticas da escola e dos profissionais da educação** no processo de materialização do projeto político- pedagógico. (KUENZER, 2002, p.13, grifo da autora).

A partir do entendimento construído sobre a categoria Trabalho Pedagógico e considerando que “[...] o trabalho pedagógico não está imediatamente ligado ao capital. Ainda assim, por sua natureza, contribui com o capital, na medida em que educa os trabalhadores” (FERREIRA, 2018, p.597) entendemos que o trabalho do professor também é trabalho pedagógico. “Por ser pedagógico, o trabalho dos professores reveste-se de uma intencionalidade,” (FERREIRA, 2018, p. 602). A professora Mariglei S. Maraschin (2019), na

obra “Trabalho Pedagógico na Educação Profissional: o Proeja entre disputas, políticas e experiências” caracteriza o trabalho do professor como trabalho pedagógico crítico e ingênuo.

Na análise da concepção crítica e ingênuo da educação (VIEIRA PINTO, 2010) para trabalhadores, encontram-se pensamentos que disputam no cotidiano do trabalho pedagógico. Sendo que no trabalho pedagógico ingênuo, o estudante é visto como “ignorante” em sentido absoluto, como “objeto” da educação, a educação é concebida como transferência de um conhecimento finito e como dever moral da fração adulta, educada e dirigente da sociedade. [...] Já no trabalho pedagógico crítico, o estudante é visto como sabedor e desconhecedor, é “sujeito” da educação e a educação consiste em uma nova proporção entre conhecimento e desenvolvimento (MARASCHIN, 2019, p. 258-259).

Acreditamos ser importante então refletir sobre esses sentidos e ter realmente o **trabalho e a tecnologia** como eixos do trabalho pedagógico na EPT. As diversas ações históricas que atuam junto aos processos educativos podem destacar o trabalho como princípio **educativo**²⁸, aliando a dimensão intelectual ao trabalho produtivo e à formação de cidadãos trabalhadores pensantes. Essa é a concepção de trabalho que defendemos, e mais do que isso, no trabalho pedagógico é importante ação do professor, inclusive em tempos de pandemia. O trabalho dos professores é fundamental em qualquer tempo, seja de trabalho presencial, remoto ou híbrido.

Compreendemos, neste contexto, que as escolas são instituições pedagógicas e as escolas profissionais por relacionarem educação e trabalho são fundamentalmente pedagógicas (MARASCHIN, 2019). No texto “Trabalho pedagógico na EJA/EPT na perspectiva do currículo integrado”, Maraschin (2019) enfatiza que cada curso de EPT demanda um olhar específico, uma metodologia, uma prática pedagógica particular direcionada e pensada para esse público que deve ser elaborada em conjunto, na coletividade dos saberes.

A Educação Profissional tem como característica a atuação de professores técnicos de formação em bacharelado, sendo que o pedagógico muitas vezes é negado em consequência desses profissionais apresentarem certa resistência às formações pedagógicas. (MARASCHIN, 2019).

Nós temos que repensar nossas práticas, eu também não sei, também fico perdido. Muitos não tem computador, eu faço demonstrações em aula, mas se eles não praticarem eles vão esquecer, então é uma situação bastante complicada e ai eu queria chegar no ponto que foi abordado no trabalho da Shirley, a questão

²⁸ Retomando Saviani, no texto apresentado no início desta dissertação, “[...] a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo” (Saviani, 2007, p. 154).

pedagógica, isso é uma questão pedagógica, isso é uma questão que sempre me questiono bastante, qual é a melhor maneira, estratégia pedagógica da gente trabalhar a gente tenta dessa, daquela maneira, mas sempre fica essa dúvida e eu vou dizer pra vocês que eu não sei qual é a melhor maneira a melhor estratégia pedagógica, me preocupo mais é com a questão pedagógica sempre. A maioria de nós não foi preparado para trabalhar com o PROEJA, que uma situação completamente diferente de trabalhar com ensino integrado regular (P-GI, set. 2021).

Este relato no GI sustenta a afirmação de Maraschin (2019) quanto às especificidades desse público serem consideradas na produção do conhecimento, ideia da necessidade de formação continuada para os professores da EPT é bastante presente pois muitos não carregam em sua trajetória a formação pedagógica tão indispensável para docência.

Considerando a importância do trabalho pedagógico no contexto educacional, as especificidades dos sujeitos da EJA e EJA EPT e as dificuldades provocadas pela pandemia em curso, no ano de 2021, a professora Mariglei S. Maraschin problematiza algumas questões do trabalho pedagógico no artigo intitulado “Trabalho Pedagógico na educação profissional: da negação do pedagógico ao trabalho pedagógico crítico”, em que a pesquisadora construiu reflexões sobre o trabalho pedagógico na Educação Profissional, defendendo o trabalho pedagógico crítico na EPT, partindo da realidade da autora como professora, pesquisadora e gestora e considerando o contexto de expansão da EPT e da pandemia em curso.

Considerando a importância do trabalho pedagógico conforme vem sendo tratado até aqui, no ano de 2021, foi publicado o texto “Trabalho Pedagógico na Educação Profissional e a pandemia: a confirmação da negação do pedagógico” (MARASCHIN e WINTER, 2021) no qual o objetivo foi continuar as reflexões do capítulo “Trabalho Pedagógico na Educação Profissional: da negação do pedagógico ao Trabalho Pedagógico Crítico”, publicado no volume 1 do livro “Trabalho pedagógico na EPT em diferentes contextos: desafios e reflexões”, de forma a ampliar a ênfase da vivência da pandemia e o que os acontecimentos políticos na realidade dialogam com o trabalho pedagógico crítico. Neste, foi destacado a preocupação com a evasão na Educação Profissional e a pandemia.

Diante da preocupação com o trabalho pedagógico, uma questão abordada no questionário dos professores foi “Quais foram os principais desafios pedagógicos enfrentados no PROEJA em tempos de atividades não presenciais?” A figura abaixo ilustra as principais dificuldades elencadas.

Figura 11 – Síntese dos principais desafios enfrentados pelos professores



Fonte: Autora, 2021.

Conforme os dados apresentados, sobre a situação dos professores na pandemia, pudemos observar que a falta de participação é um grande desafio, uma questão sinalizada em tempos de aulas não presenciais, o qual "é desagradável dar aulas com as câmeras desligadas, mas quanto a isso, identificou-se também que muitas vezes os estudantes se sentem incomodados em expor sua realidade, as condições de suas casas, a realidade familiar, enfim" (Diário de Campo, 01 nov. 2020). Outro desafio sinalizado foi em adaptar as aulas práticas para o ensino online, o que seria muito rápido de explicar no laboratório por exemplo, de forma online essa explicação fica muito mais difícil, difícil também para relacionar o que está na teoria com a prática do dia a dia.

Um relato muito importante, reflexo do primeiro semestre de pandemia no CTISM, foi dos professores participantes do conselho de classe, a qual a pesquisadora participou, que aconteceu no mês de outubro de 2020, de forma online, foi dito que a turma do primeiro ano, possivelmente, tenha sido a mais prejudicada visto que, ainda não conheciam os professores, a metodologia de cada um, até mesmo desconheciam a plataforma moodle, em que os professores disponibilizam o material didático de forma online. A turma do segundo ano foi a que melhor se adaptou ao sistema de atividades remotas, conforme observações dos professores registradas no conselho de classe. O terceiro ano, que sempre se destacou por ser uma turma participativa, de forma online não conseguiu se adaptar tão bem. Essa turma em específico tinha uma característica de trabalhar em equipe, que se perdeu com esse novo contexto online. (Diário de Campo, out. 2020).

Nesse contexto, outra questão posta no questionário dos estudantes foi em relação às dificuldades encontradas nesse período de pandemia, foi perguntado “Quais as suas principais dificuldades no curso em tempo de pandemia?” A imagem abaixo ilustra as principais dificuldades sinalizadas pelos estudantes.

Figura 12 – Síntese dos principais desafios enfrentados pelos estudantes



Fonte: Autora, 2021.

Observou-se, com base nas respostas, que em relação às dificuldades, foram: a participação dos filhos durante as aulas, problemas familiares, não ter um local próprio para estudar. Respostas que foram bem ao encontro dessa fala o grupo de interlocução, “[...] não é fácil a gente estudar em casa porque assim a gente tá conversando e tem gente do lado conversando, filhos também sabe e para poder conversar com vocês tenho que abrir o microfone não adiante então é difícil a situação entendeu” (TE-GI, ago. 2021). Ainda analisando as dificuldades foram sinalizadas a falta de acesso à internet, muitas vezes a internet é por pacote de dados móveis, o que dificulta a participação nas aulas, dificuldade de aprendizagem por não ter a interação de um professor presencialmente, dificuldades financeiras, pois a pandemia agravou os problemas financeiro, principalmente para a classe que vive do trabalho e outra questão importante que é conciliar o horário de trabalho com as aulas online foi uma resposta evidente entre os estudantes. E, nesse sentido, Arroyo (2017) afirma que o ponto de partida em relação ao entendimento sobre esses sujeitos, estaria em reconhecê-los como trabalhadores, a proposta de educação precisa ter como referência os trabalhos de que sobrevivem, mesmo precarizados, se tem dificuldade de articular tempos de trabalho- sobrevivência e tempos de escola (ARROYO, 2017, p. 45).

5.2 TRABALHO PEDAGÓGICO AUTOTRANSFORMADOR

O Trabalho Pedagógico na Educação Profissional gera inúmeras reflexões, envolvendo o papel da escola, a função do professor e o lugar do pedagógico no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Maraschin (2015) em sua tese *Dialética das Disputas: trabalho pedagógico a serviço da classe trabalhadora* acompanhou a historicidade e as experiências de seis campi dos institutos federais do Rio Grande do Sul. Uma importante conclusão desse estudo foi a necessidade de investir em trabalho pedagógico crítico, que transforma os sujeitos da EPT. Para fundamentar nosso entendimento sobre trabalho pedagógico, precisamos evidenciar que o entendemos como práxis, como uma atividade transformadora, por representar articulação entre teoria e prática. E, desse modo, sobretudo é necessária uma compreensão sobre o que somos, enquanto seres humanos, sobre nossa relação com a natureza para construção da realidade social, é nesse contexto que a práxis se efetiva. E nessa relação práxica do trabalho pedagógico acontece a autotransformação, tanto de professores quanto de estudantes.

Acredito que qualquer docente que tenha de fato tentado realizar o seu trabalho docente durante a pandemia (preocupando-se em realmente ensinar e não apenas em "cumprir o protocolo" da aula online) precisou se transformar, em inúmeros sentidos (desde a forma de ministrar as aulas, utilizando as tecnologias e recursos educacionais acessíveis/aceitos pelos estudantes, até a forma como se percebe enquanto docente e o seu próprio papel na sociedade) (P-GI, set. 2021). Sim, com certeza precisei me autotransformar. Pois da noite para o dia foi necessário aprender a utilizar os recursos digitais, a trabalhar de forma remota, a construir novas formas de avaliação, etc. (P-GI, set. 2021).

Um grande desafio foi a aceitação do momento remoto que estamos vivendo e, transformar o trabalho pedagógico para a realidade remota. Interagir com os estudantes e procurar entender cada caso dentro da sala de aula remota, para que o trabalho pedagógico seja realmente um aprendizado favorável para o estudante e, não só mais um trabalho do dia a dia (P-GI, set. 2021).

Como práxis, o trabalho pedagógico é intencional, esta afirmação se sustenta quando os professores, ao participarem do GI, destacaram a necessidade da transformação para a realidade remota. Observou-se, assim, que o trabalho pedagógico transcende os muros da escola. Nesse sentido,

A educação é compreendida como transformação, possibilidade de o ser humano se reinventar continuamente, (re)apropriando-se do que os demais seres humanos já

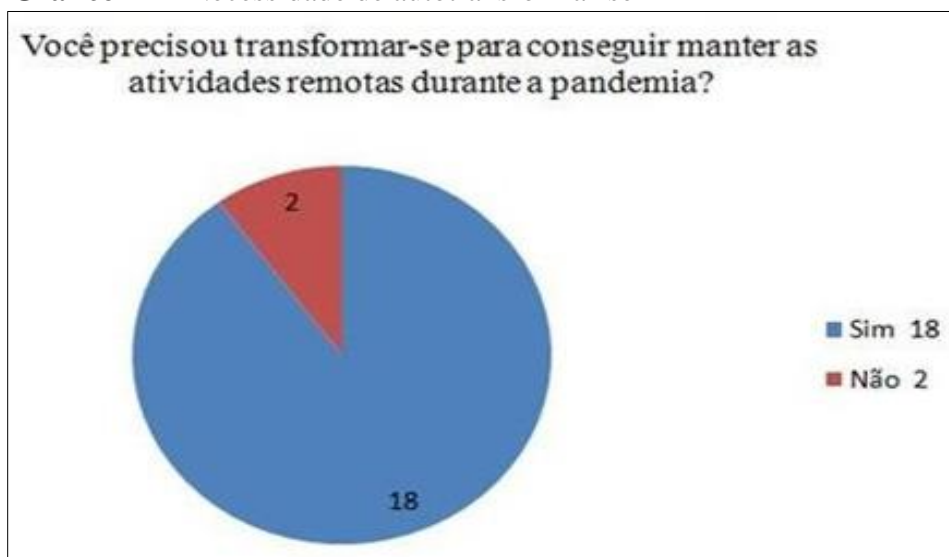
elaboraram, reconstruindo sua historicidade e, desse modo, estando em interação, pois é uma elaboração absolutamente social e socializadora. Assim compreendida, a educação transcende a escola, está antes e além dela, não tem como fim único a configuração individualizada de “mão-de-obra”, objetivo de uma escola que visa somente a atender os imperativos do capital (FRIZZO; RIBAS; FERREIRA, 2013, p. 557).

Em relação a autotransformar-se, essa transformação acontece por meio das trocas interpessoais, o funcionamento psicológico se dá no duplo trânsito entre dois planos. Assim:

Isso significa que o indivíduo precisa aprender para se desenvolver e que isso se dá **em primeiro lugar na relação com o outro**. Vale dizer que esse “outro”, na escola, é o professor, pois possui as condições de identificar as pendências afetivo-cognitivas que precisam ser suplantadas e que podem promover o desenvolvimento. Minimizar a função do educador na prática pedagógica é desqualificar a profissão e a profissionalidade da categoria docente, pois qualquer um e em quaisquer condições precárias poderia se arvorar a realizar o trabalho educativo escolar (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42, grifo do autor).

A autotransformação na práxis da realidade pesquisada foi identificada por meio das respostas do questionário, para conseguir manter as atividades remotas durante a pandemia, observou-se, nas respostas dos professores, que a maioria (dezoito) professores responderam que sim e outros (dois) responderam que não precisaram se transformar, conforme apresenta o gráfico abaixo.

Gráfico 12 – Necessidade de autotransformar-se



Fonte: Autora, 2021.

O quadro abaixo apresenta uma síntese das respostas dos professores em relação a autotransformar-se.

Quadro 5 – Síntese das transformações observadas pelos professores

Transformações em tempos de atividades remotas			
Organizar melhor o tempo	Adequar a Forma de ministrar aulas	Aprender novas ferramentas digitais	Adaptação do material para o ensino remoto

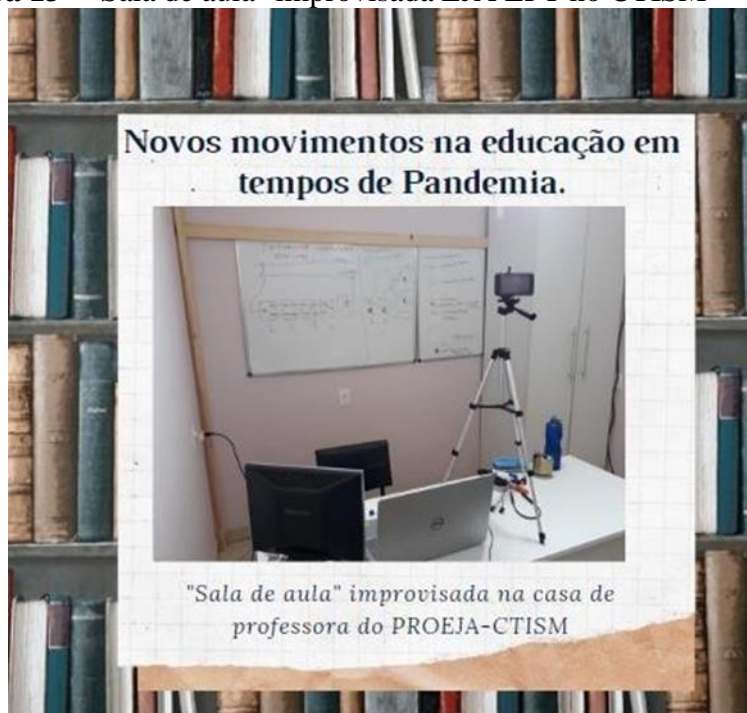
Fonte: Autora, 2021.

Considerando o momento delicado de pandemia, em que de um dia para o outro o trabalho dos professores precisou, de forma emergencial, ser transferido para o ensino remoto, nos chamou atenção o fato de dois professores terem respondido que não precisaram autotransformar-se. De acordo com fala de uma professora no GI, a pergunta pode não ter sido interpretada de forma adequada.

Tu colocaste ali que dois professores não perceberam mudança com a questão da pandemia, e pela tua intonação quando tu falou me pareceu uma coisa negativa, acho que valeria a pena, talvez não sei se dá tempo, tu voltares e especificamente nesses professores e perguntar vocês não observaram essa mudança porque foi tranquilo passar do presencial para o online porque vocês já dominavam as TICS vocês já usavam trabalhos dessa forma no presencial ou porque que não mudaram eu acho que valeria a pena tu fazer essa investigação, talvez pode te dar alguma outra ideia, um outro olhar né sobre essas transformações (P-GI, set. 2021).

De fato, nos surpreendeu que dois professores não identificaram transformações nos estudantes, infelizmente em função de já estar na reta final da pesquisa não foi possível buscar um entendimento maior sobre esse resultado, mas ficou como sugestão para o estudo no pós-pandemia. Contudo, observamos um grande exemplo de autotransformar-se, que foi adequar a sala de casa como se fosse uma sala de aula, sobretudo, neste período de "caos", constatou-se que, quem já desenvolvia um trabalho pedagógico crítico, engajado antes da pandemia conseguiu se adaptar mais rapidamente, como mostra a figura a seguir:

Figura 13 - "Sala de aula" improvisada EJA EPT no CTISM



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Assim, conhecido de que forma o trabalho pedagógico autotransformador se manifesta na realidade estudada, passa-se a próxima seção, na qual estão expostas as transformações de uma política educacional na vida do trabalhador estudante.

5.2.1 As transformações de uma política educacional na vida do trabalhador estudante

Pensar o pedagógico é fundamental, e não é mais possível pensar de maneira isolada, apenas os seus componentes curriculares, os seus conteúdos. Na EPT, além de ter o olhar para a formação humana, é preciso ter o olhar integrado. Compreendemos o trabalho pedagógico de forma coletiva, gerando ações, relações e transformações. (MARASCHIN, 2015). Nesse sentido, Machado explica que:

O trabalho pedagógico envolve, assim, o processo de interação entre o ensinar e o aprender no contexto do qual são produzidas e transformadas, socialmente, significações, que, de forma singularizada, são apropriadas pelos diferentes participantes enquanto sujeitos históricos e culturais. Todos os integrantes do trabalho pedagógico são, assim, aprendizes, produtores e reprodutores de relações sociais e políticas, preceitos éticos e morais, que se interpenetram com os conteúdos científicos, técnicos e culturais (MACHADO, 2020, p. 77).

Considerando a importância da EJA EPT, não apenas como um programa governamental articulado pelo Ministério da Educação, mas como uma política pública de grande destaque no cenário educacional, principalmente por se tratar da escolarização de jovens e adultos excluídos na idade regular. Sendo uma política de enorme influência na vida desses sujeitos, cabe destacar o projeto de acompanhamento dos estudantes desenvolvido pelo CTISM, o projeto intitulado “Apoio Pedagógico no CTISM: ações de Inclusão e Sucesso Escolar”, projeto que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2015 na instituição. As ações do projeto incluem acolher, auxiliar, mediar os desafios referentes ao processo de ensino e aprendizagem; acompanhar e monitorar individualmente os trabalhadores-estudantes, disponibilizando periodicamente diagnósticos individuais e das turmas; acompanhar sistematicamente os alunos com baixo rendimento, contribuindo para construção de materiais pedagógicos, produções para eventos e ações de intervenções conforme as demandas. Tais ações que, em tempos de ensino remoto, precisaram ser adaptadas, mas que aconteceram regularmente e foram vistas de forma muito positiva, conforme argumenta o GI:

O que me marcou foram os momentos de superação de ver estudantes participando de eventos, apresentando trabalhos, representando o colégio, ligando o computador sem nunca ter conseguido ligar lá no laboratório, agora ligando sozinho em casa, a gente percebe esse crescimento deles (P-GI, set. 2021).

Antes da pandemia os alunos do proeja não procuravam fora do horário das aulas, acho que até o pessoal do apoio pedagógico, ao meu ver os bolsistas do apoio pedagógico eram muito pouco procurados fora do horário da aula e com a pandemia eu acho que isso mudou, os alunos procuram mais a gente, procuram bem mais os bolsistas do apoio pedagógico de dentro de cada disciplina e eu acho que isso é um ganho, é importante que os alunos deixem esse relato para os que virem no futuro deque é necessário, por mais que tempo seja curto, é importante, é um fator de Êxito eu acho que o apoio pedagógico pode contribuir com o êxito dos alunos , eles fazerem essas atividades fora do horário de aula né (P-GI, set. 2021).

A formação geral e a formação técnica de forma emancipatória possibilitam a formação integral do trabalhador-estudante.

A concepção de uma política, cujo objetivo da formação está fundamentado na integração de trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, pode contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional das populações, pela indissociabilidade dessas dimensões no mundo real (BRASIL, 2007, p. 35).

O mundo real que vivencia atualmente a pandemia da Covid-19. Nesse contexto, a Universidade Federal de Santa Maria considera de maneira formal todas as ações que

acontecem de forma remota, a Instrução Normativa N. 02/2020/PROGRAD, de 17 de março de 2020, regula o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e a Instrução normativa N. 03/2020/PROGRAD de 20 de março de 2020, aborda as dificuldades de acesso à internet e tecnologias em rede durante o regime de exercícios domiciliares especiais.

Art. 11º O Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) tem o intuito de manter a conexão e comunicação entre a comunidade acadêmica, bem como facilitar a continuidade, de disciplinas teóricas durante o período de Pandemia COVID-19. Art. 12º Considerando o disposto no artigo anterior, os estudantes que tiverem dificuldades no acesso à internet, bem como à dispositivos para uso de Tecnologias em Rede, deverão comunicar tal situação ao docente da disciplina. Considera-se que as atividades vão estar liberadas para estes discentes nos ambientes proporcionados pelos docentes e que poderão ser acessadas e recuperadas ao término do período de suspensão das atividades presenciais, conforme período delimitado na futura retificação do Calendário Acadêmico 2020 (UFSM, 2020).

Ciavatta (2005), ao escrever “A FORMAÇÃO INTEGRADA a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade”, indica que a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências e às relações que estabelecem. Esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu, a partir da realidade vivenciada, constituindo “um lugar de memória”.

Quem estava alí nos ajudando a construir o PROEJA se empenhou muito, inclusive os estudantes da época e as histórias de transformações vão se confundindo com a escola com aquilo que a gente vai vivenciando, as coisas que ficam na memória É muito bom que essa pesquisa explicita a realidade do que aconteceu, que vocês puderam capturar em termos de memórias, porque isso é história, ela acontece assim e produz, se reproduz, acontece em um momento de maneira correta, em outro nem tanto, mas enfim, a gente tem que saber avaliar. (P-GI, set. 2021).

Retomando a afirmação de Ciavatta (2005), que a escola é “um lugar de memória”, se vê claramente por meio do relato registrado no GI que tal afirmação se efetiva na práxis.

5.2.2 Olhar para si, para a política e reconstruir

Possivelmente, o ideal seja uma formação integrada e humanizadora, “a formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar”. Preparar para o mercado de trabalho é diferente de preparar para o mundo do trabalho, e o grande desafio está em superar

a redução ao aspecto operacional e garantir uma formação cidadã completa. A autora destaca seis pressupostos orientadores para a formação integrada como projeto social:

[...] a manutenção da legislação que articula formação geral e a educação profissional, a adesão de gestores e professores a um projeto integrado, a articulação da instituição com os alunos e os familiares, o exercício da democracia participativa e a garantia de fomento à educação (CIAVATTA, 2005 p. 13-16).

Fomentando o tema das concepções pedagógicas, Rozieli Bovolini Silveira (2017), em seu trabalho de Dissertação *O Programa Permanência e Êxito no Instituto Federal Farroupilha: Trabalho Pedagógico e Fracasso Escolar*, investigou a relação do trabalho pedagógico com a permanência e êxito dos estudantes. Dentre as inúmeras reflexões apontadas pela autora, consideramos relevante trazer o seguinte recorte:

As relações no Trabalho Pedagógico ocorrem de duas formas observadas na pesquisa, de uma forma, quando o estudante sente-se acolhido pela instituição, tem garantias sobre a aprendizagem e sua construção como cidadão ou quando as relações no Trabalho Pedagógico estão condizentes com o sistema de produção, selecionando os mais “aptos” e aqueles que não se adequam aos sistemas de avaliação, de comportamento e de disciplina (SILVEIRA 2017, p. 140).

Considerando a importância da continuidade da política de EJA EPT e objetivando fortalecer o tema, principalmente, em tempos tão difíceis de distanciamento social, consideramos necessário elaborar um artigo para refletir sobre a política e o trabalho pedagógico na, a partir da análise de um curso de EJA EPT. De posse dos dados sobre a situação dos trabalhadores-estudantes na pandemia, elaboramos reflexões sobre o ensino e as estratégias de permanência em cursos de EJA e EJA EPT. A seguir, apresentamos algumas conclusões relatadas no artigo.

A pandemia amplia os problemas da EJA, denuncia a falta de acesso às tecnologias. E por se tratar de um momento de privação do convívio social, os estudantes destacaram através da pesquisa a importância de manter o vínculo com os professores. Por isso, uma boa estratégia é estreitar laços, manter um contato contínuo com os estudantes, a maioria não tem acesso fácil à internet, então, uma boa estratégia para garantir a permanência passa ser a disponibilização do material referente ao conteúdo das disciplinas de forma impressa. Outro resultado bem importante foi sobre o entendimento referente aos conteúdos propostos, é necessária uma estratégia que exija maior criatividade por parte dos professores, é fato, que o momento é de se reinventar, se as práticas pedagógicas correntes não estão trazendo resultados positivos é hora de mudá-las, adequá-las à realidade atual (MARASCHIN; WINTER, 2020, p. 7).

Este estudo foi aprovado, publicado nos anais da ANPED – Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação e apresentado de forma virtual, nos dias 22 a 24 de março de 2021.

As atividades online, na maioria das vezes, são um conjunto de atividades que dependem da escola, do professor e dos alunos, mas sobretudo das condições tecnológicas disponíveis para o sucesso do processo de ensino e, principalmente, das condições que os alunos dispõem para interagir e focar no processo. Num ambiente presencial os alunos convivem num ambiente de aprendizagem, que apesar de não ser o ideal, lhes permite focar na aprendizagem. Num ambiente online, devido às condições de cada um, percebo que isso é extremamente difícil. Como não existem milagres e igualdade de condições, acredito que o CTISM faz muito bem a sua parte (Diário de Campo, mai/2021).

O quadro abaixo apresenta uma síntese das respostas dos professores em relação aos desafios enfrentados em tempos de aulas não presenciais.

Quadro 6 – Síntese dos principais desafios observados pelos professores

Síntese dos principais desafios		
Participação	Digital	Prática
Fazer com que os estudantes participem das atividades síncronas e assíncronas.	Desafios digitais, tanto de acesso quanto de conhecimento das ferramentas digitais.	Relacionar os conceitos teóricos com as aulas práticas, visto que, muitas não aconteceram.

Fonte: Autora , 2021.

Diante da situação imposta pelo isolamento social, observa-se um grandioso esforço tanto dos professores quanto dos estudantes para superarem esse momento de privação do convívio social. Retomando o quadro anterior, pelas respostas dos professores é possível perceber que os desafios identificados pelos professores em certa medida se assemelham aos identificados pelos estudantes, e estão relacionados a participação engajada, ao não acesso às ferramentas digitais a limitação das aulas práticas.

Mesmo com tantos desafios impostos, observamos que a realidade pesquisada vem se constituindo como uma instituição que promove o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes por meio de um trabalho pedagógico engajado com a política de direito à educação de jovens e adultos integrada à Educação Profissional. Tal afirmação vem bem ao encontro do trecho a seguir, extraído no GI, “[...] *uma coisa do PROEJA, o PROEJA já é um desafio porque a maioria tava longe do colégio e já é um desafio voltar a estudar, tu te empenhar, se dedicar aquilo ali sendo que tu tem filho, família, trabalho*” (E-GI, ago. 2021).

A EJA EPT vem se consolidando como uma política que busca fazer diferença na vida dos estudantes da classe trabalhadora, constrói valores éticos de cidadania e identidade para esses sujeitos. “Não apenas vêm do trabalho para a escola, para a EJA, mas esperam que, feito o percurso escolar, tenham o certificado que garanta o direito ao trabalho a diversidade de direitos humanos (ARROYO, 2017, p. 49), “[...] muitas vezes a gente não evolui por falta de um diploma, alguma coisa que fique sabe, uma identidade do teu trabalho, entendeu, assim uma coisa que te identifique, que tu chegue em um lugar e as pessoas saibam quem tu é, o que tu faz, e o CTISM tá dando isso pra muitas pessoas” (E-GI maio 2021). O recorte de Arroyo (2017) citado aqui, em consonância com o relato no GI, sustentam a afirmação de que mesmo não garantindo o direito ao trabalho, visto os entraves do modo de produção capitalista, o diploma é de extrema importância na vida desses sujeitos.

Entretanto, observamos quão grande é o desafio de manter jovens e adultos motivados a estudar em tempos difíceis de distanciamento social e pelo ensino remoto. E constatamos a necessidade de manter projetos de apoio pedagógico para acompanhar, monitorar e manter o vínculo com os trabalhadores-estudantes. Recordando Freire (1996, p. 25), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Que possamos seguir construindo conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção científica não constitui um fim absoluto, mas relativo, no sentido em que faz parte do fim geral que a sociedade se propõe
Vieira Pinto (1979, p. 335).

O conjunto de reflexões, percepções e análises desse trabalho de pesquisa, impactado diretamente pela influência da pandemia por Covid-19, que provocou entre outros desafios o isolamento social, necessitando de reformulações e adaptações no decorrer do processo, voltou-se para as transformações vivenciadas pelos trabalhadores-estudantes que acessam a política de EJA EPT no CTISM, no período de 2019-2021, e pelos trabalhadores professores neste contexto e para além dele. Cabe destacar que esta dissertação foi concluída em um contexto marcado pela devastadora pandemia em curso, em que a produção dos dados foi dificultada, tendo em vista o distanciamento social, que obstaculizou várias questões. Por isso, optamos por escrever as conclusões organizando em quatro dimensões: em relação às limitações, em relação a problematização e objetivos, as potencialidades e as sugestões para novos estudos.

Com relação a limitação, com certeza diz respeito à pandemia, que impediu de realizarmos a pesquisa participante que planejamos. Foi uma pesquisa online, por mais que tenhamos vivenciado quase a totalidade dos momentos, todos eles foram mediados por tecnologias de comunicação: *Google meet*, *WhatsApp*. Conseguimos muito, mas a sensação é a de que queríamos mais... desejávamos estar nos corredores do CTISM, nos laboratórios e no Campus da UFSM. Estivemos juntos, mas separados por 290 Km de distância.

Mesmo com estas dificuldades, consideramos fundamental o desenvolvimento de uma pesquisa tão relevante em termos sociais, visto que o estudante da EJA e EJA EPT tem como principal característica o trabalho e o pertencer à classe trabalhadora, e por isso já dificulta seu acesso e permanência à escola. Em tempos de pandemia da COVID-19, em que as medidas de distanciamento social inviabilizam também a busca por empregos e prejudicam o trabalho dos informais e que no Brasil são mais de 14,7 milhões de desempregados, no segundo semestre de 2021, de acordo com os dados do IBGE, julgamos necessário conhecer a situação real desses sujeitos, que já tiveram, no passado, seu direito à educação negado, e que mesmo anteriormente ao inimigo invisível, o Covid-19, já lutavam contra os inimigos visíveis, como um sistema que valoriza a exploração da mão de obra barata e o acúmulo de renda.

Trabalho e Educação, temas tão caros para trabalhadores estudantes da EJA e EJA EPT, sobretudo, já ultrapassando o título de crise sanitária e as mais de 586²⁹ mil mortes, com mais de 20 milhões de casos confirmados, inclusive como pesquisadora, passando a fazer parte desta triste estatística ao finalizar esse estudo, testando positivo para Covid-19 recentemente. Assim, coloco-me: De planejadora de uma pesquisa participante a protagonista de uma pesquisa *online* e vítima de Covid-19.

Portanto, este estudo buscou olhar as dimensões analisadas por Kuenzer (1985) na “Pedagogia da Fábrica”, mas em uma perspectiva diferente – a de como a escola educa o trabalhador, como as relações de trabalho e educação ocorrem dentro do curso, e como o estudante vivencia essas transformações em uma política tão necessária e ligada ao mundo do trabalho, que é a Educação de Jovens Adultos integrada à EPT.

Sobre a dimensão metodológica deste estudo, consideramos fundamental construir a análise dos dados ao longo do texto com base nas categorias do método dialético (historicidade, totalidade, contradição e práxis), de forma que em um capítulo uma se destaque mais, que outro/outra, mas que todas perpassam todos os movimentos do texto, imbricadas nas categorias de conteúdo (trabalho, estudantes, professores, trabalho pedagógico, pandemia, êxito e transformações) que julgamos necessário analisar, visto que as categorias do método esvaziam-se quando seus sentidos não estão conectados à realidade e vinculados ao movimento. De acordo com (KUENZER, 1998, p. 57) analisar as categorias do método, possibilita uma melhor compreensão acerca da realidade injusta e excludente da sociedade capitalista, e tomando a produção do conhecimento como práxis transformadora idealizamos uma sociedade mais justa.

Em relação a problematização inicial, procuramos abordar as transformações que partem da totalidade que é o sistema capitalista, perpassamos as transformações no mundo do trabalho, considerando a pandemia, que ainda não conseguimos mensurar as inúmeras mudanças ocorridas não só referente ao isolamento social, mas como estas se materializam na vida, no trabalho e nos processos educativos. Organizamos as transformações como sendo mudanças em três eixos que interagem entre si: **no pessoal**, referente às características relacionais de si no e com o grupo; **no profissional**, referente ao processo de envolvimento com o curso e interesse aos novos conhecimentos; **no ser estudante**, referente ao desenvolvimento da autonomia, criticidade e do convencimento a continuidade dos estudos. As transformações observadas pelos estudantes foram mais no sentido profissional, o que

²⁹ Dados atualizados em setembro de 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 02 set. 2021.

reafirma o que vimos defendendo desde o início da pesquisa, da grande influência que o mundo do trabalho opera na vida desses sujeitos. As transformações observadas pelos professores em relação aos estudantes foram em sua maioria no sentido pessoal. Possivelmente, as transformações não foram observadas em sua totalidade, tendo em vista as dificuldades enfrentadas em tempos de privação do convívio social provocado pela pandemia.

Os objetivos específicos que organizaram e orientaram este trabalho foram, o primeiro: acompanhar as relações de educação e trabalho dos trabalhadores-estudantes do curso Eletromecânica EJA EPT, no período de 2019-2021; o que nos possibilitou refletir sobre as transformações nos mundos do trabalho, na educação e na realidade pesquisada, inserindo como a pandemia influenciou estas relações. Partimos da discussão das relações de Trabalho, Educação e Escolarização, utilizando-se das concepções da categoria trabalho, buscamos um entendimento sobre os retrocessos no mundo do trabalho e a pandemia.

Observou-se o destaque que o trabalho tem na vida desses trabalhadores-estudantes, a categoria da contradição foi posta em relevo por meio das discussões propostas, pois, tanto a categoria pode ser vista como fator de emancipação, quanto de alienação. Em face dessa contradição, acreditamos que a escolarização contribua para que os trabalhadores-estudantes tenham acesso ao saber historicamente acumulado e carreguem melhores condições de ler o mundo, mas que ainda assim, no sistema capitalista, necessitem vender sua força de trabalho, talvez por um salário precarizado, mas necessário para sua subsistência. A pandemia fomenta ainda mais a exclusão social, pois amplia o desemprego.

O segundo objetivo foi contextualizar a historicidade da política de EJA EPT no Brasil e no CTISM; o que nos permitiu conhecer a historicidade e os marcos legais da EJA e EJA EPT no Brasil, como o documento base destaca o PROEJA como uma política de acesso, permanência e êxito, perpassando os movimentos da EJA EPT no CTISM, contextualizando o lócus, o Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria e os sujeitos da pesquisa, os estudantes e professores do curso de Eletromecânica, na modalidade EJA EPT. No segundo objetivo se destacou a categoria da historicidade, e percebemos que o CTISM se constituiu nesse espaço-tempo como uma instituição que oferta a política e tornou-se referência tanto de acesso, permanência e êxito como de oportunidades a tantos trabalhadores estudantes.

O terceiro objetivo foi o de relatar as transformações dos trabalhadores-estudantes do curso de Eletromecânica no período 2019-2021, em relação aos desafios de acesso, permanência e êxito, incluindo a vivência da pandemia Covid-19, a categoria da práxis se fez mais presente por nos proporcionar conhecer as transformações na realidade escolar

pesquisada, tanto na percepção dos estudantes sobre si, que em sua maioria identificaram maiores transformações no sentido profissional, referente às questões de trabalho. Quanto ao entendimento dos professores, em relação às transformações dos estudantes, os quais em sua maioria destacaram as transformações no sentido pessoal, referente às características individuais e de relacionamento com as outras pessoas. Essa percepção dos professores se confirma na fala do GI, [...] *“vendo a pesquisa a gente consegue ver o quanto a gente evoluiu, eu tenho uma dificuldade muito grande de me expressar em público e hoje to aqui conversando com vocês, é difícil, mas estou conseguindo”* (E-GI, ago. 2021).

O quarto objetivo, que surgiu após o grupo de interlocução, foi problematizar o trabalho pedagógico e as transformações necessárias na vivência da pandemia. Buscamos, a partir dele, apresentar algumas produções e reflexões sobre trabalho pedagógico, assim como as concepções de trabalho pedagógico para os professores do CTISM.

Encerramos, defendendo o trabalho pedagógico autotransformador, que entendemos como necessário na pandemia e para além da mesma. Entendemos que as escolas são instituições pedagógicas e as escolas profissionais, por relacionarem educação e trabalho, são fundamentalmente pedagógicas (MARASCHIN, 2019). Cada curso de EPT demanda um olhar específico, uma metodologia, um trabalho pedagógico particular direcionado e pensado para esse público que deve ser elaborado em conjunto, na coletividade dos saberes. Observamos que quem já desenvolvia um trabalho pedagógico crítico antes da pandemia conseguiu se adaptar mais rapidamente. A Educação Profissional tem como característica a atuação de professores técnicos de formação em bacharelado, sendo que o pedagógico muitas vezes é negado em consequência desses profissionais apresentarem certa resistência às formações pedagógicas. (MARASCHIN, 2019). No quarto capítulo, o destaque se deu para a práxis, pois o trabalho pedagógico sendo intencional é movimento de práxis.

Cabe destacar que, de acordo com os movimentos da pesquisa, dentro da perspectiva dialética a qual nos propomos, em que existe a necessidade de analisar o contexto em sua totalidade histórica, político, social, consideramos dois anos um período curto de tempo, que se tornou mais curto ainda neste momento de distanciamento social, para registrar transformações significativas. Entretanto, consideramos que momentos muito fortes da pesquisa foram os grupos de interlocução – espaços que além de ressignificarem os dados produzidos, promoveram um lugar aos sujeitos da política, lugar que acreditamos ser de fato o espaço de construção, reconstrução das políticas em educação. Através dos discursos de superação dos estudantes abordados no GI, podemos retomar a consideração de Rorato,

trabalho já citado nessa pesquisa, sobre a primeira turma formada, pela política de EJA EPT no CTISM.

A pesquisa realizada com gestores, professores e alunos formandos na primeira turma do Programa PROEJA no CTISM mostrou que o Colégio desenvolveu ações educativas e de gestão inovadoras para atingir os objetivos do Decreto nº 5840/2006, de inclusão social e profissional de jovens e adultos. Como resultado, os alunos apresentaram mudanças significativas na condição educacional, profissional e pessoal, com a elevação do nível socioeconômico da maioria (RORATTO, 2012, p. 301).

Para nós, defensoras da continuidade da política de EJA EPT como política integrada e integral e de valorização de trabalhadores, foi fundamental fazer esta confirmação. Outro momento no GI dos professores que nos fez ratificar este direito garantido e perceber as transformações que buscávamos mapear, ocorreu quando um professor emocionado e emocionando a todos relatou a trajetória e a transformação de um estudante formado na primeira turma do curso e que hoje está realizando o terceiro curso na instituição. Não seria essa uma materialidade de acesso ao direito à educação a um trabalhador estudante?

*[...] a gente fala em transformações, e é impressionante que mesmo passado anos a gente se emociona, mas queria falar de mudanças eu vivi alguma mudanças ali na escola que foram fantásticas, não vou citar nomes, aluno da primeira turma do PROEJA, bah ficha suja, esse cara um certo tempo me disse, professor eu não aprendo nada, o pó, ele era viciado em cocaína, queimou meu cérebro, não consigo fazer nada, digo não, vamos com calma, senta aqui do meu lado e vamos aprender, passou um tempo, e no Projeto Escola de Fábrica, esse aluno foi convidado para ser “auxílio pedagógico” lá em Cruz Alta na área de soldagem e eu era o chato do coordenador né, quando eu chegava era porque tinha bagunça, e no final o pessoal resolveu fazer formatura, e escolheram o melhor professor e escolheram aquele que o “pó tinha queimado o cérebro” daí eu perguntei, mas porque vocês escolheram ele? **Porque ele fala nossa língua, ele nos ensinou porque ele nos entende.** (P-GI, set. 2021, grifo nosso).*

Assim, por estas considerações, reconhecemos que a potencialidade desta pesquisa foram os grupos de interlocução, pois nos fizeram viver a práxis no momento de ver os professores perceberem sua autotransformação no trabalho pedagógico, na vivência da pandemia e no momento dos estudantes reconhecerem o CTISM como uma instituição referência no acesso, permanência e êxito de estudantes trabalhadores. Portanto, registamos a importância do TP autotransformador na política de EJA e de instrumentos como o GI no desenvolvimento de pesquisas em educação.

O trabalho do pesquisador (na sua dimensão intelectual), não pode sonhar esta materialidade histórica, pelo contrário, precisa estar consciente de maneira as enfrentar as indagações relativas às condições e relações materiais dos seres

humanos no mundo. Por isso, é valioso pensar esse trabalho intelectual como o ponto de partida e chegada da práxis pedagógica, transformadora de sujeitos e realidades concretas. Este caráter pedagógico, de natureza dialética, se relaciona intimamente com o significado da interlocução entre sujeitos, logo com a dinâmica pensada a partir dos Grupos de Interlocução (CEZAR et al., 2020, p. 14).

Precisamos registrar também, como potencialidade, que existem reflexões que não se encerram na pesquisa, como o sentido transformador e autotransformador da política e do trabalho pedagógico. A grande pergunta complexa e desafiadora que fica é: o Programa se transformou hoje em uma política pública? A política efetivou-se como uma política de acesso, permanência e êxito? Em âmbito geral, não podemos fazer esta afirmação, mas no âmbito do CTISM, observamos que o curso é uma política que se mantém continuamente desde 2007 e que, a partir dos discursos de estudantes e professores configura-se como uma política de acesso, permanência e êxito.

Na dimensão de sugestão de próximos estudos, o primeiro aspecto que deixa interrogações é referente aos investimentos cada vez menores e o total silenciamento da EJA nos últimos anos, e como será a implementação da Resolução N° 1 de 28 de maio de 2021, que em nossa perspectiva permitiu, pelo menos no texto do documento, que a EJA passou do “não lugar” das políticas a um “lugar de perigos e contradições”. Resta-nos saber qual é o efetivo objetivo desse lugar de destaque que a EJA assume. É necessário que educadores, gestores, fóruns da EJA mantenham-se vigilantes quanto à aplicação de tal resolução. Muitos questionamentos permanecem, principalmente no sentido de como estas propostas da Resolução serão organizadas na prática, quais interesses servirão, quais transformações promoverão nas realidades das instituições e quem as financiará.

Outro aspecto que merece novos estudos diz respeito a questão que o professor Demerval Saviani, em parceria com a professora Ana Carolina Galvão, no recente estudo intitulado “Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto”, nos faz refletir de como será o retorno ao presencial, como acontecerá o retorno dos estudantes que evadiram durante esse período pandêmico, como será a retomada da economia, da empregabilidade. Nesse contexto:

O quadro que se anuncia para o período **pós-pandemia** trará consigo pressões para **generalização da educação a distância, como se fosse equivalente ao ensino presencial**, em função dos interesses econômicos privados envolvidos, mas também como resultado da falta de uma verdadeira responsabilidade com a educação pública de qualidade e, ainda, pela apatia de entidades de classe, organizações populares e movimentos sociais ditos progressistas que se renderam ao canto de sereia do ensino virtual (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 39, grifo nosso).

Entendemos que a educação seja um instrumento de transformação e de enriquecimento do conhecimento, capaz de modificar a vida social e atribuir maior sentido e alcance ao conjunto da experiência humana, a serviço da inclusão, da emancipação e da radicação democrática. Portanto, “[...] diante da grave situação em que nos encontramos, dos retrocessos estabelecidos e das consequências que teremos que enfrentar, precisamos mais do que nunca nos comprometer com a luta pela qualidade da educação e resistir coletivamente” (SAVIANI e GALVÃO, 2021, p. 45).

“Vale deixar como perspectiva de continuidade para o teu trabalho avaliar o pós-pandemia, como ficou depois, quando a gente poder voltar para o presencial espero que seja logo”. (P-GI, set. 2021, grifo nosso). No CTISM, nos anos de 2020-2021, os estudantes tiveram a possibilidade de continuar estudando, de modo remoto ou esperarem o retorno presencial, e esta é a forma que acreditamos – oportunizar possibilidades de continuidade com acompanhamento das inúmeras dificuldades ou respeitar o desejo de esperar o retorno presencial, não negando o direito de estudar para todos.

Como viemos tratando até aqui, a pandemia nos apresenta inúmeros desafios, todavia, surgiram também diversas possibilidades, esta afirmação se confirma pela seguinte fala no GI: *“tentei inventar um monte de coisas que pretendo utilizar no futuro”* (P-GI, set. 2021). Em consonância, na décima primeira tese sobre Feuerbach, MARX (1888, p. 1), nos diz que os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo. Então, cabe a nós, pesquisadores, professores, defensores da educação pública e de qualidade, promover as transformações necessárias na construção de um mundo melhor, uma educação emancipadora e estudantes e professores engajados com a educação e o trabalho.

Enfim, propomos um estudo para conhecermos as transformações, percebemos que o tempo não nos possibilitou mapear todas as transformações visíveis, mas ao mesmo tempo nos transformamos enquanto pesquisadoras, aprendemos olhar o dito e o não dito, possibilitamos a práxis e continuaremos defendendo o trabalho pedagógico crítico e autotransformador na pandemia e para além dela. Teremos que nos tornar humanos melhores, apesar das inúmeras perdas, dores, retrocessos, disputas...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIGHETTO, Marcos José. **Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional e Tecnológica: Movimentos e Dialécticidade do Trabalho Pedagógico**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O privilégio da servidão: o novo proletário de serviços na era digital**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARROYO, Miguel G. **Fracasso-Sucesso: o peso da culpa escolar e do ordenamento da Educação Básica**. *Revista Em Aberto*. Brasília, ano II, nº 53 Jan/Mar, 1992.

_____. **Ofício de mestre: imagem e autoimagem**. São Paulo: Vozes, 2004.

_____. **Diálogos na educação de jovens e adultos** / organizado por Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito de uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. **Decreto 2.208**, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º, do artigo 36 e os artigos 39 a 42, da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htm>. Acesso em: 13 set. 2020.

_____. **Decreto 5.478**, de 24 de junho de 2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja. Brasília, DF.

_____. **Decreto 5.840**, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja. Brasília, DF.

_____. **Decreto nº 7.234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES.

_____. **Decreto 9.465**, de 2 de janeiro de 2019. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Educação, remaneja cargos em comissão e funções de confiança e transforma cargos em comissão do Grupo - Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE.

_____. Ministério da Educação. **Documento Base PROEJA – Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2009.

_____. **Documento Base PROEJA Formação Inicial e Continuada/Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2007.

_____. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. **Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 jun. 2014.

_____. Plano Nacional de Educação (2014-2024). Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em 20 jul. 2021.

_____. **Resolução nº 3**, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 1**, de 5 de janeiro de 2021 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica.

_____. **Resolução Nº 1**, de 28 de maio de 2021, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância.

_____. RELATÓRIO DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO PROEJA 2007-SETEC/MEC.

Historicidade da EP - Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf>.

Acesso em: 05 abr. 2020.

CARVALHO, Jaqueline Matos; DOMIT, Rodrigo. **Permanência e êxito em cursos de especialização lato sensu EaD no IFSC**. 2019. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Tecnologias para Educação Profissional). Instituto Federal de Santa Catarina, SC, 2019.

CEZAR, Taise T.; FERREIRA, Liliana; MACHADO, Célia T. **Grupo de interlocução na pesquisa em educação**: produção, análise e sistematização dos dados. Revista Pro-posições, Campinas, SP V. 31, 2020.

CIAVATTA, Maria. **A formação integrada**: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. Trabalho Necessário, Niterói, v.3, n, 2005. Disponível em:

<<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

CIAVATTA, M. **Formação profissional para o trabalho incerto**: um estudo comparativo in: FRIGOTTO, G. (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. 9. ed. Petrópolis:Vozes, 2008.

_____. **A historicidade das reformas da educação profissional**. Cadernos de Pesquisa em Educação - PPG/UFES Vitória, ES. ano 11, v. 19, n. 39, p. 50-64, jan./jun. 2014.

CTISM. **Memorial da instituição**. Disponível em: <https://intranet.ctism.ufsm.br/memorial/>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

DI PIERRO, M. C. (Coord.). **Centros públicos de educação de jovens e adultos no estado de São Paulo**. São Paulo: FEUSP, 2017. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/148>. Acesso em: 13 jun.2021.

EJA. **Falta de fomento na Política**. Disponível em:<https://www.sinprodf.org.br/governo-reduz-investimento-na-eja-e-deixa-modalidade-com-os-dias-contados/> Acesso em: 13 ago.2020.

FERREIRA, Liliana Soares. **Gestão do Pedagógico**: de qual pedagógico que se fala? Currículo em Fronteiras, v. 08, n.02, p. 176-189, 2006.

_____. **Grupos de interlocução como técnica de produção e sistematização na pesquisa em educação**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 191-209, jan./abr, 2014.

_____. **Trabalho pedagógico na escola**: do que se fala? Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 591-608, 2018.

FERREIRA, Liliana.; BRITTO, Marcos. **Grupos de interlocução e a “história a contrapelo”**: contribuições para se pensar a Pesquisa em Educação. p. 1-12, 2017.

FIORIN, Bruna Pereira Alves. **Trabalho e Pedagogia**: considerações a partir dos discursos de pedagogas na escola. 2012. 100 p. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica, 1961. FONSECA, 1961?

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica.** Rio de Janeiro: DPA, 2005.

_____. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste** – Campus de Foz do Iguaçu. V. 10, nº1. Pág. 41-62. 2008.

_____. **A produtividade da escola improdutiva.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst.; RIBAS, João Francisco Magno.; FERREIRA, Liliansa Soares. A Relação Trabalho-Educação na Organização do Trabalho Pedagógico da Escola Capitalista. **Revista Educação**, v. 38, n. 3, set./dez. p. 553-564, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

GATTI, B.A. Sucesso escolar. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1992. IBGE- Biblioteca online IBGE –Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101736>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

KONDER, L. **A construção da proposta pedagógica do SESC Rio.** Rio de Janeiro, Editora SENAC, 2000.

_____. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30.** 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2009.

KUENZER, Acácia Z. A Exclusão incluyente e a inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Orgs). **Capitalismo, trabalho e educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Pedagogia da Fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador** 4.ed. rev. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2007

_____. Desafios teórico metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, v. 1, p. 55-75, 1998.

MACHADO, Lucília. **Educação e divisão social do trabalho**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

MACHADO, Maria Margarida. **A trajetória da EJA na década de 90 – políticas públicas sendo substituídas por “solidariedade”**. Trabalho apresentado na 21ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu-MG, 1998.

_____. Avaliação da produção das pesquisas sobre o PROEJA: impactos da implementação do programa. In: Moura, Dante Henrique (Org). **Produção de conhecimento, políticas públicas e formação docente em educação profissional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Educação profissional no Brasil: atores e cenários ao longo da história**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MARASCHIN, Mariglei Severo. **Dialética das Disputas: trabalho pedagógico a serviço da classe trabalhadora?** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

_____. **Trabalho pedagógico na educação profissional: o PROEJA entre disputas, políticas e experiências**. Curitiba: Appris, 2019.

_____. **Trabalho pedagógico na EJA/EPT na perspectiva do currículo integrado**. Revista Contraponto: 2019. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/13502>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MARASCHIN, M. S.; FERREIRA, L. S. **A política de educação de adultos integrada à educação profissional no Brasil: das políticas às práticas**. Revista HOLOS, 2020. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/9553/pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MARASCHIN, M. S.; WINTER, S. B. **EJA e pandemia: reflexões sobre o direito e condições de acesso**. Anais ANPED: RS, 2020. Disponível em: <<http://anais.anped.org.br/regionais/sul2020?fbclid=IwAR1GI0qI6zw8AbFW0WK-uP06ZOEpnKc9eotalt4w1ZwRmIYJUm8fPKqDe4>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

MARASCHIN, M. S.; WINTER, S. B.; Trabalho pedagógico na Educação Profissional e a pandemia: a confirmação da negação do pedagógico. In: FERREIRA, L. S.; ANDRIGHETTO, M. J.; MARASCHIN, M. S.; CALHEIROS, V. C. (Orgs.) **Trabalho**

pedagógico na educação profissional e tecnológica em diferentes contextos. Curitiba: CRV, 2021.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos** e outros textos escolhidos. São Paulo: abril Cultural, 1974.

_____. **O Capital.** Vol. I. Tomo I. Coleção Os Economistas. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. **O capital:** crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Teses sobre Feuerbach,** 1845. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm.1888>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

_____. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASCARO, Alysson L. **Crise e Pandemia,** São Paulo: Boitempo, 2020.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008

_____. **Estrutura social e formas de consciência II: a dialética da estrutura e da história.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; O desafio da pesquisa social. (Org) **Pesquisa Social; Teoria Método e Criatividade.** 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In.: **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo:** desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NETTO, José Paulo.; BRAZ, Marcelo. **Economia Política:** uma introdução crítica. Cortez, 15 Edição, 2006.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.OMS. **Organização Mundial da Saúde.** COVID-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

OXFAM, Brasil. **Organização da sociedade civil brasileira.** Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/historia/#:~:text=A%20Oxfam%20Brasil%20%C3%A9%20uma,e%20Justi%C3%A7a%20Social%20e%20Econ%C3%B4mica>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

PARO, Vitor Henrique. **DIRETOR DE ESCOLA:** Educador ou Gerente? São Paulo: Cortez, 2015. PLATAFORMA NILO PEÇANHA. Disponível em: <<http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>> Acesso em: 03 out. 2020.

PE. **PORTAL DA EDUCAÇÃO**. Disponível em:

<<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/reflexoes-sobre-a-historia-das-politicas-educacionais-no-brasil/57059>>. Acesso em: 03 set. 2020.

PROGRAD. **INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 02/2020/-** Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/instrucoes-normativas-prograd/>> Acesso em: 17out. 2020.

RAMOS, Marise. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise. (Orgs). **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, M. A educação tecnológica como política de Estado. In: OLIVEIRA, Ramon de (org). **Jovens, ensino médio e educação profissional: Políticas públicas em debate**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ROHDE, Olga Etelvina da Costa. **Educação Postural: Um estudo de suas Contribuições para a Saúde do trabalhador-estudante do Proeja**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

RORATTO, João Manoel. **Programa Educacional de Inclusão Social para o Mundo do Trabalho e Para a Vida, Direcionado aos Jovens e Adultos: Avaliação do Programa Proeja na UFSM como parte de uma Política Pública de Educação em Execução**. 2012. 337 p. Tese. (Pós-graduação Stricto Sensu em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília: DF, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Edições Almedina, S.A. Coimbra, 2020.

SARI, Vanessa Lago. **A Gestão do/no PROEJA: Experiências e Desafios de uma Escola Técnica Federal**. 2013. 48 p. Monografia. (Especialização em Gestão Educacional). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, nº 34, jan./abr. 2007.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana C. **Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto**. ANDES-SN, p. 36 a 49, 2021.

SHIROMA, Eneida O.; MORAES, Célia M.; EVANGELISTA, Olinda. **Política educacional**. Rio de Janeiro: DPA, 2004.

SECCHI, L. **Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SILVEIRA, Rozieli Bovolini. **O Programa Permanência e Êxito no Instituto Federal Farroupilha: Trabalho Pedagógico e Fracasso Escolar**. 2017. 167 p. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

TAYLOR, F. W. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Atlas, 1990.

TRABALHO ALIENADO. Disponível em: <<https://cursoenemgratuito.com.br/alienacao-do-trabalho/>>. Acesso em: 10 set. 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

_____. **O Conceito de Tecnologia**. Volume 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

_____. **Sete lições sobre educação de adultos**. 16 ed. São Paulo: Editora Cortez. 2010.

APÊNDICE I – FORMULÁRIO ESTUDANTES 2021 PROEJA-CTISM



FORMULÁRIO ESTUDANTES 2021 PROEJA- CTISM COVID-19



Questionário para conhecer a realidade dos alunos do PROEJA-CTISM que terminaram o semestre por via REDE

1- **Nome:** _____

2- **Em que fase do curso você está?**

() 1 Ano () 2 Ano () 3 Ano

3- **Com quantas pessoas você mora?** () 1 () 2 () 3 () 4 ou mais

4- **Você tem filhos?**

() Não () Sim, 01 filho () Sim, 02 filhos () Sim, 03 filhos ou mais

5- **E qual é a sua participação no sustento da sua família?**

- () sou o único responsável pelo sustento da família
- () sou o principal responsável
- () ajudo, mas não sou o maior responsável pelo sustento da família
- () não ajudo no sustento da família

6- **Qual é a sua ocupação?**

- () Estudante e ou bolsista
- () Assalariado(a) com carteira de trabalho assinada.
- () Assalariado(a) sem carteira de trabalho.
- () Free-lance / Bico / Trabalhador(a) informal.
- () Desempregado(a) (à procura de emprego).
- () Outros _____

7- **Qual a sua renda mensal PRÓPRIA (considere todas as fontes como bolsa, salário, pensão, auxílio financeiro dos pais, aposentadoria, aluguéis, benefícios sociais, bicos, etc.)**

- () Não possui renda própria.

- Até R\$1.045,00
- Entre R\$ 1.045,01 e R\$ 2.090,00.
- Mais de R\$ 3.000,00.

8- Em casa, você tem um local próprio, tranquilo para estudar e assistir as aulas online?

- Sim
- Não

9- Você já pensou em desistir do curso?

- Sim, Por quê? _____
- Não

10- Porque você escolheu o curso PROEJA de Eletromecânica do CTISM?

- apenas para concluir o Ensino Médio
- para adquirir uma profissão
- para me preparar para o vestibular
- para melhorar o salário de onde trabalho
- para melhorar minhas condições de vida(
- para conhecer novas pessoas
- outros: _____

11- Quais fatores favorecem sua permanência no curso? Você pode assinalar mais de um fator.

- exigência do meu emprego atual para conseguir emprego melhor
- para conseguir emprego
- para fazer novos amigos
- para conseguir cursar uma universidade
- para satisfação pessoal
- sinto-me bem acolhido no CTISM
- o benefício em dinheiro recebido (assistência ao estudante)
- o apoio pedagógico recebido (Coordenação do Curso, Bolsistas)
- outros.Quais? _____

13- Quais as suas principais dificuldades no curso? Você pode assinalar mais de uma.

- nenhuma
- conciliar horário de trabalho com as aulas online
- não ter com quem deixar o(s)filho(s) durante as aulas online
- pessoa na família idosa ou doente que depende de mim
- problemas familiares

- () dificuldades na aprendizagem
- () dificuldades de relacionamento com algum(us) professor(es)
- () dificuldade de relacionamento na turma
- () dificuldade de acesso a internet
- () dificuldade por não ter um local tranquilo para estudar e assistir as aulas em casa
- () outras dificuldades. Quais? _____

14- O que você diria do ensino no CTISM?

15- Você considerou importante a oferta de auxílio digital por parte do CTISM?

16- Quanto ao edital de auxílio digital, você teve facilidade em participar?

17- Por que motivo você acha que alguns estudantes desistiram do curso?

18- Sobre a sua situação referente a trabalho, você continuou empregado, foi promovido, mudou de emprego, perdeu emprego?

19- O que você considera êxito no

curso? _____

20-Quais as transformações que você teve desde que começou a cursar o PROEJA no CTISM?

Caso queira deixe aqui sugestões para melhorar a continuidade das atividades *online* do curso, ou, caso queira, deixe seu comentário sobre sua situação atual:

Obrigada pela participação!

APÊNDICE II – FORMULÁRIO PROFESSORES 2021 PROEJA-CTISM



FORMULÁRIO PROFESSORES 2021 PROEJA-CTISM



COVID-19

Questionário para conhecer a realidade dos Professores do PROEJA-CTISM

1 - Quanto tempo é professor? _____ E quanto tempo é professor do PROEJA CTISM? _____

2- Nível de Escolaridade, em qual área?

- () Graduação _____
- () Especialização LatoSensu _____
- () Mestrado _____
- () Doutorado área _____
- () Pós-Doutorado _____

3- Qual o tipo de vínculo você tem com o CTISM:

- () Docente do quadro efetivo
- () Docente Substituto-Temporário

4- Você já participou de algum tipo de formação pedagógica para atuação no PROEJA?

- () Sim
- () Sim, mas não suficiente
- () Não
- () Não sei informar

5- Você consegue relacionar aquilo que está ensinando com as experiências de vida e trabalho dos estudantes?

- () Sim () Sim, em parte () Não

6- Você está conseguindo manter as atividades propostas pelo curso de forma online, marque quantas alternativas quiser de acordo com sua realidade.

- () Moodle
- () Aulas online
- () Comunicação pelo WhatsApp
- () Não me adaptei ao sistema online

7- Em casa, você tem um local próprio, tranquilo para preparar e ministrar as aulas?

() Sim () Não

8- Quais foram os principais desafios enfrentados em tempos de atividades não presenciais?

9- Quais foram às ferramentas digitais utilizadas em tempos de aulas não presenciais?

10- O que você considera ter êxito no curso, para um estudante de PROEJA?

11- Qual o principal desafio do PROEJA no CTISM?

Caso queira, deixe aqui sugestões para melhorar a continuidade das atividades online do curso, ou, caso queira, deixe seu comentário sobre sua situação atual:

Obrigada pela participação!

APÊNDICE III – AUTORIZAÇÃO CTISM



Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e
Tecnológica
Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria



AUTORIZAÇÃO

Autorizamos a aluna Shirley Bernardes Winter, mestranda do curso de pós-graduação em nível de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do CTISM/UFSM, a realizar a pesquisa **A POLÍTICA DE EJA EPT NO CTISM: UM ESTUDO SOBRE O ACESSO, A PERMANÊNCIA E O ÊXITO**, sob orientação da professora Doutora Mariglei Severo Maraschin.

Santa Maria, 23 de Novembro de 2020.

Rafael Adaine Pinto
rafael@ctism.ufsm.br
Diretor

Prof. Rafael Adaine Pinto
Colégio Técnico Industrial - UFSM
13811-9
Rua 1713 - 11/03/11

CTISM
Av. Rocaina nº 1600
Cidade Universitária
Bairro Camobi
Santa Maria - RS
CEP 97105-900
+55 (55) 3220-8000